ROSILENE SCHWEIGER GOMES

BIBLIOTECA CENTRAL
PUC-PR

A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DO CIRURGIÃO-DENTISTA.

DO (DES)PREPARO TÉCNICO À (DESIN)FORMAÇÃO POLÍTICA

Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Professor Doutor Peri Mesquida.

CURITIBA

1998

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO, DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ.

Exame de Dissertação n.º **145**

Aos dezoito dias do mês de dezembro de um mil novecentos e noventa e oito, realizou-se a sessão pública de defesa de dissertação "**A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DO CIRURGIÃO-DENTISTA. DO (DES)PREPARO TÉCNICO À (DESIN)FORMAÇÃO POLÍTICA**", apresentada por **Rosilene Schweiger Gomes**, ano de ingresso 1996, para obtenção do título de Mestre. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes professores:

MEMBROS DA BANCA	ASSINATURA
Prof. Dr. Peri Mesquida	
Prof.ª Dr.ª Marilda Aparecida Behrens	
Prof. Dr. Ivo José Both	

De acordo com as normas regimentais a Banca Examinadora deliberou sobre os conceitos a serem atribuídos e que foram os seguintes:

Prof. Dr. Peri Mesquida	Conceito A
Prof.ª Dr.ª Marilda Aparecida Behrens	Conceito A
Prof. Dr. Ivo José Both	Conceito A
	Conceito Final A

Observações da Banca Examinadora:

Prof. Dr. Peri Mesquida
Coord. do Curso de Mestrado em Educação

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Otília e Sergio, pela confiança, carinho, amor e dedicação que conduziram a minha formação moral e intelectual.

Ao meu esposo Luciano, pelo apoio, compreensão e contribuição constante ao longo dessa caminhada.

Ao meu filho Gabriel, que me cedeu horas de atenção que eu lhe devia, todo o meu afeto.

Aos meus irmãos Edgard e Sergio, suas esposas e filhos, que mesmo a distância, foram uma fonte de incentivo.

À minha irmã Enelisa, pelo estímulo, disponibilidade e carinho.

Dedico esse trabalho.

AGRADECIMENTO

Ao Professor Doutor Peri Mesquida, por sua presença amiga, segura orientação, dedicação, disponibilidade e contribuição ao longo da consecução desse estudo.

MEUS SINCEROS AGRADECIMENTOS

Ao Chefe do Departamento de Odontologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Professor Doutor Monir Tacla, pelo estímulo e colaboração na obtenção dos documentos trabalhados nesse estudo.

Ao Professor Responsável pela Clínica Integrada da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Dr. Roberto da Veiga Eluard Cavali, pelo estímulo, apoio, colaboração e compreensão.

Aos professores e acadêmicos do nono período do Curso de Odontologia, que fizeram parte desse estudo.

Aos professores da Disciplina de Endodontia I e II do Curso de Odontologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Vania Ditzel Westphalen e Ary Fernando Guimarães Lovato, pelo apoio e incentivo.

Aos Cirurgiões-Dentistas, Paula Andrea Chandelier e Ulisses Xavier Neto.

A todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram para a consecução desse trabalho.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS viii

RESUMO ix

ABSTRACT x

INTRODUÇÃO 01

CAPÍTULO I
QUALIDADE: UM DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO 10

1 - A qualidade política 13

1.1 - A questão do marco conceitual, da ideologia e da saúde 14

1.2 - A Odontologia Flexneriana, Científica ou Convencional 17

1.3 - A influência positivista 25

1.4 - A retomada da consciência e da cidadania como fundantes da qualidade política 27

1.4.1 - A consciência 27

1.4.2 - A cidadania 31

1.5 - O que os recém formados devem saber 45

2 - A qualidade e a competência formal 48

3 - O encontro da qualidade formal com a qualidade política na metodologia do aprender a aprender 51

CAPÍTULO II
VISITANDO O CURSO DE ODONTOLOGIA DA PUC-PR 56

1 - Apresentação e características do curso 56

2 - Organização acadêmica do curso 58

3 - Identificação de problemas - considerações gerais 60

3.1 - A origem deste estudo 60

3.2 - Quanto à estrutura curricular 63

3.3 - Quanto à metodologia aplicada em aulas teóricas e práticas e o sistema de avaliação 63

3.4 - Ciclo básico e Ciclo profissionalizante 74

3.5 - A responsabilidade das Disciplinas básicas para a formação do cidadão cirurgião-dentista.....75
3.6 - Grade horária.....78
3.7 - Relação professor/aluno.....78
3.8 - O docente de Odontologia.....82
3.8.1 - Histórico.....82
3.8.2 - Ingresso e progressão na carreira docente - PUC-PR.....85
3.8.3. - Qualificação do corpo docente.....87

CAPÍTULO III
A TEORIA NA PRÁTICA E A PRÁTICA DA TEORIA: IDENTIFICANDO OS PROBLEMAS.....94

1 - Os sujeitos da pesquisa.....94
2 - O roteiro da entrevista.....94
2.1 - Roteiro dos docentes.....95
2.2 - Roteiro dos acadêmicos.....95
3 - As entrevistas.....95
3.1 - Organizando os dados.....95
3.2 - Coletando dados.....95
3.3 - Analisando dados qualitativos docentes.....96
3.3.1 - Análise final.....111
3.4 - Analisando dados qualitativos discentes.....116

CAPÍTULO IV
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....142

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....152

ANEXOS

LISTA DE TABELAS

TABELA - 01
Grupo I - Ciclo Básico - Metodologia.....64

TABELA - 02
Grupo I - Ciclo Básico - Avaliação.....65

TABELA - 03
Grupo II - Ciclo Profissionalizante - Metodologia.....67

TABELA - 04
Grupo II - Ciclo Profissionalizante - Avaliação.....68

TABELA - 05
Relação professor/aluno - disciplinas básicas -
ensino pré-clínico.....79

TABELA - 06
Relação professor/aluno - ensino pré-clínico de
técnicas odontológicas.....80

TABELA - 07
Admissão, composição e efetivação na carreira docente.....85

TABELA - 08
Concurso interno para progressão funcional na carreira
docente.....86

TABELA - 09
Número de docentes, segundo sua titulação, regime de
trabalho, com formação em Odontologia e capacitação
em cursos recomendados pela CAPES.....87

TABELA - 10
Número de docentes, segundo sua titulação, regime de
trabalho, sem formação em Odontologia e capacitação
em cursos recomendados pela CAPES.....88

RESUMO

No estudo que ora apresentamos, nos propusemos a trabalhar no horizonte da qualidade em educação, que, em uma visão geral, engloba a dimensão da qualidade política e formal, na metodologia do ensino com a pesquisa, objetivando uma melhor qualidade de vida para a sociedade. Nesse sentido, pesquisamos aspectos significativos da prática docente em vigor no Curso de Odontologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, procurando identificar as deficiências e os problemas que impediriam a formação do profissional - docente - cidadão e, consequentemente, seu desenvolvimento de maneira adequada.

Desse modo, realizamos um estudo sobre a organização do atual programa do curso, observando-se: a) a relação entre as disciplinas denominadas básicas e as de cunho profissionalizante; b) disposição das disciplinas na grade curricular - horário acadêmico; c) metodologia empregada em aulas teóricas e práticas, bem como o sistema de avaliação, tendo-se como base as Ementas das referidas disciplinas; d) relação professor/aluno. Na fase que englobou o trabalho de campo optamos pela pesquisa qualitativa, realizando entrevistas com os discentes do nono período do Curso de Odontologia e com os docentes que dele fazem parte. Nesta fase, os entrevistados puderam discorrer sobre: metodologia empregada em aulas teóricas e práticas; instrumentos de avaliação; relação professor/aluno; grade horária; relação entre o ciclo básico e o profissionalizante; aspectos legais que envolvem a profissão; desenvolvimento técnico e social dos acadêmicos e participação docente e discente em campanhas educativas, Centro Acadêmico e Congressos.

A análise dos dados qualitativos apontou para a necessidade de alterações em nível de metodologia, instrumentos de avaliação, grade horária e relação professor/aluno. Mostrou, ainda, que há a necessidade de uma melhor integração entre os ciclos básico e profissionalizante, que a visão do curso deveria ser multidisciplinar e que, no atual programa, a formação do profissional - docente - cidadão não está sendo desenvolvida de maneira adequada.

RESUMO

No estudo que ora apresentamos, nos propusemos a trabalhar no horizonte da qualidade em educação, que, em uma visão geral, engloba a dimensão da qualidade política e formal, na metodologia do ensino com a pesquisa, objetivando uma melhor qualidade de vida para a sociedade. Nesse sentido, pesquisamos aspectos significativos da prática docente em vigor no Curso de Odontologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, procurando identificar as deficiências e os problemas que impediriam a formação do profissional - docente - cidadão e, consequentemente, seu desenvolvimento de maneira adequada.

Desse modo, realizamos um estudo sobre a organização do atual programa do curso, observando-se: a) a relação entre as disciplinas denominadas básicas e as de cunho profissionalizante; b) disposição das disciplinas na grade curricular - horário acadêmico; c) metodologia empregada em aulas teóricas e práticas, bem como o sistema de avaliação, tendo-se como base as Ementas das referidas disciplinas; d) relação professor/aluno. Na fase que englobou o trabalho de campo optamos pela pesquisa qualitativa, realizando entrevistas com os discentes do nono período do Curso de Odontologia e com os docentes que dele fazem parte. Nesta fase, os entrevistados puderam discorrer sobre: metodologia empregada em aulas teóricas e práticas; instrumentos de avaliação; relação professor/aluno; grade horária; relação entre o ciclo básico e o profissionalizante; aspectos legais que envolvem a profissão; desenvolvimento técnico e social dos acadêmicos e participação docente e discente em campanhas educativas, Centro Acadêmico e Congressos.

A análise dos dados qualitativos apontou para a necessidade de alterações em nível de metodologia, instrumentos de avaliação, grade horária e relação professor/aluno. Mostrou, ainda, que há a necessidade de uma melhor integração entre os ciclos básico e profissionalizante, que a visão do curso deveria ser multidisciplinar e que, no atual programa, a formação do profissional - docente - cidadão não está sendo desenvolvida de maneira adequada.

ABSTRACT

In the present study the proposal is to work with the quality in Education, which embraces the dimension of the political and formal quality in the methodology of teaching through research, aiming a better quality of life for the society. Thus, it was studied significant aspects of the current teaching practice in the Dentistry Course, trying to identify the deficiencies and the problems that prevent the formation of a professional-professor-citizen, and consequently, his or her appropriate development.

It was carried on a study about the current syllabus of the Dentistry Course observing: a) the relationship between the basic and professionalizing disciplines; b) the academic timetable; c) the used methodology in the theoretical and practical classes as well as the evaluation system based on the context of the above referred disciplines; d) the relationship between professor and student. During the field research the qualitative approach was chosen, interviewing professors and students of the ninth period of the Course. In this phase of the work the professors and the students gave their opinions about the above mentioned items as well as about the legal aspects of the profession, technical and social development of the students and the professors' participation in educational campaigns, congresses and students associations.

The data analysis showed the need of changes concerning methodology, evaluation tools, timetable and the relationship between professor and student. It not only demonstrated the necessity of a better integration among the basic levels and the professionalizing ones, but also pointed that the course should be multidisciplinar and that the education aiming a professional-professor-citizen, in the current course program, is not being adequately developed.

ABSTRACT

In the present study the proposal is to work with the quality in Education, which embraces the dimension of the political and formal quality in the methodology of teaching through research, aiming a better quality of life for the society. Thus, it was studied significant aspects of the current teaching practice in the Dentistry Course, trying to identify the deficiencies and the problems that prevent the formation of a professional-professor-citizen, and consequently, his or her appropriate development.

It was carried on a study about the current syllabus of the Dentistry Course observing: a) the relationship between the basic and professionalizing disciplines; b) the academic timetable; c) the used methodology in the theoretical and practical classes as well as the evaluation system based on the context of the above referred disciplines; d) the relationship between professor and student. During the field research the qualitative approach was chosen, interviewing professors and students of the ninth period of the Course. In this phase of the work the professors and the students gave their opinions about the above mentioned items as well as about the legal aspects of the profession, technical and social development of the students and the professors' participation in educational campaigns, congresses and students associations.

The data analysis showed the need of changes concerning methodology, evaluation tools, timetable and the relationship between professor and student. It not only demonstrated the necessity of a better integration among the basic levels and the professionalizing ones, but also pointed that the course should be multidisciplinar and that the education aiming a professional-professor-citizen, in the current course program, is not being adequately developed.

INTRODUÇÃO

Em uma época em que a qualidade de serviços e produtos é exigida em todos os setores da sociedade, as instituições educativas precisam realizar uma constante reflexão crítica da sua prática. Neste sentido, uma nova educação torna-se necessária, pois a sociedade exige uma nova relação homem/mundo, numa visão macroambiental, global, generalista, totalizadora; é necessário, também, uma nova concepção de mundo que associe à técnica o fator humano, porque é tempo de resgatar a importância das pessoas; pessoas que possam agir sobre a realidade, que possam utilizar a energia para construir, para agir eficiente e eficazmente, que sejam capazes de criar.

Não é fácil trabalhar com estas questões. De forma geral, as novas tecnologias surgem normalmente nos países ricos e, em seguida, na nossa sociedade, através dos segmentos ricos da estrutura social; assim, temos uma tendência natural à identificá-las com interesses dos grupos econômicos dominantes. E a verdade é que servem particularmente a estes interesses.

O movimento transformador que atinge hoje a informação, a comunicação e a própria educação constitui uma profunda revolução tecnológica. Na realidade, um conjunto de transformações está levando a uma sinergia da comunicação, informação e formação, criando uma realidade nova, designada de "terceira onda"[1].

A "primeira onda", decorrente da revolução agrícola, 10.000 anos atrás, conduziu à transição da caça, procura e coleta de alimentos, para as grandes sociedades camponesas do passado, centradas na exploração da terra e simbolizada pela enxada.

A "segunda onda", decorrente da revolução industrial, 300 anos atrás, caracterizada pela massificação da produção, da distribuição, da diversão,

da educação, com o predomínio da uniformização, onde a individualidade foi suprimida, fez nascer uma civilização centrada na fábrica e simbolizada pela linha de montagem.

A "terceira onda", decorrente da revolução do conhecimento, caracterizada pela desmassificação da produção, da distribuição, da diversão, da educação, com o predomínio da diversificação, onde a individualidade é estimulada, com alterações acentuadas nos processos, para atender as necessidades dos indivíduos, fez surgir uma nova civilização centrada na informação e simbolizada pelo computador.

Este "espaço do conhecimento", representa fundamentalmente o papel do conhecimento nas relações de produção e, consequentemente na ordem e no poder mundiais. De certo modo, o processo reflete os primeiros passos do "homo culturalis", em contraposição ao "homo economicus" dos séculos XIX e XX.[2]

Enquanto na "primeira onda" o valor econômico de um produto era dado quase que exclusivamente pela matéria-prima, na "segunda onda" o valor do trabalho agregado passa a sobrepujar aquela (em vez do escravo, temos agora o trabalho assalariado). Evidentemente que o conhecimento estava presente nessas etapas, mas não possuía valor próprio. Com a "terceira onda", o valor agregado de conhecimento aos produtos supera cada vez mais o do trabalho e o da matéria-prima.

> Se tomarmos como exemplo o simples fato de escovar dentes para análise, podemos constatar que a escova de dentes é um produto que reflete a afirmação anterior: o que vale o plástico nela contido? Quantos minutos de trabalho, em grande parte cada vez mais automatizado, estamos pagando? Seu preço embute, mais do que tudo, o valor do conhecimento do "design" da escova, envolvendo equipes de desenhistas, o "know-how" dos técnicos em ergonomia da arcada dentária, os consultores e especialistas em higiene bucal, os ferramenteiros e engenheiros de

---

[1] TOFLER, Alvin. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

[2] DOWBOR, Ladislau. Os novos espaços do conhecimento. **Internet**. E-mail: lalau@ psicnet.com.br.

> produção, os homens do "marketing" e da propaganda, cuidando da embalagem, rótulo e logotipo, os profissionais de distribuição, vendas, etc.[3]

Estes padrões de mudança, de acordo com Alvin Toffler, afetam a sociedade como um todo, forçando transformações nos seus diferentes sistemas e subsistemas, tanto mudanças políticas, econômicas, organizacionais, culturais, sociais, familiares, quanto educacionais.[4]

Os analistas que trabalham com este paradigma, afirmam que à medida em que a terceira onda avança, tornamo-nos mais sensíveis às questões de conservação, ao caráter sagrado da vida e à cooperação. Quando chegar a "quarta onda", a integração de todas as dimensões da vida e a responsabilidade pelo todo, ter-se-ão tornado os elementos centrais da nossa sociedade. O reconhecimento da identidade de todos os sistemas vivos fará surgir novos modos de relacionamento e de interação que servirão tanto aos seres humanos quanto aos não humanos.[5]

A crescente incorporação de novas tecnologias (principalmente de informação, e uma nova estrutura organizacional), requer um profissional mais qualificado, com visão multidisciplinar. De acordo com Marinho, o perfil do novo profissional exigido para trabalhar nessa nova sociedade, neste novo cenário, é o de um indivíduo com capacidade potencial de trabalhar em qualquer ponto do sistema onde atuará. Visão sistêmica, criticidade, criatividade, originalidade, independência, comprometimento, capacidade de (auto)avaliação, flexibilidade, tolerância são algumas das facetas desse novo profissional.[6]

---

[3] Ibid.

[4] TOFLER, op.cit.

[5] MAYNARD, Herman Bryant; Mehrtens,Susan. **A quarta onda.** São Paulo: Cultrix,1993. e SILVA, Naveira Lenilson. **A quarta onda**. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

[6] MARINHO, Simão Pedro. **Escola de Qualidade Total - haverá espaço para uma proposta curricular emancipadora?** Http://www.gcsnet.com.br/oamis/educare/ed330200.html,5230by17Dec96.

É o momento de compreender que, como estas ondas não são estanques ou sucessivas, estamos assistindo a um choque de civilizações contrastantes e antagônicas, convivendo no mesmo tempo e no mesmo espaço, com padrões totalmente diferentes. Pensamos no desafio que esse fato coloca para os educadores, principalmente os dos países em desenvolvimento, em termos de uma competência extra para lidar com modelos tão anacrônicos.

Observamos em um primeiro momento, o Brasil, com suas ilhas de excelência de primeiro mundo (São Paulo, Rio de Janeiro), sua forte dependência de mão-de-obra intensiva, mas ainda despreparada, e seu interior (regiões do Nordeste e Norte), onde a "primeira onda" sobrevive, em meio a tragédias e injustiças sociais.

O que é que isto tudo tem a ver com a educação[7]? O profissional do futuro (e o futuro já começou) terá como principal tarefa, inicialmente, aprender a aprender? Se assim for, qual deverá ser a conduta do processo educativo no limiar deste século, que servirá de inspiração para as universidades que navegam em todas estas ondas a um só tempo? Que tipo de educação deverá receber o homem para transformar o mundo em uma sociedade melhor?

Ao pretender lançar um olhar claro e profundo sobre a educação que se pratica em determinado momento, se faz necessário situá-la no contexto social no qual está inserida. São os problemas encontrados em nossa prática diária como educadores, que nos fazem refletir o por quê de determinadas situações.

Entender as variáveis técnicas e políticas - suas relações, interferências e conseqüências - que permeiam todo o processo educativo, não é uma tarefa fácil. Principalmente quando o objetivo é atingir uma

---

[7] Nota da autora: o termo "educação" aqui utilizado, engloba o processo de produção do conhecimento e o de ensino/aprendizagem.

educação que responda positivamente aos anseios e às necessidades do mundo novo que já se faz presente.

DELIMITANDO O PROBLEMA

As implicações contidas no parágrafo acima são inúmeras. Considerar todas as variáveis não é objetivo, nem cabe neste trabalho. No presente texto, procuraremos desenvolver alguns aspectos relacionados com a **prática pedagógica vigente no Curso de Odontologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, procurando identificar as deficiências e os problemas que impediriam a formação do profissional - cidadão e, conseqüentemente, seu desenvolvimento de maneira adequada.** Cremos que as seguintes perguntas de pesquisa são pertinentes e suficientes para darmos conta do problema proposto.

Quais são os fatores relacionados com estes problemas? Programa do curso? Metodologia empregada? Falta de sensibilidade sócio-política e ética do corpo docente?

METODOLOGIA

A presente proposta de pesquisa fundamenta-se não somente em 11 anos de magistério, mas, também, em período igual de observação participante, tempo em que pudemos identificar fatores que interferem na formação do futuro profissional de odontologia. Estas deficiências podem ser traduzidas, por exemplo, na relação acadêmico/paciente, isto é, no momento de se diagnosticar as doenças, em como preveni-las, em como planejar um tratamento e/ou em como tratá-las. Referem-se à qualidade técnica da prática odontológica, e que, em um primeiro momento irá contradizer a afirmação de

que a odontologia brasileira é "tecnicamente elogiável"[8] e pode ser comparada àquela do primeiro mundo. E, em um segundo momento, em discussões realizadas em reuniões de Departamento, onde outros docentes relatam a total falta de preparo teórico e prático de seus alunos, do desinteresse apresentado pelos mesmos em reconhecer a realidade social do País. Além destas observações, relaciono as cartas denúncia da senhora Maria da Conceição Leite de Lima[9] endereçadas ao "Exmo sr. Diretor e Alunos da Pontifícia Universidade Católica do Paraná", nas quais expõe de forma clara a deficiência do trabalho executado e a falta de consciência por parte do executor.

Na tentativa de identificar os fatores que interferem na formação dos futuros profissionais de odontologia, será realizado um estudo que abrangerá as seguintes fases:

1 - Estudo sobre a organização do programa do atual curso, observando-se:

1.1 - relação entre as disciplinas denominadas básicas e as de cunho profissionalizante;

1.2 - disposição das disciplinas na grade curricular - horário acadêmico

1.3 - metodologia empregada em aulas teóricas e práticas, bem como o sistema de avaliação, tendo-se como base as Ementas das referidas disciplinas;

1.4 - relação professor/aluno

---

[8]GARRAFA,Volnei; Moysés,SamuelJorge. Odontologia Brasileira: Tecnicamente elogiável, cientificamente discutível, socialmente caótica. **Divulgação**, XII ENASTEPO, n.13, p.06-16, jul.96.

[9] LIMA, Maria Conceição Leite. **Cartas.** Barra dos Coqueiros, Sergipe. 14/08/96 e 06/10/96.

2 - Fase de trabalho de campo

Neste momento, tomamos como referencia a obra de Maria Cecília de Souza Minayo[10] e optamos pela avaliação qualitativa (pesquisa qualitativa), tendo como fundamentação a entrevista.

Inicialmente faremos um roteiro de entrevista (conversa com finalidade) visando apreender o ponto de vista dos acadêmicos do último período do curso de Odontologia, tendo como objetivo o seu parecer sobre o desenvolvimento do mesmo, a metodologia empregada pelos docentes em aulas teóricas e práticas, o sistema de avaliação e a relação professor/aluno.

A **entrevista** como fonte de informação, fornece dados, segundo Minayo, a "fatos; idéias, crenças, maneiras de pensar; opiniões, sentimentos, maneiras de sentir; maneiras de atuar; conduta ou comportamento presente ou futuro; razões conscientes ou inconscientes de determinadas crenças, sentimentos, maneiras de atuar ou comportamentos." [11]

Nesta fase, os entrevistados terão a possibilidade de discorrer sobre os temas propostos, sem respostas ou condições prefixadas pela pesquisadora. O objetivo desta fase do trabalho de campo será o de elucidar por meio das representações (respostas dadas), as implicações sócio-políticas, culturais e ideológicas de um grupo determinado (acadêmicos do 9º período), sua "capacidade política também demonstrada nas condições de prática de sua própria cidadania: até que ponto possuem consciência crítica, sabem de seus direitos e deveres, interpretam a realidade social..." [12], situados eles mesmos em condições históricas, sócio-econômicos e culturais específicas.

---

[10] MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. 4. Ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec - Abrasco, 1996.

[11] Ibid., p.108.

[12] DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa**.5.ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados,1995,p.47.

As observações feitas pelos acadêmicos nas entrevistas serão posteriormente comparadas com os questionamentos apresentados pela autora.

Na segunda etapa do trabalho de campo, realizaremos novo roteiro de entrevista (conversa com finalidade) direcionado aos docentes do Curso de Odontologia da PUC - Pr., visando apreender a visão que possuem da sua prática pedagógica e dos problemas e/ou dificuldades que enfrentam no desenvolvimento do atual curso.

Quadro resumo da fase de trabalho de campo:

1 - formulação de roteiro de entrevista direcionada aos acadêmicos quanto ao desenvolvimento do atual curso, metodologia empregada pelos docentes em aulas teóricas e práticas, sistema de avaliação e relação professor/aluno;

2 - entrevista com os docentes do curso.

JUSTIFICATIVA

Este "olhar para dentro" do curso de Odontologia será sem dúvida uma colaboração para o repensar de uma nova prática capaz de formar profissionais que (por meio desta nova prática) atendam às reais necessidades da sociedade ou, ainda, em uma reformulação do atual programa de curso que ajude (atenda) na promoção desta alteração. Como hipótese, acreditamos que esta nova prática estará diretamente relacionada às condições impostas pela forma de organização do programa fundados na ética, compromissada com uma nova visão de mundo, de sociedade.

Este mergulho no interior do curso de odontologia, é fundamental, não somente para compreender a sua estrutura interna, como também para apreender o seu funcionamento e as "relações de produção" que norteiam atitudes e práticas docentes. Estas, por sua vez, influenciam as ações e as atitudes dos discentes, futuros profissionais e futuros docentes, reproduzindo práticas que se eternizam num verdadeiro e literal círculo vicioso.

Portanto, nossa pesquisa se justifica, na medida em que procuraremos encontrar a(s) causa(s) da reprodução de práticas e comportamentos que contribuem para uma possível estagnação do curso e para a formação de profissionais e educadores descompromissados com a qualidade sócio-política e técnica dos seus serviços.

Assim, delimitamos este trabalho de investigação na questão da prática pedagógica que exerce significativa influencia: a) **na formação da prática cultural**, diretamente relacionada com o conhecimento, com o saber; b) **na competência política** - relacionada com a prática política, isto é, com o poder; c) **na competência técnica**, isto é, a prática produtiva que tem a ver com o fazer, dos acadêmicos do último período (9º) do Curso de Odontologia da Puc-Pr.

CAPÍTULO I

QUALIDADE: UM DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO

A educação abrange o desafio da qualidade, isto é, deveria ter o compromisso primeiro de ser realizada com qualidade. O que é qualidade? Como definir qualidade de ensino, qualidade em educação?

Qualidade[13] (do lat. **qualitate**)

1 - Propriedade, atributo ou condição das coisas ou das pessoas capaz de distingui-las das outras e de lhes determinar a natureza.
2 - Numa escala de valores, qualidade que permite avaliar e, consequentemente aprovar, aceitar ou recusar, qualquer coisa.
3 - Disposição moral ou intelectual das pessoas.
4 - Dote, dom, virtude.
5 - Condição, posição, função.
6 - Deprec. Espécie, casta, laia.
7 - Filos. Uma das categorias fundamentais do pensamento: maneira de ser que se afirma ou se nega de uma coisa.
8 - Filos. Aspecto sensível, e que não pode ser medido, das coisas.

Pode-se dizer simplesmente que qualidade é o que distingue uma coisa da outra, uma pessoa da outra. Pode-se tentar a junção de todas as definições encontradas no dicionário e ainda assim não se ter um conceito único, suficiente e eficaz para se descrever a idéia de qualidade.

Embora ainda seja considerada por muitos como um modismo, a qualidade persiste na sua condição de princípio maior para a gestão das organizações. Principalmente na atual situação verificada no ambiente dos negócios empresariais, essencialmente caracterizado pela excessiva oferta, a busca de um diferencial capaz de garantir um juízo favorável de valor pelo mercado, e a sua conseqüente influência na decisão pela aquisição de bens e serviços, tem sido o maior argumento a favor da qualidade nesse aspecto.

---

[13] FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p.1424.

Nesta perspectiva, a qualidade corresponde à sua condição de princípio fundamental para a competitividade, a característica que melhor define esse cenário. No entanto, esta quase única vinculação "qualidade-competitividade", não faz sentido para o processo educativo. Seria, no entanto, somente essa a visão que caracterizaria a importância da qualidade para as organizações que trabalham com a educação? A resposta a essa pergunta depende, é claro, da nossa interpretação acerca do próprio significado da qualidade.

Por um lado, a qualidade é entendida como um conjunto de conceitos, métodos e práticas que atuam na dimensão do fazer, tendo por objeto a satisfação dos clientes, promovendo a eliminação dos desperdícios e a melhoria contínua dos processos, produtos e serviços, segundo procedimentos que asseguram a uniformidade e a confiabilidade dos resultados.

Sob outro enfoque, a qualidade situa-se na dimensão do pensar, como a condição capaz de projetar e promover a inserção da organização, de forma crescente, na escala de valores da sociedade. Dessa forma, a qualidade se refere ao conjunto dos valores humanos que permeia a organização e seus membros e que, segundo uma visão compartilhada de futuro, permitem que ela cumpra com o seu objetivo permanente de suprir as demandas que a sociedade apresenta.[14]

Somente estes conceitos não são capazes de definir qualidade tal como será empregado neste trabalho. Dada a dificuldade para se definir o termo qualidade devido a sua dimensão, apoiamos-nos em Pedro Demo[15] para esclarecer esse conceito. É preciso salientar ainda, que o desafio da qualidade educacional aumenta quando se analisa o processo educativo na área da saúde. Para delimitar a construção deste capítulo, este estudo refere-se à área na qual temos experiência: a docência em Odontologia e o exercício da mesma

---

[14] SCHMIDT, Paulo Afonso. **Novas fronteiras da qualidade**. http://www.netway.com.br/ibqp/paulo.html,8702bytes,06Mar97.

[15] Nota da autora: verificar em referências bibliográficas os livros utilizados.

como profissional da saúde. Além da visão teórica e pedagógica, fartamente abordada pela literatura, apoiamos-nos na experiência vivenciada nestes anos de prática docente. Acreditamos que a teoria em qualquer situação não vive sem a prática e consequentemente a prática não sobrevive sem a teoria. Fundamentalmente, a qualidade teórica de qualquer abordagem deve estar alicerçada sobre práticas que vão incidir diretamente sobre a qualidade de vida das pessoas e essas práticas devem estar bem fundamentadas teoricamente.

Assim, qualidade em educação representa o desafio de fazer história humana com o objetivo de humanizar a realidade e a convivência social, intervindo dentro de valores e fins historicamente considerados desejáveis e necessários, eticamente sustentáveis.[16]

Não se pode falar de qualidade em educação sem se colocar como premissa fundamental qual sociedade e, por conseguinte, qual pessoa humana se deseja construir com o trabalho educativo que se realiza. A qualidade educacional deve estar garantida em cada sala de aula, por ações dos seus docentes em conjunto com os alunos, porque todos fazem parte da sociedade. Demo, enuncia: "qualidade, por sua vez, aponta para a dimensão da intensidade. Tem a ver com profundidade, perfeição, principalmente com participação e criação. Está mais para o ser do que para o ter."[17] Traduzindo para o nosso cotidiano, o "ter" compreenderia o embasamento teórico, o saber fazer - que tem como pressuposto o adestramento (habilidade) manual, as condições de realização, o conhecimento técnico; o "ser", envolveria a ética, a moral, a responsabilidade, a ação humana para melhorar a qualidade de vida das pessoas, construindo história e participando diretamente dela.

> Assim, qualidade é típica competência humana, construção histórica, seja na face formal, seja na política. Resume-se em construir e participar, perpassando a questão

---

16 DEMO, Pedro. **Educação e qualidade**. Campinas: Papirus, 1994.
17 Ibid., p.11.

> dos meios e dos fins. Faz eco ao desafio... que encontra em educação e conhecimento sua estratégia primordial.[18]

Portanto, a educação abrange o desafio da qualidade formal e política ao mesmo tempo. Neste ponto, é necessário realizar um estudo em maior profundidade sobre a qualidade formal e política na educação. Para uma melhor visualização, faremos uma separação didática entre ambas. No entanto é preciso deixar claro que esta dicotomia não existe, isto é, a educação com qualidade, atinge os dois aspectos em um plano total, que, em todos os momentos estão entrelaçadas entre si. Esta situação é claramente observada no decorrer deste trabalho. Portanto, estaremos claramente utilizando a noção de "qualidade social", pois em se tratando da organização universitária , a única noção de qualidade possível é aquela que tem a ver com a melhoria das condições de vida das pessoas e com a construção de uma sociedade mais justa e mais humana. Isso porque, "em primeiro lugar devem vir as pessoas, depois o uso."[19]

1 - A QUALIDADE POLÍTICA

> Educação política não se esgota na face propriamente política (da qualidade política), mas inclui sempre a face técnica, ligada à informação e ao ensino. Não poderia ser cidadania competente aquela desinformada, analfabeta, destituída de instrumentações técnicas para enfrentar a vida em sociedade. Qualidade formal, pois, é parte integrante.[20]

A qualidade política envolve a competência do sujeito em termos de se fazer história, diante dos fins históricos da sociedade humana. Dirige-se a fins, conteúdos, aos valores da vida, ética; é condição básica da participação; é ela que nos faz sujeitos históricos construtores do ideal de sociedade que

---

[18] Ibid., p. 147.
[19] HOBSBAW, Erick. Renascendo das cinzas. In Blacburn, R. **Depois da queda. O fracasso do comunismo e o futuro do socialismo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, p.268.
[20] DEMO, Pedro. **Pesquisa - princípio científico e educativo**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 1996, p.81

alimenta o sonho de todos.[21] Para se fazer sujeito histórico é necessário situar-se no mundo, isto é, situar-se na realidade, tentando conhecer a sociedade em que se vive, esclarecendo a sua estrutura e o seu comportamento, procurando entender as variáveis que atuam nela como um todo, para compreendermos nosso papel como cidadãos. Relacionamos a seguir, as variáveis - ideologia, positivismo, forma de produção no sistema capitalista, cidadania e o paradigma da Odontologia Científica, como fatores que influenciam na formação da qualidade política.

1.1 - A questão do marco conceitual, da ideologia e da saúde

> Qualidade política coloca características que escapam à ciência usual, a começar pela repulsa a se encerrar apenas no horizonte formal e instrumental. Mais que meios, discutem-se os fins, ou seja, a vida que vale a pena ser vivida, a sociedade que vale a pena construir, a comunidade que merece dedicação e entrega individual. Por isso, não há como falar dela sem implicação ideológica, porque qualidade política não é um pacote que se compra ou se impõe, mas questão de opção individual e social, no horizonte da liberdade possível. Quer dizer: como conquista histórica, que supõe a rejeição de propostas reconhecidas como indignas e a aceitação de outra, abraçada como construção prática de um compromisso coletivo.[22]

O marco conceitual é uma questão que representa uma construção social que resulta, historicamente, de uma multiplicidade de processos que se expressam, de uma parte, na autonomia relativa da prática e da educação odontológica e, de outra, ao nível dos conjuntos sociais em que essa prática e essa educação se constituem e se exercitam. Este marco raramente é estabelecido de forma explícita e, no geral, resulta de uma série de influências ambientais, entre elas as educacionais.

Quando tenta-se definir o marco conceitual em Odontologia neste contexto, há de se procurar os sistemas de valores, idéias e prescrições não explicitadas formalmente, que penetram educandos e educadores, conferindo-lhes uma inteligência particular que induz a uma ação educativa determinada.

---

21 DEMO, **Educação e ...** p.14.
22 DEMO, **Avaliação ...** p.58.

Fica claro, portanto, que a questão do marco conceitual pertence ao campo das ideologias, que entendemos como idéias dominantes de determinada sociedade em determinada época. São idéias que exprimem a "naturalidade" de qualquer ordem social existente e ajudam a mantê-la. K. Marx e F. Engels, definem ideologia como:

> Em todas as épocas, as idéias da classe dominante são as idéias dominantes; isto é, a classe que tem os meios de produção material à sua disposição tem, simultaneamente, o controle sobre os meios de produção mental, de modo que, falando em sentido geral, as idéias daqueles a quem faltam os meios de produção mental estão-lhes sujeitas. As idéias dominantes mais não são que a expressão ideal dos relacionamentos materiais dominantes.[23]

Para compreender que a questão da saúde bucal se configura como questão social, é necessário rever como ela se insere na globalidade e complexidade das relações no interior do modo de produção capitalista.

A gênese do capitalismo está no seio do desequilíbrio econômico e social que a concentração do capital gerou. Desse quadro resulta a dominação de quem detém o capital sobre quem detém apenas a força do trabalho. A legitimação do poder dominante, nas sociedades capitalistas, dá-se na e pela ideologia, por meio das representações, das idéias. Ainda, é preciso salientar que a ideologia vai além do campo das idéias. Ela traduz-se na inspiração, orientando a ação, tornando-se implícita na linguagem, na cultura, nas diversas maneiras de se posicionar frente às diferentes situações do cotidiano, por meio do desenvolvimento e consolidação do consenso. Assim, este campo de idéias, a ideologia, torna-se dominante, hegemônica. Dockhorn, valendo-se dos pensamentos de Gramsci, conclui que:

> a classe dominante influencia e educa segundo a sua concepção de mundo, direcionando a ação, não pela força, necessária apenas sob condições de ameaça à hegemonia, mas pela formação de líderes e intelectuais criados e **recriados** (sem grifo no original) na teia das instituições da sociedade civil, e que os intelectuais

---

[23] MARX, K; Engels, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1987, p. 72

> identificam uma categoria social que pode pertencer organicamente às diferentes classes sociais.[24]

Portanto, nas sociedades divididas em classes, em qualquer setor cultural, a produção e a transmissão do saber científico hegemônico encontram-se determinadas ideologicamente, não existindo neutralidade científica tanto na gênese como na institucionalização do conhecimento acabado.

Citando Santos:

> a função primordial da ideologia é justificar como "natural", "inevitável", e "inerente à condição humana", a existência de classes sociais, como bem demonstra a história vista em uma perspectiva a-histórica ou acrítica, como simples descrição de eventos e datas, ocultando ou reinterpretando, de acordo com os interesses dos grupos dominantes, o fato concreto da luta de classes através dos tempos.[25]

Dessa maneira, da divisão de classes nas sociedades escravocratas e feudais, chega-se ao estágio capitalista onde encontramos a burguesia como classe dominante e o proletariado como classe dominada, que tem como contradição fundamental a posse e o controle da produção econômica. Baumgarth, citado por Santos, classifica um segmento da classe burguesa, como "pequena burguesia":

> composta de profissionais liberais, professores, comerciantes, é em si mesma uma classe conservadora em constante contacto com a cúpula e com a "classe baixa". Trabalha na sombra daquela e tem como objetivo principal a necessidade de ascensão social e como valores, entre outros, a boa aparência, sala de visita arrumada, roupa bonita, pagamentos em dia, o evitar escândalos e envolvimentos com a polícia, a observação da moral.[26]

Esta classificação sugerida por Santos, de pequena burguesia, ficaria mais apropriada se a denominássemos de categoria social, pois, nesta

---

[24] DOCKHORN,Denis Marcelo Carvalho. Um estudo sobre a produção da odontologia brasileira como ideologia da lógica neoliberal e a questão da formação de recursos humanos para uma proposta contra-hegemônica. **Rev. OdontoCiência**, Fac.Odonto/PUCRS, n.20, p.99-131, 1995/2, p.105.

[25] SANTOS, Quintino Renato. **Ideologia, conhecimento e saúde**. Belo Horizonte, 1985. Tese Professor Titular da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Minas Gerais, p.28

[26] Ibid., p. 28

perspectiva, a educação na sociedade capitalista tem a escola como um de seus instrumentos de dominação, reproduzindo a sociedade burguesa, por meio da ideologia dominante, já que em última instância, o professor é o responsável, a nível operacional, pelos caminhos que o ato pedagógico deve seguir, tendo como pressuposto que sua principal função é o de transmissor das idéias e valores da classe dominante. Isto se dá porque esta idéia está tão arraigada que ele não se dá conta do processo, isto é, comumente não tem consciência do que está fazendo, até porque lhe falta o que se poderia chamar de competência teórico-crítica.

Em Odontologia, como iremos analisar mais adiante, a comunicação do saber é realizada acriticamente e se dá por meio de relações educacionais verticais, utilizando recursos humanos comprometidos ideologicamente com a classe dominante, os quais geralmente não se apercebem deste fato; como consequência, estes repassadores de conhecimentos não têm consciência de que sua prática docente está a serviço de uns poucos em detrimento da grande maioria da sociedade brasileira. Dessa maneira, poderíamos resgatar a conclusão a que chega Pablo Gentili, em um artigo onde trabalha a noção da qualidade: "qualidade para poucos não é "qualidade", é privilégio...em uma sociedade democrática e moderna, a qualidade da educação é um direito inalienável de todos os cidadãos, sem distinção."[27]

Esta forma de "ver" e "agir" da "classe" odontológica como um todo e dos docentes em odontologia, em particular, está fundada nas raízes da forma de produção do sistema capitalista e no paradigma da Odontologia Científica ou Flexneriana.

1.2 A Odontologia Científica Flexneriana ou Convencional

---

[27] GENTILI, Pablo A A O discurso da qualidade como nova retórica conservadora no campo educacional. In: Gentili, Pablo A A e Da Silva, Tadeu T. Neoliberalismo. **Qualidade Total e Educação**. Petrópolis: Vozes, 1995, p.176.

A Odontologia Flexneriana constitui uma expressão regionalizada do paradigma da Medicina Científica. Para entendê-la há que se voltar no tempo, ainda que sucintamente, à evolução da prática médica.

Até o final do século XIX, a Medicina se estruturou sob o paradigma da política médica, entendida como conceito referente às teorias políticas e práticas originadas da base política e social do estado absolutista e mercantilista, para atuar no campo da saúde, reforçando o seu caráter normatizador e higienizador.

A emergência da Revolução Industrial passou a exigir um novo modelo de Medicina, coerente com a nova forma assumida pelo de capitalismo. Os modelos sanitários anteriores não se adequavam às novas demandas da sociedade e se esgotaram, daí surgindo um novo paradigma, o da Medicina Científica. Era preciso que as funções "ocultas" da Medicina - reprodução da força de trabalho e controle social - já incluídas no sanitarismo, se tornassem mais presentes.

Nesta época, a medicina, como modelo científico tem sua atenção centrada no corpo biológico, individual, compreendendo-o como corpo-máquina, instrumento de trabalho coletivo. A partir deste enfoque, foram adotadas novas bases para a investigação médica, centradas na fisiologia, patologia e anatomia patológica, como suporte para a implementação de ações curativas com a reparação instrumental e fragmentada do corpo-máquina.

Em 1883, com a criação da Faculdade de Medicina da Universidade de John Hopkins, o paradigma da Medicina Científica começou a institucionalizar-se. A consolidação desse processo se deu por meio das recomendações do Relatório Flexner, publicado em 1910, pela Fundação Carnegie.

Este documento surgiu como produto da iniciativa de uma Fundação que escolheu como objeto de seu trabalho estudos no campo da educação profissional em Direito, Teologia e Medicina. De acordo com Mendes, na

época, para sua implementação, as fundações privadas aplicaram em um prazo de vinte anos, mais de 150 milhões de dólares. Além do interesse das grandes indústrias, há que se ressaltar a participação, na origem e na consecução do Relatório Flexner, da profissão organizada, via Associação Médica Americana. Pode-se concluir que a Medicina científica se institucionalizou através da ligação orgânica entre o grande capital, a corporação médica e as Universidades.[28] O novo paradigma determinou mudanças substantivas no objeto, nos propósitos, nos recursos e nos agentes da Medicina, levando a uma configuração de um marco conceitual que passa a referenciar a prática e a educação médicas.

O surgimento deste modelo assistencial (medicina científica) de produção de conhecimento e de ensino médico relacionou-se com o período em formação do capitalismo monopolista nos países industrializados da Europa e, principalmente, nos Estados Unidos da América, que estavam em fase crescente de industrialização. Neste país (EUA), a industrialização vinha se fazendo por meio de um gradual processo de concentração que preparou o aparecimento de monopólios, os quais se expandiram rapidamente. Na primeira década do século XX, a participação de monopólios na produção já atingia 50% na industria textil, 62% na industria alimentícia, 77% na industria metalurgica e 81% na industria química.[29]

Desse modo, o estado moderno passou a conviver com a necessidade de criar condições para a reprodução da força de trabalho e ao mesmo tempo, foi pressionado por uma classe operária cada vez mais organizada e reivindicatória no sentido de alcançar melhores condições de trabalho e de qualidade de vida. A medicina, neste contexto, como prática profissional, foi utilizada como instrumento supostamente capaz de resolver estas questões,

---

[28] MENDES, Eugênio Vilaça. **Modelo Transicional de Ensino da Odontologia**. Belo Horizonte, Fundação Mariana Resende Costa, 1982.

[29] FIGUEIREDO, Lucia Maria Horta. **" Depois que forma, muda." Estudo da relação médico-paciente no âmbito da prática docente-assistencial.** Belo Horizonte, 1992. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, p. 21.

sem contudo tocar no âmago das contradições geradas pelo modo de produção capitalista.

Neste período, dois tipos de pesquisas foram estimulados:

1) pesquisas que visavam maior produtividade no trabalho, com o objetivo de investigar, por exemplo, o efeito da fadiga muscular sobre a produtividade, utilização e consumo energético na fisiologia do trabalho e métodos para redução de fadiga;

2) pesquisas em doenças parasitárias e infecciosas, uma vez que tais doenças dizimavam populações de trabalhadores.

Observa-se, neste contexto, que a preocupação era o estudo do rendimento e proteção do corpo humano com o intuito de se obter uma maior produtividade no trabalho, em uma jornada menor, já que a classe trabalhadora estava se organizando em sindicatos e estava mais ciente de seus direitos.[30]

As principais propostas vinculadas ao relatório Flexner no âmbito da educação profissional, foram as seguintes:[31]

1) definição de padrões de entrada nos cursos de graduação e ampliação dos mesmos para quatro anos;

2) introdução ao estudo laboratorial;

3) estímulo à docencia em tempo integral;

4) expansão do ensino clínico, especialmente em hospitais;

---

[30] Nota da autora: ainda hoje, observam-se alguns procedimentos por parte das empresas no que diz respeito à saúde bucal de seus futuros funcionários. Como supervisora do Pronto Socorro Odontológico do Hospital Cajuru, vinculado a PUC-Pr., tivemos oportunidade de receber encaminhamentos de colegas de profissão, para serem realizadas exodontias (extrações dentárias) em pacientes cujos dentes apresentavam cáries profundas, mas eram passíveis de tratamentos restauradores . Tal medida "profilática" era condição para que o futuro funcionário fosse admitido na empresa onde estava pleiteando o cargo.

[31] FIGUEIREDO, op. cit., p. 22.

5) vinculação das escolas médicas às universidades;

6) ênfase à pesquisa biológica;

7) vinculação da pesquisa ao ensino;

8) estímulo à especialização;

9) controle do exercício profissional.

Desse modo, o Relatório Flexner iniciou uma verdadeira revolução na educação e na prática profissional médica. A medicina era concebida como uma ciência fundamentada na química, biologia e física e a prática médica compreendida como aplicação daquelas ciências através do método clínico. A educação médica passou a ser vista como aquisição das ciências médicas e das ciências que a fundamentavam, assim como capacitação para o método científico.

A Odontologia, como especialização médica, apreende também este paradigma, denominado de Odontologia Flexneriana ou Odontologia Científica que, de acordo com Mendes,[32] se constitui dos seguintes elementos ideológicos:

a) Mecanicismo - analogia do corpo humano com a máquina, que se materializa na crescente especialização e perda da perspectiva de totalidade nas suas várias abrangências; pressupõe o reconhecimento do corpo humano com a máquina, elemento importante do modo de produção dominante;

b) Biologismo - pressupõe o reconhecimento, exclusivo e crescente, da natureza biológica das doenças e de suas causas e conseqüências. Assim, o novo paradigma procura absolver os fatores determinantes de natureza econômica e social na causação das doenças.

---

[32] MENDES, op. cit.., p.13.

c) Individualismo - a odontologia científica é duplamente individualista. Primeiro, ao eleger, como seu objeto, o indivíduo; segundo, ao aliená-lo, excluindo da sua vida os aspectos sociais. Assim, **pode-se imputar ao indivíduo a responsabilidade pela sua própria doença.**

d) Especialização - sem negar o crescimento exponencial do conhecimento odontológico que influencia a especialização, entende-se contudo, que esse processo também ocorreu por outras razões:

d.1 - Em uma perspectiva ideológica, em função do mecanicismo que impôs a parcialização abstrata do objeto global, segundo um esquema contraditório que aprofunda o conhecimento específico e que atenua o conhecimento global.

d.2 - Em uma perspectiva econômica, a especialização decorreu das necessidades da acumulação do capital que exigiu a fragmentação do processo de produção e do produtor, via divisão técnica do trabalho, relacionada com a divisão da própria sociedade.

e) Exclusão de práticas alternativas - a viabilização do paradigma da Odontologia Científica se fez com base na sua supremacia sobre outras práticas alternativas consideradas, a priori, ineficazes.

f) Tecnificação do ato odontológico - a Odontologia Flexneriana estruturou a engenharia biológica - calcada na tecnificação do ato odontológico - como parâmetro de qualidade , o grau de densidade tecnológica da prática em detrimento da capacidade de promover ou restaurar a saúde e prevenir as doenças.

g) Ênfase na odontologia curativa - o novo paradigma concentrou sua atuação na odontologia curativa, porque de um lado esse é o setor mais suscetível de incorporar tecnologia e, de outro, porque prestigiar o diagnóstico e terapêutica significa valorizar o processo fisiopatológico em detrimento da causa.

Há, portanto, uma opção clara em favor do paradigma positivista, como podemos verificar ainda nas observações que se seguem.

A esses elementos ideológicos, somam-se outros, pertinentes à sociedade como um todo, e que se reproduzem no campo educacional. No seu conjunto, tais elementos ideológicos constituem o marco conceitual do ensino tradicional fundado na concepção social positivista de mundo. Esse pano de fundo ideológico leva à construção de um modelo tradicional de educação odontológica, prevalecente no Brasil, e que pode ser caracterizado a partir de um tipo ideal, reforçando suas características arquiteturais que, baseando-nos em Mendes[33], seriam as seguintes:

a - Quanto à integração das funções educacionais - as funções clássicas: docência, serviço e pesquisa são tratadas isoladamente.

b - Quanto à definição do conteúdo do ensino - definido a partir do conhecimento existente e com critérios de bom senso.

c - Quanto à estruturação do plano de cursos - estruturado em disciplinas por especialidades odontológicas.

d - Quanto às relações de conhecimento - a teoria antecede à prática, o básico antecede ao clínico e há grande ênfase na simulação; portanto, não há lugar para a avaliação crítica.

e - Quanto à orientação geral do currículo - dirigido para a doença ou lesão, com ênfase nos elementos curativo e reabilitador.

f - Quanto ao espaço educacional - é dicotômico, mas o espaço interno anula ou desconhece o espaço externo. Ensino intra-muros, isto é, as visitas em Colégios, Postos de Saúde, etc., são raras ou inexistentes, permanecendo

---

[33] MENDES, op. cit., p. 14.

quase que exclusivamente dentro do espaço físico da Universidade, fazendo com que o acadêmico desconheça a realidade externa.[34]

g - Quanto à natureza dos recursos humanos formados - um profissional, de modo geral, cirurgião-dentista a nível de graduação e especialização na área odontológica.

h - Quanto ao uso de tecnologia - ensino centrado no uso e difusão de tecnologia sofisticada.

i - Quanto à metodologia de ensino - centrada em aulas expositivas

j - Quanto à estrutura física - desintegrada através de áreas alocadas especificamente em departamentos ou disciplinas.

l - Quanto ao planejamento educacional - realizado exclusivamente por professores.

m - Quanto à natureza do pessoal docente - especializado por disciplinas.

n - Quanto à relação professor-aluno - autoritária e/ou paternalista.

o - Quanto à natureza da pesquisa - ênfase na pesquisa biológica.

Este modelo de odontologia científica como prática dominante, baseado em crescente complexidade tecnológica, voltado para a cura do corpo biológico e individual, mostra-se ineficiente como política de saúde.

A importância das descobertas científicas e das inovações tecnológicas é inegável. No entanto, há de se apontar a sua ineficácia para prevenir e preservar níveis de saúde bucal adequados para a população em geral, já que este modelo "científico" apresenta a face da desigualdade, que se

---

[34] WESTPHALEN, Vania Portela Ditzel. **A importância da formação técnico-humanista do cirurgião-dentista para o exercício da sua função social.** Curitiba, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, PUC-Pr.

manifesta primeiramente na inacessibilidade aos serviços de saúde bucal e até mesmo na baixa cobertura destes serviços.

> É necessária a superação do modo de produção, baseado na dominação política e na exploração econômica, que é o modo de produção capitalista, e que não pode constituir-se a base de uma sociedade de qualidade de vida superior, uma sociedade verdadeiramente humana.[35]

> Não existe emancipação política sem emancipação econômica e vice-versa.[36]

A falácia do modo de produção em vigor quando alardeia a presença da democracia nas formações sociais se traduz precisamente no fato que "democracia" exige determinado nível de igualdade no gozo dos direitos políticos e civis, de acordo com a "Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão", da Revolução Francesa (1791). Dessa maneira, o acesso à profilaxia da doença e a sua cura, precisaria ser universalizado, e isso só seria possível com determinado grau de igualdade econômica e com a necessária consciência política, fatores que fazem um homem ser também cidadão.

Uma sociedade somente será constituída de cidadãos na medida em que todos os seus membros tiverem acesso e puderem gozar da riqueza nacional e dos meios necessários de acesso à saúde, à educação e a uma vida digna.

1.3 - A influência positivista

Ao avaliarmos as palavras utilizadas por Mendes para caracterizar a Odontologia Flexneriana (científica, biologismo, individualismo, tecnicismo, etc.), observamos a influência do paradigma positivista, centrado dogmaticamente na razão. Giroux, citado por Santos[37], vê a razão "como

---

[35] GADOTTI, Moacir In: Demo, **Avaliação ...** , p.05.
[36] DEMO, **Pesquisa - princípio ...** , p.81.
[37] SANTOS, op. cit., p. 37.

representando a mais elevada potencialidade do homem e da existência, pelo fato de ter em sua essência o poder da crítica e da negação". Ainda Giroux: "a crise da razão acontece quando a sociedade se torna mais racionalizada e, sob tais circunstâncias históricas, perde sua faculdade crítica por exigência da harmonia social, tornando-se assim, um instrumento da sociedade existente". Nesta perspectiva, a razão consegue alienar os homens, inclusive os educadores, pois, grande parte dos homens da ciência profissionalmente estabelecidos, não chegam a descobrir a importância da reflexão teórica e filosófica sobre seu próprio trabalho e sua condição humana. Continuando com Giroux, citado por Santos[38], o pensamento positivista,

> por não refletir sobre suas premissas paradigmais, ignora o valor da consciência histórica e, consequentemente, ameaça a natureza do próprio pensamento crítico e, ... sob a máscara da neutralidade, o conhecimento científico e toda teoria tornam-se racionais ... dentro dos limites de uma estreita metodologia quantificadora.

Dessa maneira, a "neutralidade científica" serve como uma forma de ideologia hegemônica, que "fundiu a racionalidade positivista ao conservantismo político, tornando-se a primeira uma propriedade do status quo."[39]

Ainda, como uma tentativa de explicar as raízes da Odontologia Flexneriana ou Científica e seu fundamento teórico positivista, é necessário rever resumidamente a práxis fundamental deste paradigma, o cientificismo, citado por Santos:[40]

a) O cientificismo afirma que só o conhecimento científico é verdadeiro e real; as experiências devem ser expressas quantitativamente e serem passíveis de se repetir em laboratórios; devem ser válidas universalmente, independente das condições sociais e das formas culturais.

---

[38] Ibid., p. 38.
[39] Ibid., p.38.
[40] Ibid., p. 39-41

b) O cientificismo faz entender claramente que o ideal da ciência é atingir uma concepção mecanicista, formalista ou analítica da natureza, isto é, toda a realidade, incluindo experiências, relações humanas, forças sociais e políticas, devem ser expressas numa linguagem formalizada, em termos de partículas elementares, e sem o uso da reflexão crítica.

c) O conhecimento, quer em seu desenvolvimento, quer em sua transmissão pelo ensino, deve ser fragmentado em várias especialidades.

d) O conhecimento científico deve fundar-se exclusivamente na razão, tendo como instrumento particular o método experimental - indutivo.

Neste "vôo panorâmico" sobre o cientificismo podemos observar a influência que o mesmo projetou sobre a Odontologia, não esquecendo, todavia, que este cientificismo projetou-se por todo o setor da Saúde. Como conseqüência deste modo de pensar acrítico, podemos passar à crise da saúde que se alastra no Brasil, atingindo-nos a todos.

Para finalizar, a síntese do pensamento cientificista, nas palavras de Japiassu, citado por Santos[41]:

> surge como que para decretar o fim de toda filosofia, pois o discurso científico seria capaz, por si só, de enunciar todas as verdades... se apresenta mesmo como uma doutrina ou uma teoria do conhecimento ... que pretende, por princípio, invalidar toda e qualquer outra forma de conhecimento que não satisfaça às exigências do conhecimento positivo propriamente dito.

1.4 - A retomada de consciência e da cidadania como fundantes da qualidade política

1.4.1 - A consciência

Um número cada vez maior de pessoas ao redor do mundo está chegando à conclusão de que a consciência é um elemento primordial, de que a mente ou espírito tem uma realidade comparável à dos objetos materiais.

---

[41] Ibid., p. 41.

Reexaminando os pressupostos, os valores e a direção que dão à sua vida, as pessoas vêem a si mesmas, cada vez mais, como as criadoras de suas realidades. Acentuam a interligação e a integralidade - de todos e de tudo - e afirmam o papel central da sabedoria e da autoridade interior. Com muita freqüência, elas assumem o compromisso de procurar deixar no mundo a sua marca. A mudança de consciência representa uma alteração fundamental que coloca em questão toda a nossa visão de mundo, bem como todos os pressupostos conscientes e inconscientes que lhe servem de base. A consciência nos mostrará que é possível mudar o paradigma atual de dominação e lucro na área odontológica, para um modelo diferente, relacionando e utilizando conhecimentos científicos e tecnológicos, que nos permitam sobreviver e satisfazer nossas necessidades básicas, porém, também permitindo colaborar na construção e na transformação da sociedade, participando na resolução dos problemas de saúde bucal do País. Somente com a consciência e o reconhecimento da realidade social e da realidade da saúde bucal brasileira, reconheceremos a essência dos problemas e a possível resolução dos mesmos. Neste sentido, a Universidade deve e pode desempenhar um papel de fundamental importância.

A capacidade para a resolução destes problemas requer o conhecimento em profundidade da realidade social, da especialização científica e da ética. A nova consciência deste novo profissional e/ou educador fa-lo-á crítico, criativo, competente, com habilidades psicomotoras, cognitivas, empreendedoras, afetivas e de comportamento capaz de solucionar os principais problemas da saúde individual e coletiva da população. Estas habilidades podem ser denominadas de habilidades intelectuais, pois relacionam-se com a inteligência, com o intelecto, que se considera a faculdade pela qual o ser humano pensa, reflete e constrói sua concepção de mundo, agindo com consciência das causas e das possíveis soluções dos problemas. Portanto, este profissional deverá não somente dominar e praticar o conhecimento já produzido e organizado em determinada forma, como também ser capaz de reorganizá-lo, criando novos conhecimentos capazes de

construir as soluções que requerem os problemas particulares com os quais se confronta; indo além da memorização, deve utilizar sua inteligência e sua consciência com a finalidade de perceber objetivamente a realidade, analisando-a, decodificando-a e criando as melhores ações possíveis para superá-la.[42]

A educação é a principal responsável pela estrutura da consciência, logo, da vontade e, conseqüentemente, da conduta humana. Assim, a educação e as suas ambiências é que são competentes para construir as consciências, não esquecendo todavia que a consciência e a educação são produzidas por meio de orientações e motivações de um processo de convivência e participação que permitam a criação do novo.[43]

"A empatia alimenta-se da autoconsciência; quanto mais abertos estamos para nossas emoções, mais hábeis seremos na leitura de sentimentos."[44] A capacidade de saber como o Outro se sente (empatia) penetra em uma vasta gama de áreas da vida, desde vendas e administração, paternidade, piedade e ação política. Esta capacidade faz com que haja envolvimento entre as pessoas, onde, "a dor do outro é nossa"[45] , fazendo com que nos envolvamos com o sentimento do outro. Destarte, etimologicamente o vocábulo "consciência" é constituído de duas palavras: "com" e "sciência", que, juntas, significam a capacidade de "saber compreender a apreender a realidade na sua totalidade e em interação"[46] Tem, portanto, um sentido individual e coletivo. Hoffman, citado por Goleman[47], afirma "que as raízes da moralidade se encontram na empatia" pois é o partilhar da sua aflição que leva as pessoas a agirem para ajudá-las, que leva as mesmas a seguirem certos

---

[42] PORTILLO, Jorge Cordon. Avaliando os cursos de odontologia. **CFO Informa**. Brasília, abril/97.
[43] SÁ, Antônio Lopes. **Ética profissional**. São Paulo: Atlas,1996.
[44] GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. 28. ed. Rio de Janeiro: Objetiva,1995, p. 109.
[45] Ibid., p. 118.
[46] MESQUIDA, Peri. (mimeo)Texto Educação Brasileira, Curitiba,1998, p.62.
[47] GOLEMAN, op. cit., p.118.

princípios morais. Refere-se portanto, ao agir humano, aos comportamentos cotidianos, às opções existenciais.

A moral à princípio é uma pesquisa, uma procura daquilo que é necessário fazer, uma pesquisa daquilo que é certo. Pressupõe um esforço de reflexão e de criação, incluindo uma reflexão sobre os fundamentos da ação e das opções, ou ainda, sobre o fundamento da obrigação, do dever, de acordo com as normas e preceitos estabelecidos. Em um segundo momento, pode-se definir a moral como um conjunto organizado sistemático e hierarquizado de regras ou de valores; neste caso, a aplicação da palavra "moral", admite aplicações diversas. Pode referir-se a um indivíduo, (moral pessoal) isto é, ao conjunto mais ou menos organizado e coerente de valores, de regras, de direções de vida. Ou ainda, referir-se às exigências, aos valores, aos princípios que servem de base e de justificativa para o comportamento de um grupo ou de uma sociedade. Finalmente, a palavra "moral", nos envia a uma prática, referindo-se a uma experiência concreta do cotidiano. A moral "vigia" o esforço para a aplicação de princípios que influenciam na ação dos valores que possuímos e na exortação feita ao próximo, tendo em vista viver desta ou daquela maneira. Na maioria das vezes existe uma distância entre a moral proposta e a moral vivida, entre a realidade e o ideal. Esta constatação toma em profunda consideração a condição humana existencial: necessidade de um ideal que questione e que levante o ânimo, e uma necessidade paralela de um espaço de caminhada. Ainda, torna-se claro que a "moral" tem a ver com o estágio em que se encontra o modo de produção em vigor, e com a capacidade que os "descontentes" tem de colaborar para modificá-la ou superá-la, criando uma nova "moral".

Queremos deixar claro que esta retomada de consciência e da capacidade empática, não é apenas uma saída romântica para transformar a educação em uma concepção individualista e com regras morais como saída na transformação interna e consequentemente externa, dos indivíduos; isto é, não se resume em formar o cidadão, o homem social, em formar valores,

hábitos e comportamentos que ornamentam o homem natural. Mas, além de tudo, uma educação que prepare para o convívio social e político, onde se aprende a ser sujeito de direitos e deveres e se lute por eles. Tomamos como ponto de partida uma reflexão individual onde nossas ações dirigidas a outros seres alimentem-se da empatia, tendo como conseqüência, o envolvimento e a cooperação na transformação da realidade social em um futuro mais esperançoso e de maior qualidade para todos, portanto de qualidade social.

A realidade é que esta retomada de "consciência" nos faz refletir sobre o papel que desempenhamos na sociedade e a necessidade da saúde como direito de cidadania. Dessa maneira, não seria exagerado concluir este parágrafo resgatando, em síntese, os conceitos de Goldmann[48] sobre a "consciência possível" e a "consciência real". É fundamental que a universidade procure oferecer condições para que o futuro profissional por ela formado adquira não somente o máximo de consciência da realidade que o cerca e na qual está inserido, mas também, conheça de fato a realidade e atue sobre ela para transformá-la, melhorando-a no seu conjunto, em benefício da maioria da população.

1.4.2 - A cidadania

Na Roma antiga significava o habitante da cidade (civitatanus); na Roma clássica referia-se a todo indivíduo nascido no território do império romano, independente da sua etnia de origem, gozando de direitos políticos e civis, com exceção dos servos e escravos.[49]

Na Grécia, conforme Aristóteles, cidadão era o "homem político" - anthropos politikós- eram os indivíduos nascidos em Esparta, Atenas ou outra cidade grega, exceto os servos, escravos e os homens e mulheres pobres.

---

[48] GOLDMANN, Lucien. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.146.
[49] MESQUIDA, Peri. Cidadania, confessionalidade e educação. **Revista do Cogeime**, Piracicaba, São Paulo, ano 6 n.8, p.105-129, junho, 1997.

Estava relacionado com aqueles que possuíam poder (econômico, político e do saber)[50].

Estas sociedades, grega e romana, embora escravagistas, promoveram em suas cidades certo exercício de cidadania. Do século V ao XIII surgiu a sociedade feudal, que era rural. Em torno do século XV, desenvolveu-se a sociedade capitalista com a ascensão da burguesia contra o feudalismo. No processo de luta da burguesia por ascensão social frente ao feudalismo, é importante lembrar a revolução Francesa, porque está nela o traço mais marcante da volta ao exercício da cidadania. A burguesia do século XVIII consolidou-se economicamente, mudando a sociedade, conquistando o poder político e instaurando a democracia burguesa, cujos primeiros sinais são as declarações dos Direitos do Homem e do Cidadão. A Declaração de 1789 serviu de base para a Constituição de 1791, elaborada pela Assembléia Constituinte e inspirada nas doutrinas dos filósofos iluministas (liberdade, propriedade, igualdade perante a lei, soberania nacional).[51]

Quanto à propriedade, a declaração de 1789 enunciava em seu artigo 17: "A propriedade sendo um direito inviolável e sagrado, ninguém pode ser dela privado, senão quando a necessidade pública, legalmente constatada, o exige evidentemente e sob a condição de uma justa e prévia indenização."[52] As declarações seguintes sofreram algumas transformações, mas afirmam o direito à propriedade e " o proprietário é o cidadão, ou seja, é o critério do civismo."[53]

Com as revoluções burguesas e com a Revolução Francesa se instaura de vez a burguesia como classe dominante e o capitalismo como modo de produção. Neste contexto, a valorização do trabalho é o primeiro

---

[50] Ibid.
[51] BUFFA, Ester; Arroyo, Miguel; Nosella, Paolo. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?** 5.ed. São Paulo: Cortez, 1995.
[52] Ibid., p. 26.
[53] Ibid., p. 26.

marco para a existência da cidadania, já que neste momento ele passa a ter valor. Do mesmo modo, a burguesia como classe dominante passa a defender direitos somente para quem possui propriedade. Ainda, o fato de que as Cartas Constitucionais estabeleciam direitos iguais a todos os homens e acenavam para o fim das desigualdades sociais, culminou com a reorganização e ratificação pela ONU da Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948).

Ser cidadão portanto, significa ter direitos e deveres, tornando-se membro ativo da sociedade, um ser soberano. A proposta mais clara de cidadania contida na Declaração Universal dos Direitos Humanos é a de que todos os homens são iguais, ainda que perante a lei, sem discriminação de raça, credo ou cor. A todos cabem o domínio sobre seu corpo e sua vida, o acesso a um salário condizente, para promover a própria vida, o direito à educação, à saúde, à habitação, ao lazer. É direito de todos poder expressar-se livremente, militar em partidos políticos e sindicatos, fomentar movimentos sociais, lutar por seus valores. Ele também tem deveres: ser o próprio fomentador da existência dos direitos a todos, ter responsabilidade em conjunto pela coletividade, cumprir as normas elaboradas e decididas coletivamente, fazer parte do governo, direta, ou indiretamente ao votar. A cidadania envolve direitos civis, sociais e políticos. Os direitos civis dizem respeito basicamente ao direito de dispor do próprio corpo, segurança, locomoção, etc. Os direitos políticos dizem respeito à deliberação do homem sobre sua vida, ao direito de livre expressão de pensamento e prática política, religiosa. Relacionam-se principalmente à convivência com os homens em organismo de representação direta (sindicatos, movimentos sociais, etc.) ou indireta (eleição de governantes) resistindo a imposições dos poderes (greves, movimentos). Os direitos sociais dizem respeito ao atendimento das necessidades humanas básicas, são todos aqueles que devem repor a força

de trabalho, sustentando o corpo humano - alimentação, habitação, saúde, educação.[54]

Bobbio[55] afirma que:

> Os direitos sociais representam direitos de participação no poder político e na distribuição da riqueza social produzida... e são a priori imprevisíveis, mas hão de ser sempre atendidos onde emerjam do contexto social... representam a via por onde a sociedade entra no Estado, modificando-lhe a estrutura formal.

Ao mesmo tempo, afirma que os direitos fundamentais (liberdade pessoal, política e econômica) representam a tradicional tutela das liberdades burguesas. Elas constituiriam um dique contra a intervenção do Estado e a garantia do status quo.

O que diz a Constituição Brasileira[56] do "ser cidadão"? Será útil, comentar algumas dimensões contidas em seu texto.

> **TÍTULO II - DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS**
> **CAPÍTULO I - DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS**
> **ARTIGO 5º**
> "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, ..."
>
> **TÍTULO II - DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS**
> **CAPÍTULO IV - DOS DIREITOS POLÍTICOS**
> **ARTIGO 14**
> " A soberania popular será exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual para todos, e, nos termos da lei, mediante ..."
> **CAPÍTULO II - DOS DIREITOS SOCIAIS**
> **ARTIGO 6º**
> " São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição."
>
> **TÍTULO VIII - DA ORDEM SOCIAL**
> **CAPÍTULO II - DA SEGURIDADE SOCIAL**
> **Seção II - Da Saúde**
> **ARTIGO 196**

---

[54] MARITAIN, Jacques. **Os direitos do homem e a lei natural.** 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, novembro, 1967, p. 102-112.

[55] BOBBIO, Norberto; Matteucci, Nicola; Pasquino Gianfranco. **Dicionário de política**. 6.ed.Brasília:Editora Universidade de Brasília, 1994, p. 401.

[56] BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1996

> A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantindo mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação

A ordem constitucional brasileira assegura a inviolabilidade de cinco direitos fundamentais: o direito à vida; direito à liberdade; direito à igualdade; direito à segurança e direito à propriedade.

Em uma perspectiva filosófica ou jusnaturalista, os direitos fundamentais podem ser vistos enquanto direitos de todos os homens, em todos os tempos e em todos os lugares; podem ser também considerados direitos de todos os homens (ou categorias de homens) em todos os lugares num certo tempo - perspectiva universalista ou internacionalista; ainda, podem ser referidos aos direitos de certos homens (cidadãos) num determinado tempo e lugar, isto é, num Estado concreto - perspectiva estadual ou constitucional. (Vieira de Andrade)[57]

O artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos manifesta: "Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos e, dotados que são de razão e consciência, devem comportar-se fraternalmente uns com os outros."

Montesquieu, segundo Ferreira[58] define **liberdade** como "direito de fazer tudo aquilo que as leis permitem." O Artigo 4º da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, expressa: " A liberdade consiste em poder fazer tudo aquilo que não prejudica a outrem; assim, o exercício dos direitos naturais de cada homem não tem outros limites senão os que asseguram aos membros da sociedade o gozo desses mesmos direitos. Estes limites somente podem ser estabelecidos pela lei."[59] Somos moralmente responsáveis pela elaboração

---

[57] BRASÍLIA. Tribunal Regional Federal da 1ª Região. Gabinete da Revista. **A Constituição na visão dos tribunais: interpretação e julgados artigo por artigo**. São Paulo: Saraiva, v. 1, 1997, p.14.

[58] FERREIRA, Pinto. **Comentários à Constituição Brasileira**. São Paulo: Saraiva, v.1,1989, p. 61.

[59] Ibid., p. 61.

destas leis, pois por meio da participação direta (voto) elegemos quem as elabora.

A liberdade faz parte essencial da história da humanidade, que pelos seus atos, pela sua liberdade de escolha entre duas ou mais alternativas, pode tanto construir como destruir. É na organização social e política que se criam os maiores entraves à liberdade, pois são nestas organizações que são criados os condicionamentos restritivos ao exercício da mesma. Como conseqüência destas dificuldades criadas pelo próprio homem aparece a exploração social e econômica, que de maneira geral também influencia o exercício da liberdade individual ou coletiva. O importante é sabermos que podemos lutar contra estes entraves, pois a liberdade nos oferece a possibilidade de corrigir os meios necessários para que a sociedade torne-se mais justa.

O princípio de **igualdade** é norma constitucional básica, também chamada de princípio da isonomia, consistindo na igualdade jurídico-formal de todos diante da lei. Tem como objetivo a extinção de privilégios. A síntese do texto constitucional abrange qualquer diferença de tratamento advinda do Legislativo, do Executivo e do Judiciário por motivo de raça, nascimento, classe social, riqueza, sexo, etc. Citando Ferreira[60]: " Não se trata evidentemente de igualdade absoluta, nem de igualdade econômica, conduzindo ao nivelamento social... " Segundo o mesmo autor, a cláusula que fundamenta o princípio da igualdade tem sentido específico: "O que o princípio da isonomia propõe é o tratamento igual aos realmente iguais, igualdade real e não nominal, igualdade integral e não incidental ou particular." (decisão do TSJP, RT, 411:182)

Citando João Mangabeira[61]:

---

[60] Ibid., p. 62.
[61] BRASÍLIA, op cit., p. 14.

> Consiste a igualdade em considerar desigualmente condições desiguais de modo a abrandar, tanto quanto possível, pelo direito, as diferenças sociais e por ele promover a harmonia social, pelo equilíbrio dos interesses e da sorte de classes. A concepção individualista do direito desaparece ante a sua socialização, como instrumento de justiça social, solidariedade humana e felicidade coletiva.

A questão da igualdade atinge o âmago da estrutura do poder. Se, por um lado, a desigualdade social é parte estrutural da história do mundo capitalista, de outro, em cada história concreta ou particular ela aparece imposta e/ou causada, e portanto, injusta. Se, realmente, " todos fossem iguais, a lei seria dispensável."[62] A lei existe para harmonizar a desigualdade. Portanto, numa eventual ou utópica sociedade sem classes, não existiria lei, tal qual ela se apresenta na sociedade, pois haveria um nivelamento social que faria de todos cidadãos.

O conceito de **propriedade** previsto na Constituição vigente é amplo. No direito civil esta propriedade é o direito de usar, gozar e dispor de uma coisa. No direito constitucional representa um direito de conteúdo econômico-patrimonial. " O direito de propriedade é garantido, mas deve atender à sua função social." [63] Isto é, o oferecimento de condições iguais para que todos possam ter acesso a propriedade. Contudo, o sistema capitalista camufla as condições iguais através do conceito de chance, de oportunidades iguais.

Celso Antônio Bandeira de Mello[64], adverte que quando foram referenciados os elementos vida, liberdade, igualdade, segurança e propriedade, "apenas pretendeu encarecê-los como insuscetíveis de gerarem, por si, só, uma discriminação. Vale dizer: recolheu na realidade social elementos que reputou serem possíveis fontes de desequiparações odiosas e explicitou a impossibilidade de virem a ser destarte utilizados." Na realidade, a propriedade se constitui no grande limitador de liberdade e de igualdade nas sociedades capitalistas.

---

[62] DEMO, **Pesquisa - princípio ...** , p. 81.
[63] FERREIRA, op. cit., p. 103.
[64] BRASÍLIA, op. cit., p. 14.

O direito à **vida** não significa somente a garantia de "viver", mas também possibilitar às pessoas a garantia de que todas as suas necessidades fundamentais serão atendidas. Todos têm necessidades materiais e fisiológicas que, se não atendidas, levarão à morte ou a uma vida incompleta, o que já caracteriza um início de morte. Todos têm o direito que respeitem sua vida. E só existe respeito, quando a vida, além de ser mantida, pode ser vivida com dignidade.

Os **direitos políticos** são prerrogativas que permitem ao cidadão participar na formação e comando do governo.

Rosah Russomano , citado por Ferreira[65], entende que " os direitos políticos, visualizados em sua concepção restrita, encaram o poder de que dispõe o indivíduo para interferir na estrutura governamental, através do voto."

Consoante Edmundo Lins[66]: " São direitos políticos os que, pressupondo no indivíduo, a qualidade de cidadão, lhe outorgam a participação na vida constitucional do Estado, isto é, na formação e administração do seu governo, ou na investidura dos seus poderes soberanos."

A palavra sufrágio procede do latim **sufragium**, significando apoio, aprovação; é um direito público subjetivo, mediante o qual o cidadão pode votar, ser eleito e participar no comando e no processo decisório do governo; está sujeito a determinadas condições, pois deve preencher os requisitos de nacionalidade, cidadania e capacidade, bem como os requisitos de forma, como o título de eleitor. O sufrágio universal não admite nenhuma restrição à capacidade eleitoral por motivo de nascimento, raça, riqueza ou capacidade intelectual especial. O voto é o exercício do direito, sendo direto e secreto, igual para todos, salvo os casos previstos em lei.[67]

---

[65] FERREIRA, op. cit., p. 288.
[66] Ibid., p. 288.
[67] Ibid., p. 290.

No entanto, a palavra participação tem uma conotação bem ampla, não restringindo-se somente ao exercício do voto ou da participação do cidadão na formação e comando do governo.

A palavra participação origina-se da palavra parte. Participação é fazer parte, tomar parte ou ter parte. A questão fundamental da participação não é o quanto se "faz parte" ou se "tem parte", mas a qualidade do "tomar parte." [68] O homem participa nos grupos primários (família, vizinhança), secundários (associações profissionais, sindicatos, empresas) e terciários (partidos políticos e movimentos de classe). Pode-se então, classificar o processo participativo em micro e macroparticipação. A microparticipação é a associação voluntária de duas ou mais pessoas numa atividade comum onde não há a pretensão de se beneficiar pessoalmente. A macroparticipação também denominada de participação macrossocial, compreende a intervenção das pessoas nos

processos dinâmicos que constituem ou modificam a sociedade. "Sua conceitualização, por conseguinte, deve incidir no que é mais básico na sociedade, que é a produção dos bens materiais e culturais, bem como sua administração e seu usofruto." Assim, a construção de uma sociedade participativa envolve a luta pela participação social, isto é, a participação em atividades organizadas com o objetivo de expressar necessidades ou demandas, defender interesses comuns, alcançar determinados objetivos econômicos, sociais ou políticos, ou ainda, influir de maneira direta nos poderes públicos. [69]

---

[68] "Fazer parte: sentimento que as pessoas têm de pertencer a um grupo, organização, nação, religião, causa, etc.; Tomar parte: ação de construir algo, decidir caminhos, estar presente nas reuniões, nos momentos importantes do grupo, da organização, da nação, etc; Ter parte: sentimento de realização pessoal decorrente do aproveitamento de contribuição individual em benefício do grupo, da organização, da sociedade, da nação, etc."
FOLHA DE SÃO PAULO. **A qualidade total; o que todos procuram**. 04/04/94, p.06.

[69] BORDENAVE, Juan. In:CANDAU, Vera Maria; Sacavino, Suzana Beatriz; Marandino, Martha et al. **Tecendo a cidadania: oficinas pedagógicas de direitos humanos.** Petrópolis, Rio de janeiro: Vozes,1996, p. 117-118.

> Com efeito, participação é o processo histórico de conquista da autopromoção. É a melhor obra de arte do homem em sua história, porque a história que vale a pena é a participativa, ou seja, com teor menor possível de desigualdade, de exploração, de mercantilização, de opressão. No cerne dos desejos políticos do homem está a participação, que sedimenta suas metas eternas de autogestão, de democracia, de liberdade, de convivência. [70]

Portanto, concebida a participação como conquista da autopromoção, produção, gestão e uso-fruto, é indiscutível a necessidade de auto-sustentação. E esta provém da esfera material; torna-se inviável o processo participativo como assunto estritamente político se este não estiver diretamente relacionado com o fator econômico, isto é, se tomarmos como exemplo que os cidadãos "tomam parte" nos rituais eleitorais e escolhem seus representantes, mas, por não possuírem nem administrarem os meios de produção material e cultural, sua participação torna-se pequena ou inexistente; apenas "fazem parte" cada vez que são obrigados a votar. Dessa maneira, é inegável a condição material, econômica, de auto-sustentação, para se melhorar a qualidade de vida das pessoas, pois, como conseqüência haverá uma melhor noção de qualidade de vida e também a possibilidade do exercício dos direitos da cidadania.

A educação com qualidade significa participação e esta, por sua vez, implica em consciência crítica, em capacidade de ação, em saber porque e para que mudar; implica em um processo de construção e participação coletiva para transformar o meio, que é de competência humana. O processo de construção aponta para a capacidade de iniciativa, proposta, auto gestão, realçando a condição de sujeito histórico capaz, que comanda com autonomia e criatividade o processo de desenvolvimento.

> Dizemos que participação é conquista para significar que é um processo, no sentido legítimo do termo: infindável, em constante vir-a-ser, sempre se fazendo. Assim, participação é em essência autopromoção e existe enquanto conquista processual. Não existe participação suficiente, nem acabada. [71]

---

[70] DEMO, **Avaliação ...** , p. 17.

[71] DEMO, Pedro. **Participação é conquista**. São Paulo: Cortez: autores associados, 1988, p. 18.

Assim, a participação aponta para a capacidade de inovar para o bem comum, tendo como objetivo uma sociedade marcada pela paz, democracia, igualdade e riqueza. "Participação é outra forma de poder." [72] Poder na perspectiva de se reestruturar relações que oprimem, manipulam. A partir do momento que se participa, e deixa-se participar, passa-se pela autocrítica e pelo diálogo aberto com os interessados, buscando as transformações e as mudanças necessárias para o bem comum. O poder deixa de existir de cima para baixo. Quando se busca a transformação, se quer a divisão do poder, por via da participação de todos os envolvidos no processo. As ações individuais se tornam ineficazes para produzir transformações; é a somatória de opções individuais, isto é, a ação conjunta destas opções que orientará as transformações. Para que ocorra a participação e a transformação, parte-se do pressuposto que a instituição esteja interessada e aberta às mudanças; mudanças de estrutura e de poder.

Nesta visão, educação será formação, emancipação, participação, transformação, saber pensar, aprender a aprender.

José Afonso da Silva citado por Ferreira [73], agrupa os **direitos sociais** nas seguintes categorias:

a - direitos sociais do trabalho: direito ao trabalho, direito às condições dignas de trabalho, direito à previdência, à assistência e à seguridade social, direito de associação profissional, sindical, direito de greve;

b - direitos sociais relativos à família, à educação e à cultura;

c - direitos sociais do homem como produtor: liberdade de sindicalização, direito ao contrato coletivo de trabalho, direito de cooperação na gestão da empresa, com a co-gestão ou autogestão, direito ao obter emprego ou direito ao trabalho;

---

[72] Ibid., p. 20
[73] FERREIRA, op. cit., p. 223.

d - direitos sociais do homem como consumidor: direito à saúde, à segurança material, ao lazer ou ao repouso, aos meios de existência e de subsistência, à instrução e à cultura, à formação profissional, ao sustento e desenvolvimento da família.

A realidade é que os direitos sociais não são cumpridos, e a própria lei não fornece garantia e proteção suficientes para a sua efetiva realização.

> Uma das conquistas mais importantes deste fim de século é o reconhecimento de que a cidadania perfaz o componente mais fundamental do desenvolvimento...
>
> O fator essencial para esse progresso é a cidadania, definida como **competência humana de fazer-se sujeito, para fazer história própria e coletivamente organizada.** (grifos no original) [74]

Analisar a saúde bucal como direito de cidadania e como componente fundamental de desenvolvimento, implica considerar a ausência de poder participativo e as enormes desigualdades sociais em que vive a maioria da população frente a um capitalismo perverso, como no caso brasileiro. A realidade é que este sistema coloca nas condições materiais, nas relações de produção e nas estruturas de poder, os mecanismos de exclusão e alienação das classes de baixo poder aquisitivo.

É importante salientar que, de acordo com as observações que vêm a ser feitas, a saúde deve ser vista como resultante das condições sociais superando a visão de saúde somente como acesso aos serviços de saúde. Segundo Lucas [75] , o conceito de saúde resultante da VIII Conferência Nacional de Saúde expressa: "A saúde é resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse de terra e acesso aos serviços de saúde."

---

[74] DEMO, Pedro. **Cidadania tutelada e cidadania assistida.** Campinas, SP: Autores Associados, 1995, p. 01.

[75] LUCAS, Simone Dutra. Saúde bucal: reflexo das desigualdades sociais. **REVICROMIG**. Belo Horizonte, v.1, n.1, fev.,1995.

Todas as diferenças existentes em determinado lugar e país, sejam elas salariais ou no número de pessoas com água e esgoto nas moradias, aparecem traduzidas através dos indicadores de saúde.

Ao confrontarmos o conceito de saúde e a realidade brasileira, muitos problemas se colocam, pois: [76]

... 64% dos brasileiros estão subnutridos;
... 45% das moradias no país não apresentam condições sanitárias básicas;
... índice de analfabetismo bastante elevado
... 47,5% da população economicamente ativa tem rendimento de 0 a 1 salário mínimo;
... 11 milhões de desempregados e subempregados nas cidades e 12 milhões de camponeses sem terra na área rural;
... do acesso e da posse da terra, esta se encontra concentrada nas mãos de uns poucos latifundiários."

Historicamente os serviços de saúde bucal são profundamente marcados por uma prática política e econômica de cunho "liberal". Prática essa que só é acessível a quantos? No Brasil, foi historicamente vinculada à idéia de que o direito é decorrente do poder aquisitivo, idéia que pode ser considerada consensual entre as classes sociais de baixa e média rendas, em flagrante contradição com a Constituição. O Estado que, de acordo com a Carta Magna, tem o dever de dar condições de saúde a todos, presta uma assistência precária e o direito à saúde bucal ainda permanece distante da maioria da população, porque a prioridade nos serviços públicos é para crianças em idade escolar, urbanas e regularmente matriculadas na rede pública de ensino. O que dizer da parcela infantil que trabalha para ajudar no sustento da família, não tem acesso à educação, e dos trabalhadores adultos da área rural? Somente uma pequena parcela adulta tem acesso ao

---

[76] Ibid., p.11.

tratamento. Segundo números colhidos pela pesquisadora Marcia Bueno[77] , da USP, no Brasil:

"... 5% da população têm acesso regular ao atendimento odontológico privado;
... 15% procuram os serviços de forma irregular;
... 80% não são atendidos ou procuram a rede pública, capaz de atender só 1/3 dessa demanda."

O destino da população tem sido chegar ao fim da vida sem seus dentes como se isso fosse um fato natural. Achar que as doenças que acometem a cavidade oral (cárie, gengivite, câncer, etc.) e a perda dos elementos é um fato natural produz um certo imobilismo frente à necessidade de se incluir a luta pela saúde bucal junto a tantas outras reivindicações.

No quadro abaixo observa-se a distância entre o direito do cidadão e as condições concretas desse direito se efetivar. Há uma relação inversa entre a faixa salarial e os níveis de saúde bucal no Brasil. [78]

Faixa salarial	CPO-D Médio 12 anos	desdentados entre 50-59 anos de idade	presença de todos os dentes aos 18 anos
até 2 SM	5,8	77,9	17%
entre 2 e 4 SM	5,4	71,8%	29%
5 SM e mais	4,9	61,5%	52%

Diante deste quadro, e dos anteriores, acreditamos que a resolução dos problemas de saúde depende parcialmente das ações diretamente

---

[77] BUENO, Marcia. **CFO Informa**. Ano IV. Brasília, fev/mar. ,1996.

[78] PINTO, Vítor Gomes. **Levantamento Epidemiológico em Saúde Bucal: Brasil, Zona Urbana,1986.** Centro de Documentação do Ministério da Saúde, Brasília, 1988.

desenvolvidas pela Odontologia, a qual possui uma parcela dos meios e do poder necessários para influenciar e manter sob controle o seu campo de trabalho. O compromisso fundamental para os que atuam como profissionais da área bem como para aqueles profissionais que atuam como docentes nos cursos de odontologia, será o de não medir esforços e explorar ao máximo suas limitadas possibilidades. A ação do sujeito político exige uma revisão profunda na relação entre educação, cidadania e participação política. É preciso considerar que o exercício da cidadania, neste contexto, dar-se-á com a construção de um processo que ocorrerá no interior da prática social e política de todas as classes envolvidas.

A exercício da cidadania pode ser a estratégia, por excelência, para a construção de uma sociedade melhor.

Para finalizar esta análise a respeito do "ser cidadão", de acordo com a Constituição Brasileira, citamos Demo:[79]

> Quem lê a Constituição, desde que não se observe o país, tem a impressão de que nos encontramos na Europa nórdica, tão exuberantes e tão fáceis são os direitos e os benefícios prometidos à população. Um rosário de direitos é desfiado no início, dando a entender que o regulador central da sociedade e da economia seria a cidadania, incluindo-se exercício direto de poder em determinadas circunstâncias. A ordem social é marcada pelo acesso desimpedido e pela gestão democrática. Na ordem econômica aparece a função social da propriedade. Na ordem política prevalece o espírito federativo descentralizado.
> Na prática, porém, as coisas funcionam pelo avesso, ou melhor, na normalidade de um país capitalista perverso...

Percebe-se, assim, que cidadania significa, antes de mais nada, exercício da cidadania que, por sua vez, está em íntima relação com o acesso às ordens econômica e política, por meio da participação. Tomar parte, quer dizer militar, usufruir, construir...

1.5 - O que os recém formados devem saber

Na realidade, os direitos civis, políticos e sociais já discutidos anteriormente, têm como conseqüência, uma série de deveres implícitos. Para

que estes direitos sejam verdadeiros, eles devem ser solidários, também, quanto aos seus deveres. Desta maneira, o futuro profissional de odontologia, deveria conhecer:

a) o Código de Ética Odontológico;

O atual Código de Ética Odontológico foi criado pela resolução CFO-179/91 de 19-12-91; elaborado por profissionais para profissionais procura descaracterizar a Odontologia como uma profissão voltada para o lucro, condenando-se posturas mercantilistas ou mesmo excessos de propagandas odontológicas; procura priorizar a responsabilidade dos profissionais para com a saúde do seu paciente e da coletividade como princípios fundamentais da profissão, bem como procura coibir a abandono do mesmo ou qualquer outra forma de desrespeito a este; condena também a conivência com erros técnicos ou outras infrações éticas; relaciona ainda, direitos e deveres do profissional em relação ao paciente e a equipe de saúde com a qual trabalha; tece considerações sobre o sigilo profissional, a odontologia hospitalar, as entidades prestadoras de atenção à saúde bucal, ao magistério, às entidades de classe, à pesquisa científica e sua publicação e aos honorários profissionais; prevê ainda, a aplicação de penas para quem infringir as leis do mesmo.

b) seus direitos e deveres para o exercício da profissão - além daqueles mencionados no Código de Ética Odontológico, o futuro profissional deverá conhecer a regulamentação exigida pelo Conselho Regional de Odontologia e a Prefeitura Municipal para exercer a profissão. Relacionamos abaixo os tópicos de interesse do acadêmico para o início de sua profissão:

b.1) prazos e documentação exigidas para montar um consultório;

b.2) taxas e/ou impostos que incidem no exercício profissional;

---

[79] DEMO, **Cidadania tutelada ...** , p. 76.

b.3) direitos e deveres (leis trabalhistas, convenções sindicais) relativos ao pessoal auxiliar que irão trabalhar direta ou indiretamente com o

cirurgião-dentista (ACD, THD, recepcionistas);

b.4) direitos e deveres do cirurgião dentista que irá trabalhar com

convênios;

b.5) direitos e deveres do cirurgião dentista que terá vínculo empregatício;

b.6) participação na entidade de classe.

O conhecimento dos tópicos relacionados é um fator primordial para que o acadêmico exerça seus direitos e deveres como cidadão perante a sociedade.

A Organização Mundial da Saúde[80], em Genebra, elaborou (1990) um documento onde os autores propõem objetivos que devem nortear um curso de odontologia para o começo do século XXI. No referido documento, os objetivos compreendem: conhecimento e compreensão, habilidades e atitudes que os acadêmicos deverão obter durante o curso para o exercício profissional.

Neste capítulo, ater-nos-emos somente ao objetivo **atitudes**, por entendermos que o mesmo faz parte da formação política do cidadão. Os objetivos: **conhecimentos/compreensão** e **habilidades**, serão desenvolvidos posteriormente, no capítulo relacionado à competência formal (técnica).

Deste modo, os tópicos relacionados pela OMS[81], no que diz respeito às atitudes que os futuros profissionais de odontologia deverão conhecer para

---

[80] OMS. **Elementos esenciales da la formación de personal de salud bucodental: cambio o deterioro?** Genebra,1990.
[81] Ibid., p. 46.

poder aplicá-los na sua vida profissional e que tem a ver com a sua formação universitária, encontram-se abaixo:

> 1 - aplicar conhecimentos de saúde bucal, de doenças e tópicos relacionados no melhor interesse do indivíduo e da comunidade;
>
> 2 - participar em educação continuada relativa a saúde bucal e doenças como um componente da obrigação profissional e manter espírito crítico, mas aberto a novas informações;
>
> 3 - participar de investigações científicas sobre doenças e saúde bucal e estar preparado para aplicar os resultados de pesquisas para os cuidados de saúde;
>
> 4 - tratar que a comunidade conheça melhor os problemas e necessidades de saúde buco-dental e geral, providenciando soluções apropriadas;
>
> 5 - manter reconhecido padrão de ética profissional e conduta, e aplicá-lo em todos os aspectos da vida profissional;
>
> 6 - estar ciente das regras dos trabalhadores da área da saúde bucal na sociedade e ter responsabilidade pessoal para com tais regras;
>
> 7 - reconhecer suas limitações e estar adaptado e flexível face às mudanças circunstanciais.
>
> 8 - manter-se atualizado com os novos conhecimentos para a prática no campo da odontologia e da saúde buco-dental.

Portanto, a OMS atribui importância fundamental à formação, diríamos, pedagógica, do cirurgião-dentista, futuro profissional e/ou docente em cursos de Odontologia, para que o mesmo desenvolva atitudes que lhe permitam agir de forma a ver em cada paciente um cidadão.

2 - A QUALIDADE E A COMPETÊNCIA FORMAL

A qualidade formal está representada pela habilidade do sujeito em manejar meios, instrumentos, formas, técnicas, procedimentos diante dos desafios do desenvolvimento, ressaltando-se o manejo e produção de conhecimento, que são expedientes primordiais de inovação; é a perfeição do como se faz; está ligada essencialmente à eficiência. A competência formal está diretamente ligada à qualidade formal; não adianta só fazer bem, é

necessário que se faça o que é certo; e o que é certo vai ao encontro da postura ética do profissional de odontologia. " A ética deve ser sempre considerada superior à técnica, regulando-se esta por aquela, pois do contrário teríamos um desserviço ao ente humano." [82] Esta postura ética por sua vez está em intima relação com a concepção de mundo que fundamenta sua consciência e suas ações, pois quando "se trata da ética, fala-se da vida humana, da profundidade da pessoa,

dimensão que, a partir da reflexão, torna-se um elemento orientador para que a pessoa seja mais humana na relação consigo, com os outros e com o mundo." [83] Desta maneira, a qualidade e a competência quando formal, desempenhadas em consonância com a ética, são importantes para melhor realizar os fins, para inovar a serviço da humanidade.

Com base em reunião da Organização Mundial de Saúde[84] em Genebra, 1990, buscou-se a definição de objetivos norteadores para os acadêmicos de odontologia no limiar de um novo século.

Como já dito anteriormente (p. 47), ao terminar o curso, os estudantes deverão ser capazes de demonstrar que tem: a) os **conhecimentos e a compreensão**; b) **as destrezas ou habilidades**; e c) as **atitudes** que se necessita para que haja um aporte importante e contínuo na conservação e manutenção da saúde bucal, como parte integrante da saúde geral. Os **conhecimentos/compreensão** e as **habilidades** fazem parte da chamada competência formal do futuro profissional.

Deste modo, a proposta do OMS é aquela em que o aluno deverá ser capaz de demonstrar **conhecimento e compreensão** sobre:

1 - terminologia básica corrente da odontologia e de áreas correlatas;

---

[82] BRANDÃO, Euro. **Identidade e filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná**. Curitiba: Champagnat, 1993, p. 29.

[83] PARRON Maria In: Wachowicz,Lilian(org.) **A interdisciplinaridade na Universidade**. Curitiba: Champagnat,1998, p. 69.

[84] OMS, op. cit., p. 44-46.

2 - aplicação, integração e relevância dos princípios gerais das ciências médicas e correlatas para a saúde bucal e para as doenças;

3 - características comuns dos distúrbios buco-maxilo-faciais e doenças;

4 - características das doenças e distúrbios buco-maxilo-faciais incomuns que têm consequencias potencialmente sérias;

5 - interrelações entre doenças e distúrbios buco-maxilo-faciais e aquelas que afetam outras partes do corpo;

6 - características das doenças e distúrbios buco-maxilo-faciais que podem ter especial significância para comunidades específicas;

7 - interrelação entre os efeitos de tratamentos médicos e odontológicos;

8 - as principais aplicações de especialidades e técnicas médicas relacionadas com a saúde bucal;

9 - a função atual e futura do pessoal de atenção de saúde buco-dental e geral na comunidade e suas responsabilidades médico-jurídicas e éticas;

10 - a importância das políticas sociais, ambientais e sanitárias e seu efeito para a saúde buco-dental;

11 - o processo de investigação científica

No tópico relacionado a **habilidades**, o aluno deverá demonstrar conhecimentos práticos necessários para o seguinte:

1 - identificar em pacientes e em grupos populacionais as doenças e distúrbios buco-maxilo-faciais, realizando procedimentos adequados para sua investigação, prevenção, tratamento e controle;

2 - realizar procedimentos de investigação e procedimentos operatórios básicos;

3 - promover a saúde bucal e prevenir doenças e distúrbios bucais;

4 - comunicar-se e trabalhar eficazmente com os pacientes, trabalhadores da área da saúde e outros indivíduos relevantes, grupos e organizações (incluindo os meios de informação pública);

5 - obter e eficientemente gravar informações confiáveis e avaliá-las objetivamente;

6 - aplicar os conhecimentos e a compreensão da odontologia e outros aspectos de atenção da saúde para encontrar a solução mais apropriada dos problemas clínicos, que favoreçam tanto a pessoa como a comunidade;

7 - analisar e interpretar os resultados de relevantes pesquisas experimentais, epidemiológicas e clínicas pertinentes;

8 - organizar, manusear e avaliar recursos de cuidados de saúde efetiva e eficientemente;

9 - realizar uma auto-avaliação dos conhecimentos e habilidades.

"Qualidade formal não se faz sem qualidade política e vice-versa. A relação mútua é de necessária complementaridade, porque a cidadania que interessa é a competente, não só em termos de organização política, mas igualmente em termos técnicos". [85]

Torna-se claro e evidente que a competência formal é parte integrante da competência política e vice-versa; é preciso perceber que qualidade política e formal não são acontecimentos antagônicos, mas sim complementares; para que um aconteça é necessário que o outro também esteja presente; nesta perspectiva, os profissionais formados deverão ter alto domínio técnico e serem possuidores de uma postura ética e uma sólida consciência de cidadania.

3 - O ENCONTRO DA QUALIDADE FORMAL COM A QUALIDADE POLÍTICA NA METODOLOGIA DO APRENDER A APRENDER

Pesquisa como metodologia

"... a atitude do aprender a aprender ... significa diálogo crítico e criativo com a realidade, culminando na elaboração própria e na capacidade de intervenção." [86]

A pesquisa deve ser considerada como uma atitude cotidiana, como princípio científico e educativo, como fundamentação do ensino, evitando desta maneira que ele se torne mera repetição, cópia; aponta para a direção correta do aprender a aprender, para a construção de um sujeito histórico capaz, competente e produtivo; aponta para a formação de um processo

---

[85] DEMO, **Pesquisa - princípio...** , p.100.
[86] DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p.128.

construtivo onde teoria e prática andem no mesmo passo, evitando que o processo se torne teórico ou prático em excesso.

No aprender a aprender existe o encontro propício da qualidade formal e política, tornando a vida acadêmica educativa e científica. Especificamente, educar pela ciência, unindo teoria e prática, somando qualidade formal e política, construindo e participando com competência.

Competência inclui o questionamento reconstrutivo como base inovadora através do conhecimento e como processo de formação do sujeito histórico capaz. Refere-se ao desafio da qualidade formal (inovação pelo conhecimento) e política (intervenção ética, cidadania). Do ponto de vista da educação, é o processo de formação do sujeito histórico capaz de inovar e sobretudo de humanizar a inovação. O sujeito histórico é entendido como aquele que tem consciência clara do tempo e do espaço em que está inserido e da sua responsabilidade social. Dessa maneira, humanizar, significa agir pautado, antes, na vontade de servir à sociedade do que "explorar" o próximo para obter lucro e enriquecer. O profissional de saúde ligado à educação, deveria, assim, ser um agente de mudança cultural. Ele conduzirá sua ação na direção da construção de novos e diferentes métodos, tendo como finalidade sua contribuição para que se alcançe uma vida com as melhores condições possíveis de saúde. Cabe a ele orientar e dirigir o planejamento das mudanças em educação para a saúde, produzindo modificações nos conhecimentos, crenças, costumes e hábitos do homem, como ser social, levando-o a condições de educação e saúde mais desejadas de acordo com os valores racionais, éticos e técnico-científicos. É do educador a responsabilidade de despertar no indivíduo a potencialidade do seu desenvolvimento. Este despertar político e formal dar-se-á, modificando-se atitudes, inovando-se, motivando-se. Para que tal ocorra, há a necessidade de empregar-se métodos onde o aluno não tenha somente conhecimentos técnicos reprodutivos, mas obtenha dados concretos da realidade social que o

cerca e conscientize-se da sua importância como um agente de mudanças, tendo como objetivo uma sociedade mais justa.

O desafio da qualidade na educação superior, do aprender a aprender, da educação como princípio educativo e científico, da competência formal e política, aponta para o horizonte do planejamento, do desenvolvimento de um projeto que possa ser aplicado, praticado, isto é, que deixe o campo teórico, das meras intenções e suposições, e seja capaz de mudar condutas individuais e coletivas, partindo-se do pressuposto que a investigação, a pesquisa e a produção de conhecimentos estarão comprometidos com a humanização. Se faz mister observar que além da pesquisa científica, instrumental, necessária para a competência formal, há a necessidade da pesquisa de cunho social. Esta será de grande importância para a aplicação/implantação daquela, pois as descobertas no campo social serão capazes de realmente mostrar a realidade e a possível aplicação das pesquisas científicas. Dessa maneira, o docente:

> ... torna-se figura significativa no processo quando percebe que é o orquestrador da construção do conhecimento e propicia ambiente que instrumentaliza o aluno para a emancipação. A visão de ser sujeito da história, ao invés de objeto, autoriza o docente a construir " projeto pedagógico próprio", para sua disciplina, não se distanciando de todo do curso... [87]

Demo [88] argumentou que esse projeto visaria restaurar a competência formal de todo professor, isto é, dele saber construir seu próprio conhecimento tendo em vista fundamentar a cidadania mais competente possível, em si mesmo e no aluno. Como condição prévia, este projeto só seria possível e viável se todos os professores fossem capazes de elaborar propostas próprias, com qualidade formal e política.

Pressupõe, ainda, que a elaboração de um projeto mais amplo não deve ser obra individual ou restrita a um pequeno grupo e sim, do engajamento

---

[87] BEHRENS, Marilda Aparecida. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica.** Curitiba: Champagnat, 1996, p. 83

comum, da mobilização coletiva, visando a transformação de todo aluno em sujeito crítico, criativo e inovador, sem esquecer todavia, que a participação em um projeto desta natureza envolve a edificação de alicerces de uma nova sociedade mais justa e menos desigual. É preciso pensar globalmente e agir localmente, individual e coletivamente.

Behrens[89], afirma que:

> A proposta metodológica do "aprender a aprender" envolve mais que a vontade de usar um novo meio para ensinar; ela propõe que alunos e professores passem a ter produção própria, que sejam criativos e inovadores. Não se trata só de acessar as informações existentes (ponto de partida), mas também de utilizá-las para construir um novo e próprio conhecimento.

Desse modo, a pesquisa torna-se uma atividade cotidiana onde o professor e o aluno são desafiados a encontrar soluções para os problemas encontrados na sua área, visando a superação de velhas fórmulas, procurando novas aplicações para a resolução de problemas, construindo juntos seu próprio conhecimento. Assim, o aprender a aprender, o saber pensar e o saber fazer, deverão fazer parte do dia a dia tanto do professor quanto do aluno, permitindo que o questionamento e a discussão sistemática façam parte da construção do conhecimento visando a transformação, a interferência na realidade. Unir teoria e prática criando bases científicas e tecnológicas que permitam transformar os recursos disponíveis em conjunto de bens necessários ao bem estar social, eis aí um dos elementos fundamentais do aprender a aprender enquanto método que une ensino e pesquisa.

Neste contexto, professores e alunos serão pesquisadores permanentes, capazes de criar e recriar o conhecimento, serão sujeitos críticos, criativos, participantes, transformadores da realidade. Capazes, portanto, de integrar-se em pesquisa multidisciplinar, saindo do campo

---

[88] FINGER, Almeri Paulo; Pinto, Éder Paschoal; Lück, Heloisa et al. **Educação: caminhos e perspectivas.** Curitiba: Champagnat, 1996, p. 54.
[89] BEHRENS, op. cit., p. 80.

segmentado da especialização na sua área, buscando a renovação do conhecimento e sua aplicabilidade.

Como já afirmamos anteriormente, a pesquisa de cunho social será de grande valia para a aplicabilidade de novos avanços científicos, buscando a transformação da realidade. Não se trata, é claro, de se minimizar o valor da pesquisa científica, localizada, "laboratorial" priorizando a pesquisa social, mas sim da busca da parceria entre ambas para a intervenção na realidade, com o objetivo de tornar a sociedade mais justa e menos desigual.

Assim, a Universidade seria um lugar de apoio para a construção do conhecimento, provedora de transformações, aberta para a sociedade e mantenedora de uma postura dialógica para com a comunidade acadêmica. A busca da parceria com os segmentos produtivos da sociedade, sem que a Universidade perca a sua autonomia, seria uma atitude importante para que ela contribuísse significativamente para o desenvolvimento tecnológico, colocando o resultado das descobertas científicas a serviço da sociedade, em particular para a melhoria da qualidade de vida dos menos favorecidos. Para isso é fundamental que o ambiente universitário seja inovador, transformador e participativo, onde todos sejam reconhecidos como sujeitos potencialmente capazes de novas propostas e inovações.

CAPÍTULO II

VISITANDO O CURSO DE ODONTOLOGIA DA PUC-Pr.

IDENTIFICAÇÃO DE PROBLEMAS

1 - Apresentação e características do Curso de Odontologia da PUC-Pr

O Curso de Odontologia da PUC - Pr., foi ofertado a partir do ano de 1977, com 60 vagas e duração de 4 anos. Em 1983, duplicou-se o número de vagas com entrada única. Em 1984, o Curso passou a ter dupla entrada (60 em março e 60 em agosto). Até esta data, a característica do curso era seriada anual.

A partir de 1986 o curso passou a oferecer 140 vagas anuais com entradas em março (70) e em agosto (70). Todas as disciplinas passaram a ser semestrais, com uma carga horária total de 4.255 horas, distribuídas em 9 semestres. Destas, 1.395 horas correspondem ao ciclo básico e 2.860 horas ao ciclo profissionalizante.

Em 13 de novembro de 1989 foi aprovado o atual Currículo Pleno do Curso de Odontologia pelo Resolução n.º 12/89 do CONSEPE.

O reconhecimento do curso deu-se pela Portaria Ministerial 075/81.

São **objetivos** do curso:[90] [91]

1 - Corresponder aos anseios dos estudantes em suas aspirações de ordem intelectual e de utilidade social.

2 - Ministrar ensino a nível de graduação, para formar cirurgiões-dentistas.

---

[90] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. Pró-Reitoria Acadêmica. **Manual do Curso de Odontologia.** Curitiba, 1996.

[91] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. Pró-Reitoria Acadêmica. **Manual de Estágio do Curso de Odontologia.** Curitiba.

3 - Preparar seus graduados para serem líderes na defesa dos interesses que visem ao prestígio da profissão e à melhoria constante do padrão científico e humanitário daqueles que à mesma se dedicam.

4 - Selecionar estudantes capacitados intelectual, moral e fisicamente para o curso e a carreira da Odontologia; procurar torná-los cientificamente aptos, tecnicamente capazes e com sensibilidade social.

5 - Proporcionar aos estudantes não apenas um acúmulo de conhecimentos, mas uma educação profissional como um processo de desenvolvimento e/ou aperfeiçoamento dos seguintes atributos:

5.1 - estimular constante atualização e aperfeiçoamento dos conhecimentos, bem como à pesquisa científica e à decisão pelo magistério.

5.2 - contribuir para que a Odontologia seja cada vez mais respeitada, admirada e apoiada, graças à sua prestação de serviços, evolução científica, colaboração ao bem-estar das pessoas, e preparo dos seus profissionais.

6 - Formar o Cirurgião-dentista, Clínico Geral, voltado para os problemas de saúde bucal, com filosofia preventiva e social, apto e conscientizado para atuar na sua comunidade, integrando-se às atividades das outras profissões da área de saúde.

Em resposta à solicitação do Pró-Reitor Acadêmico, Prof. Sergio Schneider, a Chefia do Departamento de Odontologia, Dr. Monir Tacla, enviou ao mesmo, o ofício número 042/97[92], contendo o texto atualizado do perfil do curso de Odontologia da PUC - Pr. , o qual transcrevemos na íntegra:

> O Cirurgião-Dentista graduado pelo Curso de odontologia da PUC-Pr. deverá ter o perfil de um clínico geral, com habilidades para aplicar princípios biológicos, técnico-científicos e éticos na solução dos problemas causados pelas doenças bucais mais prevalentes.
>
> Este cirurgião-dentista deverá estar apto a:

---

[92] Ofício nº 0492/97 enviado ao Pró reitor Acadêmico da PUC-Pr, solicitando o perfil do Curso de Odontologia.

* Educar o paciente e a comunidade com vistas à promoção de saúde e aplicar medidas preventivas em nível individual ou coletivo.

* Diagnosticar problemas buco-dentários, elaborar e executar planos de tratamento compatíveis com as condições sócio-econômicas - culturais e com o estado de saúde geral do paciente, encaminhando-o, quando necessário, à orientação de especialistas.

* Utilizar sistemas de racionalização do trabalho que possibilitem alta produtividade sem prejuízo da qualidade.

O curso tem o objetivo de formar um profissional generalista, com visão ampla para uma odontologia atualizada, enfatizando inclusive a área sócio-preventiva, proporcionando assim ao_recém egresso a capacidade do poder exercer atividades em clínica particular ou em estabelecimentos públicos, onde se pratique uma odontologia comunitária.

Estabelece também ao graduado um cabedal de conhecimentos básicos e profissionalizantes que o condicionam a partir para especialização, de caráter profissional, ou seguir carreira de magistério, concretizado para mestrado e doutorado.

2 - Organização acadêmica do curso

A formação integral do aluno do curso de Odontologia é realizada em dois níveis: o básico e o profissional. No atual currículo, há uma ordenação das matérias básicas (Ciências Morfológicas, Fisiológicas e Patológicas), visando atender a um dos aspectos do princípio integrador, assegurando assim, o embasamento científico indispensável a um bom desempenho profissional.

O nível profissional compreende as matérias de Propedêutica clínica, Clínica Odontológica, Clínica Odontopediátrica, Odontologia Social e Clínica Integrada.

A Propedêutica Clínica envolve conhecimentos de Patologia Bucal, Semiologia e Radiologia. Tem como objetivo criar condições para melhor treinamento do estudante, com vistas ao diagnóstico das afecções do complexo buco-maxilo-facial.

Em Clínica Odontológica, assegura-se ao aluno o aprendizado, quer em laboratórios, quer em atividades clínicas propriamente ditas, do tratamento dos dentes e tecidos vizinhos, em qualquer paciente adulto, de acordo com os objetivos de cada disciplina.

Na Clínica Odontopediátrica, o treinamento do estudante está voltado para os aspectos particulares da patologia e da clínica da infância.

A Odontologia Social responde em grande parte, pelo desenvolvimento da consciência preventiva a ser incorporada ao exercício profissional, no atendimento da comunidade, sem prejuízo de uma conduta voltada para a prevenção, a qual deve ser considerada nas diferentes disciplinas do curso.

Finalmente, completando o nível profissional, a Clínica Integrada utiliza o ultimo semestre do curso onde o estudante passa a executar, sob supervisão, as técnicas e os procedimentos já aprendidos nas etapas anteriores de treinamento odontológico, em caráter integral, ou seja, dentro das necessidades globais de cada paciente.

Para uma melhor compreensão da organização acadêmica do curso, apresentamos a disposição da grade de disciplinas no anexo 01.

O Curso de odontologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná oferece ainda aos acadêmicos, estágios extra-muros:

1 - Colégio Elysio Vianna: orientação voltada para uma odontologia sócio-preventiva, com atendimento clínico em pacientes, priorizando-se a educação para saúde bucal, escovação, bochechos com flúor, etc. Este estágio é supervisionado pela disciplina de Odontologia Social e Preventiva totalizando 18 horas.

2 - Pronto Socorro Odontológico do Hospital Cajuru – orientação voltada para práticas emergenciais em Odontologia. Funciona 24 horas; aberto a acadêmicos a partir do 6º período de odontologia da PUC-Pr. , em caráter voluntário, sendo obrigatório no 9º período. Este estágio é supervisionado por profissionais da área odontológica totalizando 60 horas. É aberto também para acadêmicos do último período da UFPr. e Universidade Tuiuti.

3 - Projeto Litoral – estágio supervisionado pelos cirurgiões-dentistas da região litorânea do Paraná destinado às cidades (Guaratuba, Guaraqueçaba, Tagaçaba e Tijucas do Sul) e ilhéus (Ilha das Peças e Superagüi) carentes do litoral paranaense. Aberto a acadêmicos a partir do 6º período, em caráter voluntário.

3 - Identificação de problemas - considerações gerais

3.1 - A origem deste estudo

Quando iniciamos o Curso de Mestrado oferecido pela PUC-Pr., muitas interrogações faziam parte do nosso dia a dia como docente. Nestes anos de magistério, ensinando e observando a prática diária, muitos problemas foram encontrados e de certa forma tentamos resolve-los. É verdade que sem fundamentação pedagógica, pois até então não tínhamos nenhuma, as tentativas de acerto foram por ensaio e erro. Por isso mesmo, os problemas continuaram inúmeros. Neste momento, o "problema maior" por nós encontrado dizia respeito à qualidade técnica desenvolvida pelo curso de Odontologia da PUC - Pr. Nesse aspecto, pesa a qualidade dos procedimentos realizados pelos alunos, supervisionados por nós, professores. Observávamos na nossa prática diária e em conversas informais com outros docentes que a qualidade técnica de restaurações, tratamentos de canal, etc., deixavam a desejar. O nosso questionamento era: o quê fazer, como alterar esse panorama?

Quando iniciamos a Disciplina de Processos Pedagógicos do Ensino Superior e estudamos os mais diversos paradigmas pedagógicos, o atual trabalho começou a tomar forma. Podemos afirmar que a partir deste referencial, as categorias de problemas já estavam praticamente definidas. Foi nesta época também, que por acaso, encontramos na sala dos professores de Odontologia da PUC-Pr., as cartas da senhora Maria da Conceição Leite de

Lima[93]. Estas cartas vieram ao encontro da nossa expectativa, colaborando na organização deste trabalho.

As cartas estavam endereçadas aos "Exmos Srs. Diretor e Alunos da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.", e são cartas que denunciam:

1- a qualidade técnica do tratamento recebido:

... a Dra. Maria Célia, que se diz formada, me fez obturações em dois dentes meu; as mesmas caíram, depois delas caídas os dentes apresentaram dores insuportáveis e buracos que ela fez com a broca a motor que não existiam...

... um dos dentes ela comeu o miolo, ele comeu o meio do dente, ela comeu tanto, quando a obturação caiu, eu senti tanta dor... e continuo sentindo. As dores são horríveis... O outro dente ela perfurou, comeu tanto que fez dois buracos. Eu só fui sentir, porque as obturações caíram e ficaram os buracos.

Atrás do dente ela fez uma cova.

Os dois buracos estão visíveis.

São dois dentes da frente e na parte superior.

Eu, Maria da Conceição Leite de Lima, levei o maior susto quando olhei no espelho e vi um dos dentes com dois buracos, bem redondinhos feito com broca de motor.

2- a falta de ética do tratamento recebido:

Sabe senhor presidente, senhores do Conselho regional de Odontologia, quanto custa um dentista honesto?

Sabem quanto eu já estou pagando pelas Dores que eu venho sentindo desde o dia que a Dra. Maria Célia colocou as mãos nos meus dentes?

... gostaria que os senhores fizessem uma exame para constatar se existia cárie.

... contei prá ela o que houve e ela me respondeu se fosse estudante nada podia fazer. Ela se esqueceu que responsabilidade a gente tem desde o Jardim da Infância. E as minhas dores provocadas pela Dra. Maria Célia? Não se leva em considerações? E por ser estudante pode errar?

Quando ela fez as obturações,... mandou que eu só comesse no outro dia às 8:00 horas da manhã. E eu obedeci. Só comi mingau de maizena. Os dentes foram obturados de manhã. Eu fiquei o resto da manhã, à tarde e à noite toda, sem comer nada. Só fui comer às 8:00 da manhã do outro dia.

---

[93] LIMA, op. cit.

... quando eu voltei a primeira vez para ela tapar os buracos eu disse para ela que eu não tinha comido nada só mingau de maizena e só fui comer no outro dia, e mesmo assim as obturações caíram.

... ela negou disse que só tinha dito para eu não passar batom para não manchar.

... não assumiu o que disse.

3 - o desejo de ser tratada como uma cidadã:

... não sei mais o que digo para pedir ajuda ao Conselho Regional de Odontologia.

Ela arrombou com os meus dentes. Ela continuou dizendo que eu fizesse um ofício e mandasse para o Presidente.

Chegando ao consultório perguntei pela Dra. Maria Célia, e a moça do consultório me respondeu que ela não estava. Eu pedi o CRO... ela disse que não tinha... Eu sai fui embora e resolvi fazer a denúncia para todos os Estados do Brasil

... não sou tão burra para ficar calada.

O certo era a moça do Conselho Regional de Odontologia do Estado de Sergipe me dirigir imediatamente ao Presidente.

Diante das palavras expressas nestas cartas, observamos a necessidade de aprofundar o estudo no que diz respeito à qualidade política. A simplicidade de seu português, a letra bonita da Sra. Maria da Conceição Leite de Lima, seu "grito solitário" quanto ao tratamento recebido, sua insatisfação quando pretendeu que seu direito de ser bem tratada fosse atendido, nos levaram a pensar em aspectos da prática da profissão que a Universidade deveria informar e formar nos seus alunos. Transcrever totalmente estas cartas não faria justiça ao seu teor, o tornaria frio, perderia o calor da palavra escrita pelo próprio punho. Dessa maneira elas encontram-se na sua totalidade no anexo 02 ,e acreditamos que não há necessidade de mais comentários a seu respeito, pois elas falam e explicam-se por si mesmas.

Desse modo, passaremos à análise do atual programa do curso de Odontologia da PUC-Pr.

3.2 - Quanto à estrutura curricular

Pela disposição das disciplinas, observa-se que o conhecimento está organizado para um ensino em profundidade vertical, em que a especialização vai aumentando à medida que o futuro profissional avança na escolarização. Os conteúdos mantém relações semi-abertas entre si e a "resolução de problemas" de determinados assuntos são revelados gradativamente, exigindo uma longa iniciação e preparo.[94]

Observa-se ainda, um forte componente de acumulação/reprodução, pois não se avança sem considerar a acumulação histórica do conhecimento, ou seja, o que veio antes é tão fundamental quanto o que existe hoje, e o que vai se construir para o futuro. Seja pela afirmação de verdades, seja pela incorporação que as supera, por meio da produção de novos conhecimentos.

3.3 - Quanto à metodologia aplicada em aulas teóricas e práticas e o sistema de avaliação:

Com o objetivo de situar a prática pedagógica empregada pelos professores de Odontologia da PUC - Pr., realizamos um estudo a partir das Ementas da disciplinas do referido curso.

Considerando que as Ementas[95] das disciplinas fornecidas ao Departamento de Odontologia são de autoria e redação dos professores responsáveis pelas mesmas, é justo considerá-las válidas.

Para este estudo, tomamos como indicadores os itens: metodologia adotada e sistema de avaliação (instrumentos). Tais itens fazem parte das Ementas.

---

[94] CUNHA, Maria Isabel; Leite, Denise. **Decisões pedagógicas e estruturas de poder na universidade.** Campinas: Papirus editora, 1996, p. 20,83.

Foram elencadas 73 Ementas correspondentes às disciplinas do Curso de Odontologia. Todas as Ementas foram analisadas e computadas, com exceção de 02 Ementas (Histologia Geral do Ciclo Básico e Materiais Dentários II do Ciclo profissionalizante) que não apresentavam os itens: metodologia adotada e avaliação.

Os dados encontrados, para melhor visualização e compreensão foram classificados em dois grandes grupos: Grupo I - Ciclo Básico (disciplinas teóricas e práticas não envolvendo o atendimento em pacientes); Grupo II - Ciclo Profissionalizante (disciplinas teóricas e práticas que envolvem aulas praticas em manequim e/ou atendimento de pacientes em clínica e de cunho profissionalizante).

TABELA 01 GRUPO I - CICLO BÁSICO - METODOLOGIA

	Seminário	Aula expositiva	Aula prática	Apresentação de Trabalhos	Trabalhos de pesquisa	Outros
Anatomia Geral		X	X			
Bioquímica I		Dialogada	X			
Bioquímica II		Dialogada	X			
Citologia		X	X	X	X	
Imunologia		X	X			
Metodologia Científica		Dialogada				Leitura de textos Exercícios
Fundamentos de Ciências Sociais		X			X	
Cultura e Cidadania I		X		Trabalhos em grupos		Discussão Leitura de textos
Cultura e Cidadania II		X		Trabalhos em grupos	X	Discussão Leitura de textos
Filosofia I		X Dialogada				Acesso a biblioteca e sala Ambiente de Filosofia
Filosofia II	X	X Dialogada				Acesso a biblioteca e Sala Ambiente de Filosofia
Educação física I		X	X		X	Exposição de filmes e documentários
Educação FísicaII		X	X Livres e orientadas		X	Leitura de textos Exposição de filmes e documentários
Anatomia		X	X			

[95] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. Departamento de Odontologia. **Ementas.** Curitiba, 1998.

Biblioteca Central - PUC/PR

especial		Audio-visual	Relató Rios			
Histologia Geral						
Microbiologia Geral	X	X	X		X	
Parasitologia	X	X		Individuais Grupo Campo		Palestras Entrevistas
Embriologia Geral e Odontológica		X	X			
Anatomia Dental		X	X			
Fisilogia Geral		X	X			Estudo dirigido
Histologia Odontológica		X	X			
Microbiologia Odontológica	X	X Dialogada		X	Bibliográ fica	Coleta de materiais De pacientes da clínica odontológica
Patologia Geral		X	X			
Psicologia	X	X			Bibliográ Fica e campo	Projeção de filme
Ergonomia		X				
Radiologia Odontológica I	X	X	X			
Radiologia OdontológicaII		X	X			
Genética e Evolu ção Humana		X	X	Em grupos		
Teologia I		X Dialogada		Individuais Em grupo		Debates Leitura de textos
Teologia II		X Dialogada		Individuais Em grupo		Debates Leitura de textos
Fisiologia Odontológica						
Patologia buco-dentária		X	X			Discussão
Materiais Dentários I	X	X	X			Estudo dirigido
Estomatologia I		X	X			Grupos de estudo
Farmacologia	X	X	X			Palestras Filmes
Cariologia	X	X				Dinâmica de grupos
Escultura Dental			X			

TABELA 02 GRUPO 1 - CICLO BÁSICO - AVALIAÇAO

	Prova bimestral teórica	Prova Bimestral Prática	Trabalhos	Seminários	Outros
Anatomia	X	X			
Bioquímica I	Discursiva Objetiva				Participação dos alunos
Bioquímica II	Discursiva		Em equipe		Participação dos alunos

	Objetiva				
Citologia	Objetivas Subjetivas		X		Participação dos alunos em práticas e apresentação de trabalhos
Imunologia	Escritas Orais	X	X	X	Pesquisa bibliográfica Estudo dirigido
Metodologia Científica	X				Exercício para avaliação parcial
Fundamentos de Ciências Sociais	X				
Cultura e Cidadania I	X		X	X	
Cultura e Cidadania II	X		X	X	
Filosofia I	X				Ensaio
Filosofia II				X	Monografia Resenha Relatório
Educação Física I			X		Participação dos alunos Em atividades
Educação Física II			X		Participação dos alunos Em atividades
Anatomia Especial	X	X			
Histologia Geral					
Microbiologia Geral	Oral Escrita	X		X	Pesquisa bibliográfica Relatórios
Parasitologia	Dissertativa Objetiva Oral	X			Fichas de Observação
Embriologia Geral e Odontológica	Objetiva Subjetiva	X			
Anatomia Dental	X	X			
Fisiologia Geral	X			X	Discussão Circular
Histologia Odontológica	X	X			
Microbiologia Odontológica	Escrita Oral		X	X	Relatórios
Patologia Geral	Argüição oral sem aviso prévio e Escritas Descritivas				Relatórios semanais
Psicologia	X		De pesquisa em equipe e de campo		
Ergonomia	X		X		
Radiologia Odontológica I	X	X			Conceitos Práticos
Radiologia	X	X			Conceitos

Odontológica II					Práticos
Genética e Evolução Humana	X				Relatórios Pesquisa bibliográfica
Teologia I	X		X		
Teologia II	X		X		
Fisiologia Odontológica	X				
Patologia Buco-Dentária	Dissertativa Oral	Slides			
Materiais dentários I	X			X	Trabalhos práticos
Estomatologia I	X				Conceitos Práticos
Farmacologia	X				
Cariologia	X				Observação formal e discussão
Escultura Dental					Trabalhos práticos em aula

TABELA 03 GRUPO II - CICLO PROFISSIONALIZANTE - METODOLOGIA

	Aulas expositivas	Aulas Práticas em laboratório	Aulas práticas em clínica	Seminário	Outros
C.T.B.M.F. I	X	X	X		
C.T.B.M.F.II	X		X		
Dentística Operatória	X	X			
Endodontia operatória	X dialogada	X			
Oclusão	X	X		X	Pesquisa bibliográfica
Odontologia preventiva I	X			X	Dinâmica de grupo
Odontologia legal e Deontologia	X			X	Discussão de textos
Materiais dentários II					
Terapêutica Medicamentosa				X	Discussão de problemas; discussão circular
Dentística I	X		X		
Endodontia I	X		X		
Prótese Removível I	X		X		
Periodontia I	X	X	X		
Odontologia Social I	X			X	Dinâmica de grupo Trabalho de campo Mesa Redonda
Orientaçao Profissional	X				
C.T.B.M.F. III	X	X	X	X	
C.T.B.M.F. IV	X		X	X	

Dentística II	X	X	X		
Dentística III			X		
Endodontia II			X		
Endodontia III			X		
Prótese removível II	X		X		
Prótese Removível III			X		
Periodontia II	X		X		Cirurgias demonstrativas
Periodontia III			X		
Prótese Fixa I	X dialogada	X			Trabalho em grupo Estudo coletivo e individualizado dos trabalhos laboratoriais
Prótese Fixa II	X dialogada		X		Trabalho em grupo Estudo coletivo e individualizado dos trabalhos clínicos
Odontologia preventiva II	X	X		X	
Odontope diatria I	X		X		
Odonto Pediatria II	X		X		
Ortodontia I	X	X			
Ortodontia II	X		X		
Odontologia Social II	X				Dinâmica de grupo
Diagnóstico Bucal	X		X	X	Grupos de estudo
Odontologia para pacientes especiais	X		X		
Clínica Integrada			X		

TABELA 04 GRUPO II - CICLO PROFISSIONALIZANTE - AVALIAÇÃO

	Prova teórica	Conceitos práticos	Prova prática	Outros
C.T.B.M.F. I	X	X		
C.T.B.M.F. II	X	X		
Dentística operatória	X	Quantitativo Qualitativo	X	
Endodontia operatória	Dissertativa semanal		03 no semestre	
Oclusão	X	X		Seminários
Odontologia Preventiva I				Observação Discussão
Odontologia Legal e Dentologia	X			Trabalhos de pesquisa
Materiais Dentários II				
Terapêutica	X			Trabalhos de pesquisa

Medicamentosa				Resenha bibliográfica
Dentística I	X	Qualitativo Quantitativo		
Endodontia I	X	X		
Prótese Removível I	X	X		
Periodontia I	Objetiva subjetiva	Qualitativo quantitativo	X Em manequim	
Odontologia Social I	X			Observação e discussão Relatório final
Orientação profissional	X			Trabalhos de pesquisa
C.T.B.M.F. III	X	X	X	Monografia
C.T.B.M.F. IV	X	X	X	Seminário Monografia
Dentística II	X	Quantitativo qualitativo	Em manequim	
Dentística III	X	Quantitativo qualitativo		
Endodontia II	X	X		
Endodontia III		Qualitativo Quantitativo		Seminário
Prótese Removível II	X	X		
Prótese removível III		X		
Periodontia II	X		X	
Periodontia III		Quantitativo Qualitativo		
Prótese Fixa I				Estudos dirigidos Produção escrita Participação, assiduidade, comportamento e atitudes
Prótese Fixa II		X		Relatórios Participação Produção escrita
Odontologia Preventiva II	X	X	X	Observação Discussão
Odontopediatria I	X			
Odontopediatria II	X			
Ortodontia I	X Oral			Seminário semestral
Ortodontia II	X	X		Seminário semestral
Odontologia Social II	X	X		Observação, discussão, participação
Diagnóstico Bucal	X			
Odontologia para pacientes especiais	X	X		Pesquisa literária
Clínica Integrada	X	X	X	

Resultados e discussão

GRUPO I - CICLO BÁSICO - METODOLOGIA ADOTADA

1- Aula expositiva - 25

2 - Aula expositiva dialogada - 08

3 - Aula expositiva dialogada acompanhada de recurso audio-visual - 01

4 - Seminários - 09

5 - Aulas práticas - 20

6 - Aulas práticas livres e orientadas - 01

7 - Aulas práticas acompanhadas de relatórios - 01

8 - Apresentação de trabalhos em grupos ou individuais - 08

9 - Trabalhos de pesquisa - 06

10 - Pesquisa bibliográfica - 01

11 - Pesquisa bibliográfica e de campo - 01

12 - Outros; leitura de textos, discussão, palestras, entrevistas, estudo dirigido, debates, projeção de filmes, dinâmica de grupos, grupos de estudo - 18

GRUPO I - CICLO BÁSICO - AVALIAÇÃO

1 - Prova bimestral teórica - 22

2 - Prova bimestral discursiva/objetiva - 05

3 - prova bimestral escrita/oral - 05

4 - Prova bimestral prática - 11

5 - Prova bimestral prática com slides - 01

6 - Trabalhos - 12

7 - Seminário - 08

8 - Outros: participação dos alunos, ensaio, pesquisa bibliográfica, estudo dirigido, monografia, resenha, relatório, fichas de avaliação, discussão circular, conceitos práticos, observação formal e discussão - 21

Analisando-se os resultados obtidos, no Ciclo Básico (37 Ementas), observa-se a grande ênfase às aulas expositivas e às provas escritas. De maneira geral, a aula expositiva está acompanhada de outros recursos didáticos; no entanto, analisando-se mais atentamente as Ementas, observa-

se que o seminário, por exemplo, está resumido ao número de um por bimestre ou semestre; a monografia em uma por semestre, e assim por diante. Outras práticas (18) como pesquisa, estudo dirigido, etc., resumem-se a um trabalho semestral ou bimestral; assim, a aula expositiva torna-se o principal instrumento didático. Quanto ao sistema de avaliação, observa-se também a ênfase dada às provas teóricas e práticas, acompanhadas de sistemas diversos. Fato bastante interessante é a prática da prova oral sem aviso prévio!

GRUPO II - CICLO PROFISSIONALIZANTE - METODOLOGIA ADOTADA

1 - Aula expositiva - 25

2 - Aula expositiva dialogada - 03

3 - Aula prática em laboratório - 10

4 - Aula prática em clínica - 23

5 - Seminário - 09

6 - Outros: pesquisa bibliográfica, dinâmica de grupo, discussão de textos, discussão de problemas, discussão circular, trabalho de campo, mesa redonda,, cirurgias demonstrativas, trabalho em grupo, estudo coletivo e individualizado de trabalhos clínicos, grupos de estudo - 10

GRUPO II - CICLO PROFISSIONALIZANTE - AVALIAÇÃO

1 - Prova bimestral teórica - 27

2 - Prova dissertativa semanal - 01

3 - Prova objetiva/subjetiva - 01

4 - Prova oral - 01

5 - Prova bimestral prática - 08

6 - Conceitos práticos - 23

7 - Outros: seminário, observação, participação, discussão, trabalhos de pesquisa, resenha bibliográfica, relatório final, monografia, estudo dirigido, produção escrita, assiduidade, comportamento, atitudes - 16

Nas disciplinas com caráter profissionalizante (36 Ementas), a aula expositiva continua sendo a mola mestra da prática pedagógica. Da mesma maneira que no Ciclo Básico, outros recursos como seminário, produção de textos, pesquisa, etc., resumem-se em apresentações únicas bimestrais ou semestrais; observa-se, ainda, que diversas práticas adotadas são de menor número (10)

Quanto à avaliação: provas teóricas, provas práticas e conceitos diários sobre trabalhos executados em pacientes são a tônica; seminários, relatórios, pesquisa, monografia, etc., também resumem-se a um por semestre ou bimestre.

Assim, encontramos:

> ...um professor que apenas ensina e um aluno que apenas aprende.
>
> A dimensão da aprendizagem é definida pelo repasse do professor, de tal sorte que o aluno somente sabe o que lhe foi transmitido. Transmitir é a medida do saber. Aula copiada é a didática essencial. Os professores repassam quantidades de conhecimento, organizados em grades curriculares recorrentes, cabendo a cada um, uma disciplina correspondente a uma das faces possíveis do curso ou da série.
>
> ... a aula repassa, a conta gotas, esse estoque que, pela via memorização e sobretudo da prova, vai sendo absorvido pelo aluno. Ao programar o semestre, o professor espalha pelos dias letivos quantidades sucessivas e cumulativas de matéria que terá de ser repassada, intercalando provas e testes para garantir o desempenho extensivo.[96]

Desta didática transmissão/cópia/reprodução, procura-se avaliar o que foi memorizado através de provas escritas e desempenho alcançado em aulas práticas.

Observa-se assim, que a qualidade pedagógica está mais voltada para a reprodução do conhecimento do que para a sua produção.

A partir destes dados, de maneira geral, consideramos que é uma didática tradicional que permeia a prática pedagógica dos professores de odontologia. Os instrumentos didático-pedagógicos empregados e a avaliação

---

[96] DEMO, **Educação e ...** , p. 58.

proposta são fortes indicadores desta afirmação. Desse modo, a prática pedagógica aplicada em sala de aula não passa de um mero repasse de informações onde o aluno copia, copia, e na hora da prova, reproduz. O acadêmico é um sujeito passivo, que não sabe pensar; um ouvinte sem sintonia fina pois não sabe discernir o "joio do trigo"; sem visão tridimensional do mundo e da importância de sua existência, não tem futuro, pois é um reprodutor do passado. O professor, neste contexto, não passa de um sujeito preocupado em ensinar os subsídios básicos profissionalizantes bem como em informar os últimos avanços tecnológicos e científicos existentes em seu campo, enfatizando qual técnica é mais recomendável para a resolução de cada caso. Sem dúvida este é um aspecto que merece atenção e consideração. Tomemos como exemplo, uma disciplina de cunho profissionalizante, onde temos 72 alunos em aula teórica com 50 minutos de duração; estes 72 alunos são divididos em 4 turmas de 18 alunos para atuação em clínicas, atendendo pacientes, em turnos de 4 horas (relação professor / aluno: 1/18). Tanto as aulas teóricas como as práticas são semanais. Como alterar a metodologia teórica (aulas expositivas e provas) e prática (ênfase na técnica)?

No atual contexto, vamos supor que todas as disciplinas do mesmo período adotem a metodologia do ensino com pesquisa. Seria ideal que isto acontecesse. O aluno deixaria de ser cópia de seu professor e construiria seu próprio conhecimento. Na prática, isto torna-se impossível, pois o tempo é extremamente limitado, como vimos anteriormente e como veremos nos tópicos: grade horária e relação professor/aluno. Dessa maneira somente podemos falar em uma nova prática pedagógica na medida em que a Universidade crie ou forneça condições para que a mesma se consolide.

Neste momento, é imprescindível que se façam algumas considerações sobre a política adotada para o sistema de aprovação na PUC-Pr.

Para a aprovação de disciplinas, o acadêmico necessita para passar por média, nota igual ou superior a 7,0. Se não atinge esta média, tem a oportunidade de realizar uma prova final que, somada à sua média semestral e dividida por dois, seja igual ou superior a 5,0. Ainda, se não atingir a média na primeira final, pode realizar uma segunda final. Teoricamente, esta política (primeira e segunda final) possibilitaria ao aluno uma recuperação. No entanto, o que se observa em Odontologia, é uma grande interrogação. Primeiro, porque nas disciplinas de cunho profissionalizante o que se faz para a obtenção da nota bimestral é uma média aritmética entre os trabalhos realizados em aulas práticas em pacientes e a nota da prova teórica. Há muitos casos de alunos que vão muito bem na teoria e não acontece o mesmo na prática. O contrário também é verdadeiro. Se esses alunos ficam para prova final, como esta deve ser realizada? Afinal, o aluno que pouco sabe "fazer" e sabe teoria, deve passar? Ou o aluno que não sabe teoria e sabe "fazer", deve passar? Se adotarmos um sistema de primeira e segunda finais, com provas teóricas e práticas, incorreríamos em infrações éticas, pois como poderíamos deixar um aluno realizar procedimentos que colocariam em risco a saúde bucal do paciente? Se a prova fosse realizada em manequins, não seria a mesma coisa, pois em manequins não temos o componente vivo que é o paciente. Desse modo, o sistema de avaliação deveria ser alterado, fazendo com que o aluno aprenda a pensar no que está fazendo, realizando, conciliando teoria e prática.

3.4 - Ciclo básico e ciclo profissionalizante:

> A especialização, naturalmente, predomina sobretudo no ensino acadêmico pós-obrigatório e no ensino profissional. A estes bem se pode aplicar o velho aforismo que afirma que sabemos - que aprendemos - cada vez mais sobre cada vez menos. Provavelmente já foi dito em outros lugares e por outras pessoas tudo o que há para dizer sobre os efeitos da ultra-especialização no ensino. É suficiente dizer que a

> especialização estreita é um obstáculo quase intransponível para a percepção e a compreensão de conjunto dos processos sociais e produtivos. [97]

A dicotomização entre o ciclo básico e o profissionalizante na organização curricular é bastante forte, assim como a fronteira entre as disciplinas é significativamente delineada. Isto sem contar a distância existente entre elas. Tomemos como exemplo a disciplina básica de Anatomia. Esta disciplina é ministrada no 1º e 2º períodos do curso. Possui carga horária teórica e prática. Quando o aluno atinge o 5º período, necessita dos conhecimentos básicos desenvolvidos pela disciplina de Anatomia. Não é possível, por exemplo, realizar uma anestesia sem o conhecimento prévio das estruturas anatômicas da cabeça e pescoço; entretanto, quando o aluno necessita efetivamente realizar a anestesia, já "esqueceu" as estruturas anatômicas, inervação, vascularização, etc. A resposta mais freqüente que se houve é: "vi isso em anatomia e não me lembro mais; faz muito tempo. " Temos inúmeros exemplos desses "esquecimentos" que dizem respeito às matérias consideradas básicas. Não é possível entender processos inflamatórios, alterações as mais diversas, sem conhecimento prévio de citologia, histologia, imunologia, etc.; mas elas situam-se tão longe na grade curricular... tão longe da prática....

3.5 - A responsabilidade das Disciplinas básicas para a formação do cidadão cirurgião-dentista.

"Formar o Cirurgião-dentista, Clínico Geral, voltado para os problemas de saúde bucal, com filosofia preventiva e social, apto e conscientizado para atuar na sua comunidade, integrando-se às atividades das outras profissões da área de saúde," [98] é objetivo do curso de Odontologia da PUC - Pr.

---

[97] ENGUITA, Mariano F. **A face oculta da escola.** Artes Médicas,1980, p.

[98] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. Pró-Reitoria Acadêmica. **Manual do curso ...**, 1996.

Ainda que as disciplinas de Teologia, Filosofia, Cultura e Cidadania, Deontologia, Odontologia Preventiva, Odontologia Social, e Odontologia para pacientes especiais, respondam em grande parte pelo desenvolvimento da formação integral do cidadão e da consciência preventiva, observa-se um "currículo oculto" nas demais disciplinas, contrariando a realidade da saúde bucal brasileira, que insistem em formar apenas "profissionais liberais" com ênfase na cura.

Apesar dos trabalhos extra-muros (prática emergencial no Pronto Socorro Odontológico do Hospital Cajuru ; prática de odontologia comunitária na Escola Elysio Vianna e Projeto Litoral realizados pelos alunos e desenvolvidos pela disciplina de Odontologia Preventiva e Social e pelo Departamento de Odontologia, é comum ouvirmos dos alunos expressões do tipo: "sabe como é, lá só fazemos selantes, técnicas de escovação, etc., a mesma enrolação de sempre." (referência a Escola Elysio Vianna); ou ainda: "trabalhamos até as 04 horas da manhã, fazendo extrações e emergências endodônticas; nada demais!" (referência ao Pronto Socorro Odontológico do Hospital Cajuru).

É muito difícil a tarefa do desenvolvimento do aluno da consciência política, preventiva e social, quando este espaço é muito pequeno (apenas 18 horas de estágio no Colégio Elysio Vianna); na realidade, pouco acrescenta a consciência social, já que as outras disciplinas enfatizam a técnica. Apesar da variedade de situações de ensino-aprendizagem vivenciadas durante o curso propiciarem contatos com as mais diversas realidades sociais intra-muros (própria Clínica de Odontologia que atende a comunidade carente), e extra-muros (Pronto Socorro Odontológico do Hospital Cajuru, Colégio Elysio Vianna, Projeto Litoral), o recém-formado entra em pânico quando percebe que seu consultório não rende financeiramente tanto quanto ele pretendia e até mesmo não consegue pagar suas contas no fim do mês. Neste aspecto, percebe-se e penetra-se em outro problema que é a dificuldade do aluno em aceitar a realidade social e econômica brasileira. O aluno que tanto gastou

durante a sua formação, quer um retorno econômico a qualquer preço. Este é um problema que ultrapassa a sala de aula, compreendendo um universo de variantes que não serão analisadas nos limites desse trabalho. Esta análise exigiria uma outra dissertação.

Sob este enfoque, observa-se que a precária condição de saúde bucal da maioria da população brasileira deve-se a um confronto entre uma prática odontológica sofisticada e de alto custo e a uma concentração de renda nas mãos de poucos. Desta maneira, a odontologia tem como forma profissional prática "a mercantil, decorrente do modo capitalista de produção, e que se caracteriza por uma prática privada para uma minoria de alta renda que pode pagar integralmente os seus custos." [99] Consequentemente, o recém formado tem a idéia de que ao montar seu consultório particular vai atingir particularmente essa faixa de renda. No entanto, Paixão mostrou no mesmo estudo que o cirurgião -dentista não percebe o fato de que sua profissão está em uma situação de transição, isto é, ela está deixando de ser marcadamente liberal e tornando-se uma combinação entre o liberalismo e o assalariamento, justamente porque as faixas de menor acumulação de capital estão procurando alternativas, seja filiando-se a planos de saúde empresarial ou estatal.

> Sob a forma combinada o profissional além de conservar uma área de atividade com características liberais vende sua força de trabalho diretamente ao Estado, às Associações de Classe e/ou Beneficentes, ao empresariado privado do ramo produtivo e da área de saúde, e "indiretamente" ao Estado e às empresas, em regime de convênios.[100]

Além deste fato caracterizar-se pela combinação de um consultório particular com clientela própria (liberal), com convênios (assalariado) e/ou com vínculos empregatícios (Estado ou industrias), os profissionais sujeitos dessa pesquisa, não percebem a verdadeira condição de seu trabalho, isto é, declaram-se notadamente "profissionais liberais".

---

[99] PAIXÃO, Heloísa Helena. **A Odontologia sob o capital: o mercado de trabalho e a formação universitário profissional do cirurgião-dentista**. Belo Horizonte,1979.Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, p. 113.

Observa-se, assim, que a Universidade deverá preparar o acadêmico para as necessidades sociais, especificamente aquelas ligadas às necessidades da saúde oral da população, as quais o profissional deverá conhecer e trabalhar para poder encontrar alternativas onde se alcance objetivos sociais mais amplos.

Saúde bucal ou saúde geral não compreendem somente aspectos de prevenção e socialização da profissão. Há a necessidade de se estabelecer vínculos entre ensino, pesquisa, necessidades sociais da população e mudanças que se operam no mercado de trabalho, pois somente uma reflexão crítica envolvendo estes fatores fornecerá uma visão global das manifestações sociais na sua totalidade.

3.6 - Grade horária.

Outro aspecto a ser considerado, é a grade horária, isto é, a disposição de aulas teóricas e práticas no atual programa. Tomemos como exemplo o 7º período do Curso de Odontologia (vide anexo 03). Se observarmos a turma A, que tempo disponível eles teriam para aprender a aprender, pesquisar em bibliotecas, pesquisas de campo etc.? Se todas as disciplinas exigissem algum tipo de trabalho escrito semanal, quando ele seria realizado? O aprender a aprender pressupõe alegria em aprender, não terrorismo, exigências sem limites, coação. O aluno tem direito a alimentação , descanso e lazer. Na atual grade horária, não há muita alternativa.

3.7 - Relação professor/aluno.

O ensino da Odontologia compreende capacidades de dimensões cognitivas (raciocínio / memória), afetivas (valores / atitudes) e psicomotoras

---

[100] Ibid., p. 15.

(condicionamentos / habilidades), consideradas em suas inter-relações e em níveis progressivos de detalhamento.[101] Portanto, o ensino da Odontologia requer além de conhecimento teórico, condicionamento e desenvolvimento de habilidades práticas. Para tal, são necessários laboratórios de ensino para as disciplinas básicas, laboratórios de ensino pré-clínicos de técnicas odontológicas (práticas em manequim) e clínicas de ensino para atendimento em pacientes. Nestas atividades práticas, os alunos devem ter acompanhamento docente, sendo que a relação professor/aluno é regulamentada pelo MEC.[102]

Laboratórios de ensino[103]

São aqueles destinados as atividades práticas, exigidas na carga horária das disciplinas e, por isso mesmo, realizadas pelos estudantes com acompanhamento docente. Recomendação professor/aluno: 1X15 (MEC)

A relação professor/aluno para o Curso de Odontologia da PUC-Pr., para as disciplinas básicas e de ensino pré-clínico, encontram-se nas tabelas abaixo:

TABELA 05

Laboratório	Disciplinas	Relação professor/aluno	Atende	Não atende
Ciências Morfológicas	Anatomia	1X18		X
Ciências Morfológicas	Fisiologia Geral Bioquímica	1X15	X	
Microbiologia	Microbiologia	1X15	X	

[101] 33º REUNIÃO DA ABENO. **Subsídios para o projeto pedagógico de curso de odontologia**. Fortaleza, julho. 1998

[102] MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Secretaria de Educação Superior. Comissões de especialistas de ensino. Comissão de especialista de ensino de Odontologia. **Padrão médio de um curso de odontologia.** Brasília: MEC/SESu,1994. 63 p.

[103] MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. MEC. Secretaria da Educação Superior. Comissão de Especialistas de Ensino de Odontologia. **Instrumento de verificação das condições de oferta dos cursos de graduação em odontologia.** Brasília, 1998.

Microscopia	Citologia	1X15	X	
Técnicas Histológicas	Histologia Embriologia			

TABELA 06 Laboratórios de ensino pré-clínico de técnicas odontológicas

Laboratório	Disciplinas	Relação professor/aluno	Atende	Não atende
I	Endodontia	1X12		X
I	Dentística	1X17		X
I	Periodontia	1X17		X
I e II	Prótese Fixa	1X17		X

Clínicas de ensino[104]

As disciplinas do curso de graduação em Odontologia necessitam de instalações e equipamentos adequados ao desenvolvimento de ensino prático. As características da prática odontológica exigem acompanhamento docente quase que individualizado para que os objetivos do ensino/aprendizagem sejam alcançados. O aluno deve executar para aprender, mas a execução deve ser supervisionada. Aceita-se, como uma relação ideal no ensino de prática clínica, aquela de **01 (um) docente para 05 (cinco) unidades de atendimento** (constituída de no máximo dois alunos trabalhando a quatro mãos).

As **clínicas I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII** tem capacidade para **18** equipamentos odontológicos cada uma, atendendo as disciplinas clínicas de: a) Endodontia I,II e III; b)Periodontia I, II e III; c)Dentística I, II, e III; d)Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial I, e II; e)Prótese Removível I, II,III; f)Prótese Fixa II; g)Odontologia preventiva II; h)Odontopediatria I, II;

---

104 Ibid.

i)Diagnóstico Bucal; j)Odontologia para pacientes especiais; l)Clínica Integrada (Estágio Supervisionado)

Nestas disciplinas, a **relação professor/aluno é de 1X18**, não atendendo as recomendações do MEC. A exceção se dá na Clínica Integrada, onde temos 4X36, e mesmo assim não atende a recomendação do MEC.

As disciplinas de **Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo Facial III e IV** são desenvolvidas no Centro Cirúrgico. Este Centro, atende também todas as outras disciplinas clínicas do curso de odontologia. A recomendação ideal do MEC para o desenvolvimento da prática clínica é **de 01 (um) docente para 05 (cinco) unidades de atendimento** (constituída de no máximo dois alunos trabalhando a quatro mãos)

O Centro Cirúrgico possui 06 (seis) conjuntos odontológicos para cirurgias e 03 (tres) para exames. A **relação professor/aluno nas disciplinas atendidas neste Centro é de 1X12**, não atendendo a recomendação do MEC.

Para o ensino de **radiologia** há uma área especifica, onde a **relação professor/aluno é de 1/12**, não atendendo a recomendação do MEC de **1/10.**

Quando se observa o número de alunos em aula teórica (70) e relaciona-se o tempo de duração da mesma, (50 minutos) fica a pergunta: que outro instrumento didático-pedagógico utilizar que não a aula expositiva, reprodutiva? Ainda, se levarmos em consideração que temos apenas uma aula teórica por semana, no semestre todo, para vencermos toda a matéria, todo o conteúdo, teremos no máximo 16 horas. Qualquer curso de "fim de semana" tem 12 horas! Existe a necessidade de que se modifique este horário, se realmente quisermos mudar os instrumentos e a própria metodologia. Partindo-se do pressuposto que a método para se atingir uma educação com qualidade é a do aprender a aprender, do ensino com pesquisa, que colocam ênfase na competência formal e política, do aluno como um sujeito crítico, criativo, reflexivo, sujeito de sua própria história, transformador, então existe a

necessidade de que a Instituição esteja engajada no mesmo projeto e forneça condições para que esta educação ocorra. Caso contrário, corre-se o risco de se permanecer na mesma mediocridade, isto é, "o professor finge que ensina, o aluno finge que aprende"[105] e o discurso teórico continua o mesmo: somente no sonho o ensino com pesquisa se realiza.

Em algumas aulas práticas de laboratório, esta relação é de 1/12 ou 1/15 ou 1/17; quando o aluno atinge a clínica e começa a atender pacientes, esta relação é de 1/18. Fica a pergunta: qual docente consegue atender/assistir a 18 alunos com qualidade? Quantas coisas acabam passando em branco por falta de tempo? Como deixar de ser essencialmente técnico, se não há tempo hábil para isto? Neste detalhe - **relação professor/aluno**, reside uma das maiores dificuldades encontradas no curso, porque não há a possibilidade de desenvolvimento de competências que não a formal. O número de alunos a serem assistidos é muito grande e a maior parte do tempo se não todo ele, fica restrito ao conhecimento técnico. Esta afirmação, deve-se acima de tudo, à responsabilidade docente perante a assistência odontológica. Esta responsabilidade, leva-nos à análise de outro item: O Docente de Odontologia.

3.8 - O docente de Odontologia

3.8.1 - Histórico

Para Pinto (1978), o ensino odontológico no Brasil e na América Latina em geral pode ser caracterizado por três fases: a artesanal, a acadêmica e a humanística. A fase artesanal, desenvolvida de forma empírica nos primeiros centros formadores, preocupava-se com a estética. A fase acadêmica foi assinalada pela implantação formal das primeiras faculdades de Odontologia, quando se inicia o reconhecimento da necessidade do embasamento das

---

[105] WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. Petrópolis, Rio

ciências biológicas. Recentemente, surgem as preocupações de introdução das matérias da área de humanidades no currículo odontológico.

As influências culturais e políticas que a América Latina sofre interagem com o ensino universitário em geral. Em função dos progressos da profissão de Odontologia nos Estados Unidos da América, este país transformou-se em pólo formador de profissionais, e aqueles que lá foram complementar sua formação profissional procuraram implantar aqui tudo o que podiam em termos de ensino e prática odontológicas lá verificados.

Em 1956, na cidade de Poços de Caldas, Minas Gerais, fundou-se a Associação Brasileira de Ensino Odontológico (ABENO). Tem-se neste fato uma importante fase para o ensino odontológico brasileiro, onde implementaram-se programas de bolsas em convênio com a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior), para estágios de docentes nas faculdades brasileiras; e em convênio com a International Cooperation Association, para estágio nos Estados Unidos da América. O convênio W. K. Kellog Foundation originou várias ações de intercâmbio entre Brasil e Estados Unidos da América, tendo como início de trabalhos um programa de visitas para levantamento geral das condições das faculdades de Odontologia do país.

Em 1958, o então presidente da ABENO, Prof. Dr. Paulino Guimarães Jr., defendia o ensino integrado e se preocupava com a atuação docente - "para isso, é preciso que os professores acreditem no valor da motivação. Valerá a Odontologia por motivação suficiente? É a primeira pergunta que a si mesmo deve dirigir um homem que ingressa na docência odontológica.[106]

De início, nos cursos de Odontologia, o ensino das disciplinas básicas era ministrado por médicos e farmacêuticos. Com a oficializacão de várias

---

de Janeiro: Vozes,1992.

[106] CARVALHO,Antonio Cesar Perri. **Educação e saúde em odontologia**. 1.ed. São Paulo: Santos,1995, p.12

faculdades, teve início a formação de docentes para tais disciplinas, entre seus egressos, notadamente nas décadas de 50 e 60. Com a Reforma de 1968, profissionais da área das ciências biológicas passaram a ser introduzidos no ensino da Odontologia. Após esta reforma, iniciou-se a implementação dos cursos de pós-graduação e surgem exigências de titulação para a carreira universitária, obtida em tais cursos e em concursos públicos. Assim, superou-se a fase típica das primeiras décadas de funcionamento dos cursos de Odontologia em que o professor era o profissional bem conceituado da cidade, muito embora não estivesse preparado e nem tivesse vocação para o ensino. Os cursos de pós-graduação, pelo fato de darem muita ênfase à pesquisa, sem dúvida, preparam melhor os profissionais para o exercício do magistério superior, já que em muitos deles, além da parte específica do curso, possuem uma carga didática justamente visando preparar o profissional para o exercício do magistério.

Atualmente o ensino da Odontologia caracteriza-se pelo estudo fragmentado de suas diversas especialidades. A escola, com raras exceções, é a tradicional; a teoria é passada por meio de aulas expositivas, explicativas, onde o aluno copia, reproduz. A relação professor-aluno continua sendo hierárquica, onde o aluno submete-se aos saberes dos professores.

No desempenho da docência em odontologia, é comum existir uma lacuna: o professor caracteriza-se como um especialista em seu campo de conhecimento; este é inclusive, o critério para sua seleção e contratação; porém, não necessariamente este professor domina a área educacional e pedagógica.

> Alega-se, como justificativa a esta situação, que o professor universitário, por lidar com adultos, não necessita tanto da formação didática quanto os professores de 1º e 2º graus... o mais importante para o desempenho do professor universitário é o domínio dos conhecimentos referentes à matéria que leciona, aliado, sempre que possível, à prática profissional[107].

---

[107] GIL, Antonio Carlos. **Metodologia do Ensino Superior.** São Paulo: Atlas, 1990, p.15.

Entretanto, em sua relação com o aluno, bem como com outros professores e organismos da instituição escolar, ele vive uma situação educacional. Essa lacuna se faz sentir e a necessidade do "professor universitário dotar-se de conhecimentos e habilidades de natureza pedagógicas"[108] e um projeto político-pedagógico claro é indispensável para que se articulem as ações a serem desenvolvidas dentro da sala de aula ou da escola, cujo alcance transcenda os limites da instituição, refletindo-se na estrutura social, transformando-a.

3.8.2 - Ingresso e progressão na carreira docente - PUC-Pr.

A PUC –Pr. classifica os docentes em quatro categorias: Auxiliares de Ensino, Professores do Quadro, Professores Visitantes e Conferencistas e Professores de Contrato Especial.

Os professores que compõem o quadro são classificados em : Assistentes, Adjuntos e Titulares.

Para a admissão, composição e efetivação na carreira docente, há a necessidade de uma titulação mínima e de um processo de seleção. Ver quadro abaixo:

TABELA 07

Categoria	**Nível**	**Condição** **Titulação mínima**	**Seleção**
Adjunto	I II	*Grau de Doutor	*Avaliação do Curriculum Vitae *Prova didática de habilitação, quando couber.

[108] Ibid., p.15.

	III		
Assistente	I II III	*Grau de Mestre *01 ano de magistério superior	*Avaliação do Curriculum Vitae; *Prova Didática de habilitação, quando couber
Auxiliar de Ensino		*Grau de Especialista *Atividade docente de nível superior ou o2 anos de atividade profissional	*Prova didática de habilitação

A PUC – Pr, possui ainda, um concurso interno para progressão funcional na carreira docente. Esta progressão se dá:

TABELA 08

Categoria	Nível	Condição Titulação Mínima	Critérios
Titular		*Grau de Doutor	*Interstício de 03 anos como Adjunto; *Concurso interno: títulos, apresentação e defesa de trabalho acadêmico
Adjunto	I II III	*Grau de Mestre	*Interstício de 02 anos como Assistente; *Concurso de Títulos

Assistente	I II III	*Grau de Especialista	*01 ano como Auxiliar de Ensino *Concurso: provas escrita, didática e títulos

3.8.3 - Qualificação do corpo docente

Atualmente, o número de docentes do Curso de Odontologia, segundo sua titulação, regime de trabalho, **com** formação em odontologia e capacitação em cursos recomendados pela CAPES, encontram-se na tabela abaixo:

TABELA 09

Regime de trabalho	Doutorado	Mestrado	Especialização	Graduação	Total
Menos de 12 horas	4	5	16	3	28
12 horas	1	6	16		23
20 horas	1	1	6	1	9
24 horas		1	2		3
40 horas	3				3
DE					

Observações:

1 - A contratação de docentes está vinculada a um plano de cargos e salários; o regime de trabalho é **horista**, isto é, os docentes possuem uma carga horária semanal de acordo com a necessidade da carga horária da disciplina para a qual foram contratados; nas disciplinas que atuam em clínica com atendimento a pacientes, não existe só um professor responsável; como as turmas são divididas em quatro, temos dois ou quatro professores

responsáveis pelo andamento da disciplina; isto se deve à disposição da carga horária e do espaço físico existente na Universidade;

2 - Verifica-se na Tabela 09 que o número de docentes com doutorado, mestrado e especialização em odontologia permanecem na Universidade 12 horas semanais ou menos. Este tempo de permanência é infinitamente pequeno para o desenvolvimento de uma educação com qualidade, partindo-se do pressuposto que a metodologia deva ser a do ensino com pesquisa, este fato vem ao encontro de nossas observações à respeito da competência formal e política, pois, como o tempo de permanência é pequeno e a relação professor/aluno é grande (1X18), torna-se praticamente inviável o desenvolvimento da competência política; dessa forma, permanece quase que exclusivamente o desenvolvimento de conhecimentos/compreensão e habilidades (competência técnica/formal) deixando de lado a competência política (desenvolvimento de atitudes, de cidadania).

3 - Ao analisarmos comparativamente as Tabelas 09 (docentes com formação em odontologia), 03 (metodologia utilizada em disciplinas do ciclo profissionalizante) e 04 (sistema de avaliação do ciclo profissionalizante), observaremos que apesar da titulação ser alta na área odontológica, ela deixa a desejar na área educacional; isto é, a metodologia empregada de maior incidência para aulas teóricas é a expositiva; o mesmo acontece no sistema de avaliação onde observamos a grande incidência de provas teóricas, conceitos práticos e a baixa produtividade em pesquisas.

O número de docentes, segundo sua titulação, regime de trabalho, **sem** formação em odontologia e capacitação em cursos recomendados pela CAPES, encontram-se na tabela abaixo:

TABELA 10

Regime de trabalho	Doutorado	Mestrado	Especialização	Graduação	Total
Menos de 12 horas			1		1

12 horas		3	1		4
20 horas					
24horas		7	3	1	11
40 horas					
DE					

Observações:

1 - Atualmente, 36% do corpo docente que atua no ciclo básico são constituídos por profissionais com formação em odontologia e 63% sem formação em odontologia. Temos ainda 47% de ex-alunos compondo o atual quadro.

2 - Verifica-se na Tabela 10 que os docentes com mestrado e especialização, sem formação em odontologia, permanecem um maior tempo (24 horas semanais) na Universidade.

3 - Ao analisarmos comparativamente as Tabelas 10 (docentes sem formação em odontologia), 01 (metodologia aplicada no ciclo básico) e 02 (sistema de avaliação adotado no ciclo básico), observaremos que a aula expositiva /dialogada aparece em maior número, acompanhada de apresentações de trabalho, pesquisa, etc; quanto à avaliação, observa-se um maior número de trabalhos, seminários, participação dos alunos, etc., do que no ciclo profissionalizante.

4 - Das observações realizadas até o presente momento (tabelas 01, 02, 03, 04, 09 e 10) vale dizer que quanto maior a titulação docente com formação em odontologia, mais tradicional e reprodutivo torna-se o curso, pois a metodologia adotada é a tradicional.

Retomando o problema da relação professor/aluno e a responsabilidade que recai sobre o docente perante o atendimento de pacientes realizados em clínica (assistência odontológica) realizaremos observações que consideramos pertinentes quanto à relação existente entre o

exercício do profissional liberal e o docente de Odontologia. As variáveis contidas nesta relação, estão diretamente relacionadas, como veremos a seguir.

RESPONSABILIDADE

Diz o Código de Ética Odontológico (Resolução CFO - 179/91)[109] no Capítulo 11:

> Art.23. No exercício do magistério, o profissional inscrito exaltará os princípios éticos e promoverá a divulgação deste Código.
> Art.24. Constitui infração ética:
> I - Utilizar-se do paciente de forma abusiva em aula ou pesquisa.
> II - Eximir-se de responsabilidade nos trabalhos executados em pacientes pelos alunos.
> III - Utilizar-se da influência do cargo para aliciamento e/ou encaminhamento de pacientes para clínica particular.

Observe com atenção o item II do artigo 24. Que outro docente (exceto os da área médica, enfermagem, etc.) tem a responsabilidade imediata além do discente, uma terceira pessoa - o paciente? Assim, o docente/profissional (impossível dissociar) é responsável pela assistência odontológica prestada a todos os pacientes.

Podemos citar mais um exemplo desta responsabilidade: o Convênio[110], transcrevendo abaixo os itens considerados relevantes.

O referido convênio foi firmado pelo Ministério da Educação, Universidade Católica do Paraná e Ministério da Previdência e Assistência Social, em 1986, tendo como objetivo estabelecer mecanismos para implantação e execução da assistência odontológica nas Ações Integradas de Saúde (AIS) no Estado do Paraná.

---

[109]RAMOS, Dalton Luiz de Paula. **Ética Odontológica . O Código de Ética Odontológica.**1.ed.São Paulo: Santos,1994.

[110] MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Convênio que celebram entre si, a Universidade Católica do Paraná, Ministério da Previdência e Assistência Social, Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social, Ministério da Saúde, com objetivo de estabelecer mecanismos à implantação e execução da assistência odontológica nas ações integradas de saúde no Estado do Paraná**. Curitiba, 1986.

Cláusula segunda:

3ª A assistência odontológica prevista neste convênio será prestada sob responsabilidade e supervisão do corpo docente da Convenente.

Cláusula quarta - a Convenente se obriga a observar as seguintes condições:

a - prestar os serviços necessários e assegurar sua qualidade, mantendo os locais de atendimento suficientemente supridos de material e pessoal, bem como providenciando a utilização de equipamentos e adoção de métodos diagnósticos indispensáveis à adequada prestação assistencial.

Em 15 de maio de 1988, o documento sofreu algumas adições[111](Minuta do Termo Aditivo). Tal documento foi assinado pelo Prof. Amadeu Moreira Pullin, representante do Reitor da FUEL, Prof. Monir Tacla, representante do Reitor da PUC-Pr., Prof. Edson Tetu, representante do Reitor da UFPr., Prof. João Carlos Gomes, representante do Reitor da UEPG-Pr.

A Minuta do Termo Adititivo foi aprovada em plenário pelo parecer nº05/88 do CONSUN, tendo como relator o sr. Pedro Bernardi.

Partindo-se do pressuposto de que o docente de odontologia deve estar engajado na metodologia do aprender a aprender, da pesquisa como principio da sua própria educação e da educação de seus alunos, pois sem ela será cópia de outros e seus alunos cópia da cópia, o professor deverá construir e apresentar produção própria, construindo assim seus próprios referenciais, sabendo modificá-los quando necessário e ainda, ser um profissional competente em sua área de atuação, pois em odontologia, é indispensável que um professor de clínica, por exemplo, tenha a sua própria prática profissional. É imprescindível que o docente possua sua própria competência formal e política. Não se admite um docente de odontologia somente "teórico". É preciso, também, saber fazer. Fazer no sentido técnico, saber fazer no sentido do manejo instrumental, saber fazer no sentido da habilidade manual, do adestramento que a profissão requer, da visão clínica.

---

111 Pontifícia Universidade Católica do Paraná. **Parecer nº 05/88-CONSUN de 04 de maio de 1988**. Homologação do termo aditivo ao convênio firmado entre INAMPS/MEC/MS/Cursos de Odontologia do Estado do Paraná. PedroBernardi. Plenário do Conselho Universitário.

Assim, no atual contexto, o grande desafio será reunir, conciliar, a teoria, a capacidade de pesquisa e a competência formal profissional. As tres demandam tempo. Senão, vejamos:

a - pesquisa - seja ela básica, prática ou experimental, requer tempo disponível, disposição, etc., para a reconstrução, elaboração ou novas descobertas.

b - Competência formal profissional - além da sua própria prática profissional, o profissional competente deve estar no mínimo informado dos principais avanços científicos e tecnológicos na sua área; é a pesquisa, a aplicação na prática da teoria que irá fazer do profissional/docente um inovador; consequentemente, há a socialização destas informações para o meio acadêmico; há a competência em se saber usar estes novos avanços, em utilizá-los. Está implícito o uso correto da técnica, o saber fazer. Portanto, o docente de odontologia deveria ser um profissional competente, que deve saber fazer, sim. Se isto não for verdadeiro, como um docente poderá orientar a extração de uma raiz residual ou auxiliar no preparo cavitário para uma restauração estética? Não há como dissociar o docente do profissional de odontologia. Eles são um só.

Se o professor não for um profissional que exerça sua prática com competência, como irá garantir a assistência e a qualidade exigidas? Ainda, se não for um docente/profissional com competência política, como vai intervir na formação de novos profissionais para que desenvolvam espírito crítico, visão geral e real da saúde oral no Brasil? " O profissional do ensino não é um técnico, um especialista, é antes de mais nada um **profissional do humano**, do social, do político."[112] Ou ainda, como irá fazer o aluno perceber a importância do paciente na sua formação? Como fazê-lo entender que o paciente é o representante de um sujeito coletivo, é o dado da realidade que penetra no ensino e que, ainda hoje, é descaracterizado enquanto totalidade

sócio-econômica, política e cultural? Portanto, o profissional com responsabilidades educacionais, deve estar comprometido com as questões sociais que envolvem e condicionam seu trabalho, pois a "educação é **compromisso**, é ato, é decisão. Educar-se é tomar decisão, tomar partido. E o educador educa educando-se, isto é, tomando partido, posicionando-se."[113] Não há neutralidade na educação.

Diante destas exigências, há de se encontrar uma nova forma em que se concilie o docente com o profissional liberal. A qualidade formal e política exigida do docente/profissional aponta para outros caminhos que não este que vivenciamos: o tempo pequeno de permanência na Universidade, a relação professor/aluno, a grade horária, o "currículo oculto" com ênfase na cura, são variáveis que deverão ser modificadas se realmente pretendermos uma educação com qualidade.

---

[112] GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**. 7.ed.São Paulo: Cortez, 1990, p. 142.

[113] Ibid., p.143.

CAPÍTULO III

A TEORIA NA PRÁTICA E A PRÁTICA DA TEORIA: IDENTIFICANDO OS PROBLEMAS.

1 - Os sujeitos da pesquisa

Foram entrevistados 07 professores do 9º período (Clínica Integrada) do curso de Odontologia da PUC- Pr. , de um total de 15. Destes, um professor é Coordenador da Clínica Integrada não exercendo função docente na Clínica Integrada, mas exerce a função em outro período; 03 docentes são professores exclusivos da Clínica Integrada e 03, além de exercerem função docente na Clínica Integrada, o fazem em outras disciplinas em outros períodos.

Como condição para as entrevistas docentes foi determinado que os mesmos deveriam pertencer ao quadro de docentes da Clínica Integrada ou terem ligação direta com a mesma. Não houveram outras restrições, a não ser aquelas impostas pelos próprios docentes que não quiseram fazer parte da pesquisa.

Foram entrevistados, ainda, 07 acadêmicos do 9º período do curso de Odontologia da PUC-PR., de um total de 70.

Como condição para as entrevistas acadêmicas foi determinado que os mesmos deveriam estar devidamente matriculados no 9º período do curso de odontologia e estivessem disponíveis e receptivos à entrevista.

2 - O roteiro da entrevista

Foram elaborados dois roteiros de entrevista: um para os docentes e, outro, para os acadêmicos.

2.1- roteiro dos docentes

a) disciplinas que leciona; formação pedagógica; b) quantos anos na docência; c) como ingressou na carreira docente; d) visão geral do curso; e) metodologia empregada; f) método de avaliação empregado; g) relação professor/aluno; h) visão docente sobre o desenvolvimento técnico e social dos acadêmicos; i) participação em congressos; j) participação em campanhas educativas; l) consultório particular / convênios; m) análise final.

2.2 - roteiro dos acadêmicos

a) visão geral do curso; b) relação básico / profissionalizante; c) grade horária; d) metodologia; e) avaliação; f) relação professor /aluno; g) nota para o curso; h) trabalhos de pesquisa; i) participação no Centro Acadêmico; j) participação em campanhas educativas; l) conhecimento do Código de Ética e Código de Defesa do Consumidor; m) o que vai fazer quando se formar: m.1) emprego - piso salarial/tempo de serviço; m.2) consultório particular - documentação exigida, impostos e/ou taxas, convênios, secretária (legislação); n) análise final.

3 - As entrevistas

3.1- Organizando os dados

Utilizamos a pesquisa quantitativa (docentes e acadêmicos) apenas para organizar genericamente os aspectos passíveis de quantificação, tais como: número de docentes e acadêmicos, tempo de docência, disciplinas que lecionam, formação pedagógica, participação em congressos, campanhas educativas e Centro Acadêmico, consultório particular, trabalhos de pesquisa, conhecimento do Código de Ética Profissional.

3.2 - Coletando dados

As entrevistas foram realizadas nas dependências da Clínica de Odontologia da PUC - Pr.; as mesmas foram gravadas e posteriormente transcritas pela autora desta pesquisa. Como já visto anteriormente, as entrevistas tiveram um roteiro organizado, mas de forma a deixar tanto professores quanto alunos[114], a possibilidade de seguirem seus próprios rumos narrativos, se assim o desejassem. Dessa maneira pudemos observar que além das "categorias de problemas" identificadas pela autora durante a execução desse trabalho, tanto os acadêmicos quanto os docentes revelaram novas "categorias de problemas", durante a prática do atual curso.

3.3 - Analisando dados qualitativos docentes

Iniciamos a entrevista solicitando aos entrevistados seu tempo de carreira docente e como ingressaram na mesma. Observamos que todos os docentes foram convidados a "dar aula" por pessoas que já faziam parte do quadro docente da Universidade. Nos relata um professor com 30 anos de magistério:

> Quando eu me formei em 1964, eu recebi o prêmio Nilo Cairo da Universidade Federal do Paraná, que corresponde ao prêmio Marcelino Champagnat, da PUC; quando, um dia, eu estava no meu consultório trabalhando, o Doutor .... , ele era muito amigo do Professor ... da Federal, ele pôs um bilhete debaixo da minha porta: " a Universidade precisa de um professor e eu me lembrei de você, porque você foi o primeiro da turma, e eu propus o teu nome para o Professor ..."
>
> ... e depois, o Professor ... me convidou pra vir pra cá e estou aqui até hoje. (docente nº06)

Verbaliza assim a professora com 14 anos de magistério:

> Por acaso. Eu morava em Campinas, aí um irmão meu conheceu o ... e disse que eu pensava em vir pra cá. Aí o ... falou que era para eu vir conversar com ele que tinha uma vaga na Integrada; eu vim e entrei. (docente nº 02)

---

[114] Nota da autora: todos os docentes e acadêmicos foram "numerados", isto é, seus nomes não serão mencionados. Partimos do principio de que tanto os docentes quanto os discentes ficariam mais à vontade para suas narrativas; propositadamente omitimos também nomes de professores citados pelos acadêmicos e docentes.

Observamos em todas as entrevistas que o profissional liberal bem conceituado na sua cidade, torna-se professor por convite de amigos que lecionam na Instituição. Ainda que mais tarde tenham se submetido às provas de seleção, observa-se que o sucesso profissional e a amizade com pessoas influentes foram fortes indicadores para seu ingresso na docência. Dos professores entrevistados, apenas dois não possuem formação pedagógica. Possuem formação pedagógica: três docentes especialistas em Metodologia do Ensino Superior na PUC - Pr; um com Mestrado em Educação e especialização em Metodologia do Ensino Superior e um docente especialista na área Odontológica com carga horária pedagógica. Todos os docentes possuem especialização na área odontológica.

Prosseguindo com a entrevista solicitamos aos entrevistados sua **visão geral** quanto ao andamento do atual curso de Odontologia. Observamos que neste aspecto, os docentes identificam problemas de ordem geral e particular.

Em uma alusão ao tratamento elitista do curso, verbaliza o professor:

> Eu vejo o curso de odontologia na PUC de uma forma até um pouco alegre e um pouco triste. A parte da alegria é ver que nós estamos avançando, acompanhando todas as tecnologias que estão surgindo, os professores estão se esforçando para dar o melhor para os alunos, mas estão esquecendo, para minha maneira de pensar, o básico, o antigo, que é da onde surgiu tudo... (docente 03)

Seguindo o pensamento do professor, o "básico, o antigo", seriam as resoluções mais simples para casos do dia-a-dia. As nova tecnologias encareceriam o tratamento, deixando de fora grande parte da população.

> Acho assim que está ficando muito elitista, muito tecnicista; as pessoas não pensam, as pessoas só querem a coisa prática, "macetes"; uma coisa que não condiz com a realidade aí fora. ... acho que não é só na PUC que está acontecendo. (docente 02)

Esse ponto de vista, "elitista e tecnicista", tem sua razão quando o docente responde se essa visão poderia ser modificada:

> Acho que poderia sim, mas eu não sei. Porque acho que vem da base do acadêmico também. Acho que o que falta é ele saber pensar; uma coisa mais filosófica, de filosofia. A pessoa entra, ele quer aprender a técnica e quer sair ganhando dinheiro; é o que está acontecendo. (docente 02)

Observa-se neste depoimento que a visão do docente em relação ao acadêmico tem um forte componente capitalista, relacionando a aprendizagem técnica, "macetes", com a ausência do "saber pensar", e com o ganho financeiro fácil.

O saber pensar é também verbalizado pelo docente, quando diz:

> A integração das disciplinas; eles tem dificuldade no dia a dia da clínica integrada, de integrar as disciplinas. Eles vão bem isoladamente; daí, quando eles tem que pensar
>
> principalmente no global, assim, no paciente como um todo, eles tem dificuldade. (docente 05)
>
> ... no último ano, na clínica integrada, eu to dando uma revisão... prescrição terapêutica... Então veja bem, a gente sente que o aluno chega na clínica com alguma dificuldade na prescrição. Isso também vai muito em função que durante o curso, nas diferentes disciplinas, cada professor tem uma filosofia de trabalho em termos de medicamentos. Mas, realmente eu acho que a falha, se é que é falha, não haver uma padronização dos cursos das diferentes disciplinas quanto à conduta medicamentosa, o que não é uma coisa difícil, é só a gente se reunir, conversar e seguir a mesma linha. E aí o aluno se perde, ele chega na clínica e realmente: será que eu vou prescrever o que a cirurgia orientou? O que a endodontia orientou? Enfim, ele fica perdido. (docente 07)

Desse modo, os docentes explicaram a falta de integração, a ausência de multidisciplinaridade, colocando muito bem sua visão positivista do curso, isto é, o acadêmico vai muito bem quando o particular, o fragmentado está em questão; no entanto, quando ele precisa reunir seus conhecimentos, há a dificuldade.

Outro entrevistado relata:

> Acho que a parte de distribuição de disciplinas ... o currículo ... a distribuição eu acho está incorreta, porque por exemplo: no 7º período eu precisava que os alunos já tivessem tido prótese fixa para que eu pudesse associar a prótese fixa com removível; e eu não tenho esse vínculo... o problema da removível especificamente é que o paciente não está pronto; tem que preparar esse paciente; não existe uma interrelação entre as disciplinas, você não consegue levar esse paciente para as outras disciplinas, por exemplo: para dentística, para perio, porque já tem paciente lá. Então essa interrelação não existe, é muito difícil. (docente 04)

Este docente além de confirmar a falta de multidisciplinaridade, identifica ainda o problema particular que enfrenta quanto à distribuição de sua disciplina no atual curso e a dificuldade dos pacientes serem atendidos na própria clínica de odontologia. Observamos dessa maneira que os pacientes ficam impossibilitados de realizarem suas próteses porque as disciplinas que deveriam responder pelas restaurações, tratamentos de canal, etc., já estão com atendimentos em outros pacientes e não tem espaço para o atendimento. Desse modo, o atual curso "peca" por não possuir um programa de atendimento aos pacientes, isto é, não existe um encaminhamento de procedimentos prioritários a serem realizados para que a disciplina de prótese removível por exemplo, possa se encaminhar.

Temos ainda o relato do docente que identifica o "não saber pensar" dos acadêmicos, comparando-os com os alunos de Odontologia da Universidade Federal do Paraná:

> ... os alunos aqui são diferentes; os alunos de lá - vou falar alguma coisa que talvez possa melindrar alguém - os alunos de lá são melhores do que os nossos alunos daqui. Muito melhor; pela própria seleção que nós temos no vestibular; os primeiros 80 ficam por lá; ao nossos 140 são às vezes até os últimos. Com estas duas entradas, dificulta muito porque o primeiro semestre, a primeira entrada nós temos os melhores desses 140. No segundo semestre são os alunos inferiores, entrando alguns em até 6ª chamada. Então, quer dizer: alunos que passaram porque tiraram diferente de zero. Isso é muito ruim para nós; são alunos que não estão acostumados a ler, quer dizer, você pode ter o professor no nível que você imaginar, se você não tem aluno acostumado a ler, aluno acostumado a estudar, dificulta muito. Eu acho que esse aspecto é muito ruim para nós; para nós revertermos essa situação de terceiro colocado em Odontologia em Curitiba, vai ser muito difícil, por causa disso: a entrada nesse segundo semestre dificulta o nível. (docente 06)

Nesse relato, o docente identifica o problema da seleção via vestibular, colocando em questão o número de chamadas que são realizadas e a terceira colocação no "provão" realizado pelo MEC, do curso de Odontologia da PUC em Curitiba. Permanece a dúvida se realmente as duas entradas serão indicadores de "alunos inferiores" e da terceira colocação no provão.

Quanto à **metodologia** adotada para ministrar aulas teóricas e práticas, veremos a seguir os problemas apontados pelos docentes.

A aula teórica em relação ao tempo:

Eu acho - o mais gritante- é a questão de teórica. O que a gente nota é que ele tem 50 minutos de aula teórica, o que acaba sendo 40, pra ver um capítulo. Aí então ele tira um xerox, ele não tem uma visão. Porque acho que a aula teórica aqui é pra ...você vai dar a filosofia naquele capítulo, conteúdo. E ele passa a vida inteira, às vezes até depois de formado, com aquilo só. (docente 02)

A aula prática em relação ao tempo:

... na parte que desenvolvo, 9º período, acho que o tempo que eles permanecem conosco é simplesmente irrisório... é simplesmente absurdo querer que eles desenvolvam - a noção de clínica integrada - em 3 a 4 meses. (entrevista 03)

O problema da didática, apesar dos cursos de especialização em Metodologia do Ensino Superior:

... olha, quanto a questão de como dar aula, acho que isso é muito pessoal. Tem pessoas que só usam o giz e passam muito mais do que outros. Isso, acho que é uma questão de didática, do jeito da pessoa, né. Então acho que isso é pessoal. (docente 02)

... o que acontece hoje, parece que a gente dá tudo mastigado ao aluno e não faz mais ele pensar ... então ele não tenta desenvolver tudo aquilo que ele tem de capacidade mental para poder criar... (docente 03)

Na verdade, acho que basicamente na Odontologia a gente, eu dou aula com diapositivos, transparências, e é uma aula expositiva realmente. Talvez, seja interessante até, é uma falha minha, né, começar a mudar isso, fazer, exigir mais do aluno, em termos de raciocínio, porque a gente entra na sala de aula, dá aula teórica e acabou. O aluno que tem interesse vai na biblioteca, o que não tem... estuda prá prova. Quer dizer... aos poucos tem que mudar esse aspecto para estimular o aluno... (docente 07)

A relação entre didática e horas/aula:

... aquilo que a gente comenta: não é talvez por uma questão de didática dos professores. Eu to vendo falha no tempo em que esses professores tem pra poder passar todo esse conhecimento para seus alunos. Seria, digamos assim, o número de horas/aula que esses alunos tem, que é pouco, é incompatível com a quantidade de informação que tem que ser recebida. Eu não acredito que a didática do professor em si - é claro, salvo exceções - sela pra minha maneira de pensar, a culpada, de eles virem com toda essa carga necessária. (resposta dada quando se perguntou se os alunos vinham com um conhecimento geral do curso - docente 03)

A dissociação entre teórica e prática e o número de alunos:

> ... eu não estou satisfeito com o que está sendo realizado na nossa disciplina, porque eu gostaria de que as coisas fossem um pouco diferente - porque nós temos hoje, duas clínicas em funcionamento, duas clínicas - e nos temos uma quantidade de alunos muito grande; poucos professores; isso me dificulta muito. A parte teórica, por exemplo, fica totalmente dissociada da parte prática, totalmente dissociada. Nós não temos condições de fazer com que a teórica caminhe junto com a prática; nós temos uma dificuldade muito grande na aula prática: eu por exemplo, trabalho sozinho numa clínica...tenho que assumir esta responsabilidade de 17 alunos numa clínica.(docente 06)

> ... eu vejo que os alunos não conseguem fazer uma associação teórico-prática das disciplinas... eles não tem oportunidade de receber uma orientação teórica e reproduzir em seguida isto na prática... (docente 01)

Nestes depoimentos percebemos que os docentes têm preocupações de ordem pedagógica, relacionando o "como dar aulas" somente a aspectos didáticos, isto é, relacionam sua metodologia somente com aspectos sobre o domínio de técnicas voltadas ao ensino, desconhecendo a verdadeira abrangência do termo "formação pedagógica". Este "necessariamente passa por conhecimentos de Filosofia da Educação, de Política Educacional, de Psicologia do Desenvolvimento e da Educação, pelo domínio das questões do ensino (avaliação, currículo, estrutura do sistema educacional, etc.), além de muitos outros aspectos complementares." [115] Deste modo, a questão da metodologia resume-se a técnicas didáticas e percebe-se que os docentes consideram o exercício do magistério como um "dom" ou um "dom mais conhecimento pedagógico técnico."

Assim, observamos que os problemas relacionados pelos docentes dão ênfase ao conteúdo específico de cada disciplina, isto é, relacionam o número de alunos, a carga horária e a didática como fatores que interferem na formação do futuro profissional.

Outro aspecto a ser levado em consideração nestes depoimentos é a dissociação entre teoria e prática. Neste ponto é necessário tecer algumas considerações. A primeira delas refere-se à dissociação entre teoria e prática do conteúdo específico de determinada disciplina. Por exemplo: a disciplina de

---

[115] VASCONCELOS, Maria Lucia M. Carvalho. **A formação do professor de terceiro grau**. São Paulo: Editora Pioneira, 1996, p. 44.

Cirurgia e Traumatologia Buco Maxilo Facial e Anestesiologia ministrada no quinto período, fornece embasamento teórico para a realização da anestesia dos nervos alveolar inferior, lingual e longo bucal para extração de dentes inferiores; a aula é ministrada em 50 minutos e logo após os acadêmicos dirigem-se para a Clínica de Odontologia para a aula prática em pacientes. O que acontece na maioria das vezes é que os pacientes que lá estão não necessitam extrair dentes inferiores e, sim, superiores. Assim, o que o aluno viu na teórica neste dia, não irá se reproduzir na prática. É claro, que mais cedo ou mais tarde, ele irá realizar o procedimento citado no exemplo, mas fica o docente com esta dissociação teórico-prática, porque pode acontecer que a teoria para anestesiar dentes superiores ainda não tenha sido desenvolvida; e isso acontece com muita freqüência. Nesse aspecto temos que levar em consideração que os pacientes que vieram até a Clínica de Odontologia para realizar uma extração, na maioria das vezes, não têm condições financeiras de retorno, ou o caso necessita ser tratado naquele dia. Assim, o professor em clínica fica "obrigado" a desenvolver a técnica antes da teoria, e é um procedimento extremamente difícil, pois o número de alunos é muito grande sob sua responsabilidade. Temos diversos exemplos, nas mais variadas disciplinas de "casos" semelhantes a este que foi exemplificado.

Outro aspecto que devemos levar em consideração na dissociação teoria-prática levantada pelos docentes é aquela relacionada à experiência profissional do docente no campo específico de seu trabalho. Nesse aspecto o docente tem a possibilidade de trazer para a Universidade, já que todos possuem consultório particular, dados efetivos de um mercado de trabalho concreto, relacionando a matéria que ensina com a vida prática, estabelecendo uma ponte entre a sociedade e a Academia. Novamente, o número de alunos e o tempo em que os professores permanecem na Universidade em regime horista fazem com que não haja um vínculo maior entre docentes e alunos, tornando essa relação meramente técnica.

Quanto ao sistema de **avaliação**, observamos que os docentes ainda prendem-se à tradição:

> Faço prova teórica normal... quando a gente consegue faz seminários... mas, é uma somatória de comportamentos, de pontualidade, de assiduidade, uma série de coisas. (docente 04)

> A nossa avaliação - ela é realizada - uma prova bimestral escrita; nós fazemos uma avaliação do trabalho no cliente, nós fazemos uma avaliação do interesse do aluno, nós fazemos uma avaliação da apresentação do aluno... nós analisamos tudo. (docente 06)

No entanto, a insatisfação é percebida:

> ... quanto a avaliação, acho que não avalia... uma prova que ele vai estudar do xerox do outro e você não tem o direito de, por exemplo:na aula teórica você passa a linha mestra da filosofia da disciplina e você não pode na prova perguntar uma coisa além porque ele vai te acusar que você não deu na aula. Então acho que é impossível. (docente 02)

> ... faço provas dissertativas bimestrais. Como é uma turma grande, de 70 alunos, e não tem uma outra maneira de eu fazer - o contato é uma vez por semana - não tem como eu fazer uma avaliação aluno por aluno. Então infelizmente, a avaliação é em relação ao que ele responde na prova, porque são 70 alunos, e na parte teórica é difícil realmente num contato uma vez por semana, você estabelecer outro critério de avaliação. Então, basicamente é a prova. (docente 07)

Ainda, apesar do tradicionalismo, a insatisfação com o número de alunos e o questionamento quanto à avaliação fazem parte do cotidiano docente:

> Nós utilizamos prova. É uma avaliação extremamente subjetiva, que é uma ficha que nós olhamos se nós assinamos; se no fim do semestre o cara fez dez ou não fez dez... Outro grande problema: quanto mais ele me chama, mais eu gravo a cara dele. Então eu acho que ele não está sabendo. Ao contrário, aquele que não me chama tá fazendo tudo por conta dele. Ah! Esse cara não incomoda, então ele é bom. Eu não sei se ele é bom, eu nem vi. Eu não tenho como acompanhar nesse sistema que nós temos atualmente. Se nós tivessemos um por um , eu fico com oito, no final do semestre eu teria condições de dizer: esse aluno está apto a ser aprovado ou não. Outra coisa da avaliação: qual é o parâmetro? O parâmetro sou eu, que tenho 20 anos de profissão? Eu não posso ser parâmetro para julgar um indivíduo que nunca pegou uma alavanca na mão. Mesma coisa você na endo. O canal tem que ser igual a professora Rosilene? Não pode! É impossível. Ou você faz muito mal, que não é o caso, ou o aluno é um gênio; mesmo que ele seja ou que ele fosse, ele não teria condições de fazer tão bem quanto você. Esse parâmetro é importante que o professor saiba dizer. Eu quero definir o que é que ele tem que saber. Avaliar por objetivos: é complicado, mas acho que a gente poderia tentar alguma coisa. Tem que conhecer instrumental. Conheceu? Conheceu. Nós fazemos um julgamento que

> é subjetivo. Extraiu um dente? Tem uns que complicam prá mim também. Imagine para o aluno. E outros por uma sorte, eu escolho aqueles dentes que estão com problema periodontal avançadíssimo: o cara tira. Viu? Esse é bom, esse sabe tirar. Àquele ele tira, mas não tira nem um outro que complique. (docente 01)

Podemos observar nos depoimentos anteriores que os docentes em Odontologia prendem-se a avaliações tradicionais (provas dissertativas) no que diz respeito à avaliação teórica. Percebe-se que este tipo de avaliação utilizada pelos docentes leva em consideração o tempo que os mesmos permanecem com seus alunos, que é pequeno, e que seria um entrave para outro tipo de avaliação. Demo[116], afirma: " o professor que apenas passa prova manifesta, desde logo, que não tem compromisso formal e político com o desempenho adequado do aluno, já que persegue apenas momentos de teste estereotipado, desvinculados do processo de aprendizagem." Neste sentido, observamos que a avaliação em Odontologia está longe daquela necessária para a educação com qualidade. Nesta, a avaliação deveria incluir, ao menos, a pesquisa, o saber pensar, o aprender a aprender, a atualização permanente, a interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade.

Por outro lado, observamos que o desenvolvimento da avaliação prática é extremamente difícil para o docente. Primeiro, porque não há um consenso do que e quanto o aluno deve fazer, praticar. Se há um trabalho mínimo há ser realizado em determinada disciplina, quem deverá ser o parâmetro para a avaliação? Como bem colocou o docente 01: "O parâmetro sou eu, que tenho 20 anos de profissão?" Segundo, o quanto o aluno deve sair "saber fazendo" da Universidade? Isto é, o que ele deve saber fazer bem feito? Somente procedimentos básicos? Ou procedimentos básicos e complexos? Verbaliza o docente:

> Nós temos que definir parâmetros: o que é que interessa que o aluno da graduação saiba. Nós ficamos um pouco perdidos nisso. O aluno da graduação tem que saber tirar terceiro molar? Realmente não é idéia de que o aluno da graduação saia daqui sabendo tirar terceiro molar. Você não tem um médico que saia do curso de medicina operando o coração. E ao alunos de odonto tem na sua cabeça, e eu sinto isso lá na Integrada, que eles tem que sair daqui sabendo fazer canal de terceiro molar,

---

116 DEMO, Pedro. **Avaliação sob o olhar propedêutico**. São Paulo: Papirus, 1996, p. 60.

> extração de dentes inclusos, de fazer reabilitações orais de ponta a ponta, de fazer ortodontia, de atender todos os problemas periodontais e não é isso. (docente 01)

Desse modo observamos que, primeiro, há a necessidade de um consenso sobre o que o aluno do curso de Odontologia deve saber fazer e, neste sentido, há a necessidade imediata de um estudo que indique o que é um cirurgião dentista clínico geral. Por mais absurda que pareça a firmação anterior, não existe um parâmetro bem definido neste sentido. Existem afirmações genéricas que possibilitam as mais variadas interpretações.

Ainda, será útil resgatarmos os problemas que se colocam quando da realização das primeira e segunda provas finais. O curso de Odontologia necessita de uma política diferenciada para avaliação. Ou altera-se a metodologia atual para ensino com pesquisa, ou vamos continuar formando profissionais meramente técnicos ou teóricos.

Quanto à **relação professor /aluno**, os docentes assim se expressaram:

> ... na parte teórica, que tem uma parte prática dentro da teórica, realmente um professor só prá 70 alunos, eu acho muito, acho pouco... (docente 07)

> Eu acho absurdo; não tem condição. Tipo... é...eu na integrada, nos dias que venho, eu só olho endo. Como é que eu vou ver 36? É impossível, você não acompanha. (docente 02)

> Eu acho um absurdo a relação professor/aluno aqui nessa escola; a inviabilidade de se fazer um trabalho bem feito, um trabalho legal, um acompanhamento do atual número de pacientes, você não consegue fazer...a relação professor/aluno é muito grande aqui dentro, certo? (docente 04)

> Eu acho que deveria ser menor. Pela dificuldade, principalmente numa cirurgia - quando tem 03, 04 alunos fazendo cirurgia ao mesmo tempo; de manhã quando 10 estão fazendo endodontia de molar, fica difícil, né. (docente 05)

> É um pouco complicada essa relação numérica. Eu precisava pelo menos mais um professor. Algumas vezes, professora, às 6ª feiras no 6º período, eu estou sozinho com todo o dispensário lotado, todas as 17 cadeiras lotadas, porque daí eu tenho o 6º, o 9º período e eu tenho algumas reposições ainda do 5º período. Então, algumas 6º feiras eu tenho, é...35 cadeiras sob minha responsabilidade. Então, eu sinto que Deus está a nosso favor, porque nós estamos a beira de acontecer um acidente sem nossa...sem condições da gente poder resolver. (docente 06)

A relação professor/aluno é discrepante e traz inúmeros problemas. Como visto anteriormente, a proporção ideal segundo o MEC seria aquela de 01 docente para 05 unidades de atendimento em aulas práticas. Assim, as dificuldades apontadas pelos professores referem-se sempre ao não acompanhamento dos trabalhos realizados pelos alunos. Percebe-se que a insatisfação neste sentido é grande e a responsabilidade assumida chega a pedir a ajuda de Deus para que nada aconteça.

A visão docente quanto ao **preparo técnico** de seus alunos:

> **O aluno está preparado para sair daqui e ingressar no mercado de trabalho?**
> Sinceramente? Eu acho que deveria ter mais um período. Eles sairiam mais preparados. (docente 05)

> **Eles saem tecnicamente bem preparados?**
> Não. Eu acho que eles tem deficiências e a meu ver acho que o aluno devia ter um pouco mais da parte clínica, prática. Eu acho que ele sai muito inseguro. Muito inseguro. Se um curso de 4 anos e meio, o objetivo é capacitar o aluno prá atividade de clínica geral, eu acho que podia ter mais um pouco, principalmente da parte prática. Sei que habilidade se desenvolve, mas vamos dar um exemplo típico: a prótese, eles realmente acham muito pouco o que eles saem fazendo. O quê acontece? O profissional sai no mercado e tem dificuldade de até fazer uma fixazinha de 03 elementos. Se você já não tem paciente, vai começar a encaminhar? Não, vai tentar fazer. Mas aí, não tem conhecimento. E acho também que isso alimenta esses cursos pós - não é uma pós-graduação na verdade, mas enfim, os cursos de extensão, que após a faculdade, faz com que tenha público e na verdade, a meu ver, eu acho que é uma exploração. Tem muitos profissionais que se dizem professores, que tem esses cursos exclusivamente para auferir recursos. (docente 07)

Nestes depoimentos observamos que os docentes gostariam que os acadêmicos tivessem um maior desenvolvimento na parte prática. Observam que a insegurança em determinada área, como a citada pelo docente 07, irá fazer com que o futuro profissional acabe realizando trabalhos sem o conhecimento desejado, relacionando este fato com o mercado de trabalho. Observa ainda, que esta insegurança alimentaria os mais diversos cursos que existem no mercado. Cursos estes que não tem credibilidade e que apenas exploram os profissionais. Observamos também, que a visão docente neste

sentido, é uma opinião pessoal, já que como afirmamos anteriormente, não existe um parâmetro do que seja realmente um clínico geral.

> Acho que ele está sendo um especialista dentro da graduação. Ele, o que eu noto hoje, uma diferença de alguns anos, que ele já entra na integrada querendo ser especialista. Então, na integrada ele vai se dedicar naquela área que ele gosta. Então nessa parte eu acho que ele sai bem. Às vezes, melhor que muito profissional aí fora, mas não na visão geral, né. (docentes 02)

Novamente a observação de que o aluno da graduação desenvolve muito bem trabalhos quando estes são fragmentados, e não tem uma visão geral do paciente.

> Veja, uma coisa que nós observamos muito nítido: os alunos de CTBMF quando eles chegam no 9º período me dá a impressão que eles esqueceram tudo. Houve um hiato, eles esqueceram tudo. Nós no 5º período exigimos campo fenestrado, exigimos anti-sepsia da face, todo aquele comportamento, aquele ritual cirúrgico. Quando eles vem pro 9º período, que eles tenham paciente para fazer todo tratamento e eles tem por ventura uma exodontia, eles já não fazem mais nada disso. Eles, parece que esqueceram que tem que fazer anti-sepsia, esquecera que tem que fazer radiografia, esqueceram que tem que colocar campo, esqueceram que tem que por um avental compatível - porque uma exodontia é uma cirurgia - esqueceram tudo, inclusive até os passos da técnica - eles esquecem. Agora, se eu transportar, me transportar para a parte de dentística, eu noto que eles estão prontos para enfrentar o mercado. Desde o primeiro dia - nós estamos hoje em setembro - desde o primeiro dia de agosto, quando eles iniciam a clínica integrada, até dezembro, a evolução é brutal; com trabalhos, muitas vezes, muito superior a muitos colegas nossos que estão a anos trabalhando na sua clínica. Temos observado que na dentística os trabalhos são muito bons; alguns, dignos de elogios. (docente 06)

É interessante observar que a partir da observação do docente 06 e a experiência que temos na docência da disciplina de Clínica Integrada, a análise que o docente fez sobre sua disciplina em outro período, também ocorre na disciplina de Endodontia, isto é, quando o acadêmico está na Clínica Integrada ele esquece os procedimentos básicos da disciplina da Endodontia. Por exemplo: o isolamento absoluto requer a colocação de um cimento de policarboxilato para um perfeito vedamento. Quando o aluno está cursando a disciplina no período correspondente este procedimento é realizado. Quando ele está na Clínica Integrada, ele "esquece" esse passo da técnica. No entanto, se observamos o aluno realizando outros procedimentos de outras disciplinas, "achamos" que ele está fazendo bem, porque não temos o

conhecimento completo do que é dado nas disciplinas correspondentes. Desse modo, a avaliação que realizamos é incompleta, pois se supervisionarmos trabalhos que não aqueles que são da nossa área, estaremos fazendo uma análise parcial. Isto ocorre porque os docentes de Clínica Integrada não são os mesmos docentes responsáveis pelo andamento das disciplinas nos períodos anteriores.

Dessa forma, seria interessante que cada disciplina realizasse uma atualização para os docentes de Clínica Integrada, pois só assim, conseguiríamos uma associação teórico-prática, pois muitas vezes o desenvolvimento técnico de determinados docentes não vai ao encontro do desenvolvimento técnico ministrado pela disciplina.

A visão docente quanto ao preparo de seus alunos para a **realidade social**:

> Não, não estão preparados para a realidade social, pelo seguinte aspecto: nós preparamos o aluno para uma elite da sociedade. Nós preparamos o aluno para fazer uma dentística estética; esquecemos que existem materiais que são utilizados nos postos de saúde, principalmente para dentes posteriores - restauração é o amalgama - amálgama muito bem feito, um bom preparo cavitário, que dura 50 anos, 60 anos, a gente morre com aquela restauração, e ele sai daqui preparado para fazer uma ótima dentística restauradora estética e nos postos de saúde não é muito bem assim não; nas prefeituras de interior não é bem assim não; a coisa é um pouco diferente. Eu trabalhei em IPE, no Instituto de Previdência do Estado durante 30 anos também e lá a realidade era outra. Lá você tem que usar o que eles dão para o profissional, não é aquilo que nós queremos, então eu acho que a realidade é outra; nós estamos hoje preparados para fazer prótese metalo-cerâmica, fazer implante, mas a realidade no Brasil não é isso daí, não é? (docente 06)

> **O que poderia ser feito para mudar essa visão?**
> Olha professora, nós estamos trabalhando com uma elite da sociedade. O aluno que vem pra PUC, é uma elite da sociedade. Será que essa elite da sociedade vai querer trabalhar com gente menos favorecida? Será que essa elite da sociedade vai querer trabalhar nos postos de saúde da prefeitura? Será que essa elite da sociedade vai se contentar em ganhar 400 reais? É complicado. Então, acredito que uma conscientização, mas desde o início do curso, uma conscientização de que a realidade brasileira hoje é diferente, certo? Na década de 70, 80, quando a odontologia se desvinculou da medicina, nós tínhamos rendimento muito grande no consultório; hoje nosso rendimento caiu; é a realidade nacional. Então, nós deveríamos mudar essa consciência do profissional de que nós não devemos pensar em enriquecimento; nós não devemos pensar em fazer fortuna, que enfim, nós devemos trabalhar porque é bom trabalhar, é importante trabalhar; trabalhar é saudável; sem se preocupar com o futuro de você ganhar uma fortuna, não é? (docente 06)

Acha que eles tem consciência da realidade social?
Não. Eles não tem consciência. Eles acham que vão montar um consultório e em dois anos já vão estar com carro novo, apartamento, viajando... (risos) (docente 05)
Se existe culpa de pensarem desse jeito, essa culpa é de quem?
Eu tenho a impressão que eles tomam por base os profissionais mais bem sucedidos, mas eles não estão cientes da realidade que vão enfrentar. (docente 05)

O 9º período está preparado para enfrentar...lá fora?
De jeito nenhum. Eles só vão cair na real no dia seguinte após o porre do baile. Isso é verdade, só cai na real no dia seguinte após o porre do baile.(docente 04)
O que você acha que falta para eles?
Eu não sei, não sei qual é, como é feita a informação pra eles, porque eu vejo assim: ele sai achando que no dia seguinte de formado, vai ganhar 10 mil reais por mês, 20 mil reais por mês, que vão ter clientela classe A somente, que vão trabalhar de sol a sol, né; e a realidade não é essa. Eles não estão preparados prá isso, e acaba sendo um choque, porque eles tem que trabalhar em clínicas populares, tem que trabalhar em empregos, né, em prefeituras, em trabalhos mais, menos remunerados, certo? Daí, cair na real leva um tempo. (docente 04)
O que você acha que a escola poderia fazer para mudar essa visão dos alunos de ganhar 10, 20 mil reais por mês?
Acho que nós somos responsáveis por essa visão, certo? Nós professores somos responsáveis pelo que estamos formando. Não sei se... ou eles se espelham na gente - que não é a nossa realidade também - mas ficam só se espelhando na gente, sei lá como é que eles sonham a coisa. Ou de repente, até familiar, certo? Porque normalmente o aluno daqui tem uma posição financeira melhor que o aluno da Federal. Então eu acho que trabalhar mais junto ao aluno, investir mais, colocar mais a relação professor/ aluno; na realidade não existe um vínculo nosso; nós estamos aqui cumprindo um horário, fazendo uma função, certo? Não existe um vínculo maior, um envolvimento maior. Não existe envolvimento. Já fiz minha hora, acabou a minha hora, tchau e bença, porque a relação professor/aluno é muito grande e você não consegue ter um envolvimento maior. (docente 04)

Você acha que para realidade brasileira, eles estão aptos para sair lá fora e brigar por um espaço na sociedade?
Nem um pouquinho. Prá mim, nem um pouquinho. Porque a realidade brasileira são dois tipos que eu vejo: o pobre e o médio rico. Mas nós temos mais o pobre... sobra a classe média alta pra rica que já vão em profissionais que eles acreditam ser de alto nível - e nós também - e vai sobrar o quê? Aquele que não tem condição financeira de ir em um consultório particular. (docente 03)
... ou vão trabalhar por convênios, vão morrer de fome lá fora porque às vezes, não vão conseguir tirar sequer pra pagar o aluguel. (docente 03)

Você acha que eles não estão preparados para a realidade?
Acho. Acho que eles estão ainda ... muitos deles estão aí dentro, vão pegar o diploma pra mostrar pro papai que se formaram. A maioria não tá nem aí pra Odontologia; talvez mais tarde venham a acordar, talvez ainda dê tempo, talvez não; mas muito poucos realmente irão se realizar dentro dessa profissão. (docente 03)
Eu acho que talvez no último ano eles sintam isso. Realmente acho que os formandos agora estão sentindo, mas acho que ainda longe daquilo que realmente é. Eu digo isso porque tenho contato com recém-formados e muitos me ligam... onde é que eu poderia trabalhar, o que eu poderia fazer... ainda não tem experiência, e essa é a realidade. E eles acham que vão sair e realmente em 01 ano, 02, vão ter aquela dificuldade nos primeiros meses mas que vai engrenar logo depois. Então, tem muitos decepcionados. (docente 07)
Se existe culpa de pensarem dessa maneira, essa culpa é de quem?

> Há um tempo atrás eu imaginava que a culpa era em função de abrir muitas faculdades de odontologia, congestionando o mercado de trabalho; o poder aquisitivo da população cada vez menor e continuo pensando assim. Mas acho que dá prá ir um pouco mais longe. Eu acho que o Brasil, o mundo como um todo, todas as profissões estão saturadas. Então é difícil. Qual é o caminho? Então a faculdade nesse ponto ela tá falha. Não tá preparando o aluno para a realidade aí fora. (docente 07)

Neste depoimentos verificamos que há uma voz comum entre os docentes, no sentido de que os alunos não estão preparados para a realidade social brasileira, consequentemente não foram preparados com espírito crítico desta realidade. É interessante observar que quando perguntamos de quem era a culpa, se é que ela existia, as respostas foram variadas: "muitas faculdades, congestinando o mercado", "tomam por base os profissionais mais bem sucedidos", e dois professores citaram sua parcela de "culpa" neste sentido: "nós preparamos o aluno para uma elite da sociedade" e "acho que nós somos responsáveis por essa visão, certo?" Ao mesmo tempo, diz o docente: "ou eles se espelham na gente...até familiar." Na verdade, o docente não tem bem claro os pressupostos políticos e sociais de sua prática e de seu discurso. "Eles constroem um padrão que consideram desejável e desempenham sua função em conformidade a este. Nem sempre exercitam a reflexão sobre o mesmo. É claro que esta realidade é também decorrente da perspectiva histórica e social mais ampla."[117] Desse modo, separam o pedagógico do político, não percebendo que o ato pedagógico é um ato político, e quer queiram quer não, levam para dentro da sala de aula sua visão de mundo, de sociedade, veiculando suas idéias e suas práticas.

> ... os interesses do capital não aparecerão nunca como interesses e intenções subjetivamente explicitados do capitalista, da classe dominante ou de seus supostos sequazes: os diretores, os professores, os especialistas. Ao contrário, é no seu parecer estritamente técnico que tais interesses desempenharão sua finalidade realmente política.[118]

---

[117] CUNHA, Maria Isabel. **O bom professor e sua prática**. 2.ed. Campinas: Papirus, 1992, p. 100.

[118] MELO, Guiomar Namo. In: Saviani, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1991, p.38.

Consequentemente, a visão positivista de mundo baseada na Odontologia Científica, sua maneira de produzir e reproduzir no sistema capitalista, é repassado aos alunos sob a máscara da "neutralidade científica".

Há que se ressaltar ainda nestes depoimentos, a observação do docente 04 quando diz: "nós estamos aqui cumprindo um horário...não existe um vínculo maior, um envolvimento maior. Não existe um envolvimento. Já fiz minha hora...tchau e bença, porque a relação professor/aluno é muito grande..." Novamente a colocação da relação professor/aluno e o trabalho em regime horista fazem com que o docente não tenha uma relação maior com os alunos.

Ainda, temos a colocação sobre os convênios. Neste aspecto observa-se que o docente refere-se a grande maioria de convênios que existem na Odontologia, isto é, convênios que além de explorar seus conveniados, fornecem serviços de baixa qualidade com pouca remuneração aos profissionais que nele trabalham. Assim, o recém formado com pouca experiência submete-se a estes serviços, não tirando recursos "sequer para pagar o aluguel", como bem informou o docente 03. Neste sentido, a Universidade deveria informar e formar os acadêmicos para uma prática onde houvesse respeito à profissão e ao direito de todos à cidadania.

3.3.1 - Análise final

Nesta fase da pesquisa solicitamos aos entrevistados que tecessem as considerações que desejassem e que a pesquisadora não tivesse dado oportunidade para se expressarem. Nesse sentido, houve observações quanto à:

a - alterações de metodologia:

> Então eu acho que deveria assim não ter mais teórica do blá blá blá, mais assim tipo ... é... tipo seminário, sabe? Então teria que ter um método, né, acho que talvez, mais teoria, mais tempo o aluno ficar na faculdade... (docente 02)

> Então o que é que nós vamos tentar fazer: uma odontologia mais informativa, treinando a parte psíquica, o conhecimento. Acho que nós lá na minha disciplina, damos muita ênfase a habilidade. Nós ficamos com: tem que fazer, fazer, 15, 20, não. Por exemplo: o paciente é hipertenso. Ah! Não vou atender. Não vai atender porquê? Pesquise porque não vai atender. Então, eu vou procurar no semestre que vem fazer o seguinte, Rosilene: o paciente tem um problema; vai pesquisar porque ele não vai atender esse paciente ou como deve ser atendido esse paciente. Sem que nós tenhamos que ficar dizendo prá ele. Aí na semana seguinte ele vai ter que fazer um tipo de trabalho, ele vai ter que estudar aquilo antes, vai ter que estar preparado para fazer. Ele fazer ou não, ele vai ter habilidade ou não, eu tenho o 6º período em que eu posso desenvolver essa habilidade com ele. Então, procurar forçar mais a condição de conhecimento científico. (docente 01)

> As aulas teóricas seriam meramente informativas. Porque prá nós não adianta você só dar teoria, teoria, teoria e chega aqui ele tem que saber a aplicação da teoria na prática. Acho que nós dissociamos muito as coisas. Não por culpa nossa, mas porque o sistema não permite que seja diferente. (docente 01)

> ... teríamos é, claro, que ter maior tempo de preparo desses alunos dentro da Universidade, que eles não se formassem tão novos, e às vezes, digamos assim, sem uma... jovens demais, imaturos ainda pra ser um profissional... o que a gente vê é imaturidade total. (docente 03)

As observações anteriores indicam que há subreticiamente interesse do professor em mudar a aula teórica para um sistema diferente. As soluções apresentadas passam para a aula informativa, a pesquisa, e um maior tempo do aluno na Universidade. No entanto, essas alterações deveriam determinar não somente uma alteração metodológica, mas antes de tudo uma alteração no que diz respeito ao comprometimento político e social dos docentes em relação aos acadêmicos, pois, " uma nova interpretação da capacitação dos professores que passa a ser entendida como um saber-fazer...não determina o compromisso político mas é por ele determinada."[119]

b - Aumento de espaço físico e disciplinas:

> Deveria ter uma disciplina, por exemplo: odontologia da terceira idade, seria interessante; mais laboratórios práticos ... o aluno tem certa dificuldade, poderíamos fazer em dentes extraídos. (docente 05)

---

[119] SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1991, p.50

> ... você não tem nem espaço físico. Por exemplo: o professor aqui, tipo, tava fazendo um trabalho de slyde, com aluno dentro da sala, com outro professor aqui; quer dizer, ele não tem... é tudo muito misturado... Você vai tentar fazer um trabalho de laboratório, uma coisa qualquer, uma besteirinha, você não tem espaço físico, que é tudo ocupado, né. (docente 02)

Quanto ao espaço físico denunciado pelo docente 02, temos que fazer um breve relato sobre as instalações das Clínicas de Odontologia.

Inicialmente, o prédio onde hoje estão abrigadas as Clínicas de Odontologia, já serviram no passado para a Reitoria, Faculdade de Direito, Biotério, Almoxarifado, Faculdade de Psicologia e finalmente para as instalações de Odontologia. Nesse espaço de tempo, o referido prédio passou por inúmeras reformas, e estamos alocados neste espaço físico "provisoriamente" desde 1979. Assim, desde que o prédio passou a ser exclusivamente da Odontologia, foram realizadas novas reformas de acordo com número de alunos que foram entrando para a Universidade. Talvez essa seja a "desculpa" de hoje possuirmos oito clínicas com dezoito equipamentos em cada uma, e também não possuirmos locações para o desenvolvimento de trabalhos tais como o docente relatou. As implicações destas instalações "provisórias" vão desde a ausência de uma sala adequada de espera para pacientes, até o controle da infecção cruzada em clínicas.

Quanto ao desenvolvimento de mais uma Disciplina para Pacientes da Terceira Idade, temos a certeza de que é só uma questão de tempo para que a mesma venha ser desenvolvida dentro do atual programa, pois o País que hoje é predominantemente jovem vai chegar a ser um País com uma geração mais avançada, e esta deverá ser assistida.

c - Apoio docente e salário

> Eu particularmente gostaria de participar mais da escola... falta apoio da escola pra professor fazer mestrado, né? Agora mesmo eu tive dificuldade, quando eu passei lá, fosse lá onde fosse, eu passei; mas eles não me deram apoio nenhum... (docente 04)

> Eu me sinto bem de dar aula aqui, gosto de dar aula; tem até em termos que você me perguntou atrás, de pesquisa, essa parte. Por quê que eu não faço pesquisa?

> Talvez seja uma desculpa, mas é que realmente, ainda hoje meu ganho, seja prá pagar minhas contas é do consultório. Então, hoje eu to aqui na faculdade porque eu gosto realmente. Porque se fosse, não desmerecendo porque realmente acho que a Universidade está pagando o que as outras pagam, até um pouquinho mais, mas não dá prá sobreviver. E a pesquisa exige tempo realmente; e eu pretendo realmente fazer mestrado mas quero fazer um mestrado na área, porque acho que acrescenta tanto pra parte de magistério como pra parte clínica também. Então, talvez no futuro, o dia que eu tiver as minhas necessidades básicas satisfeitas, os filhos criados já, aí talvez eu fique só na Universidade fazendo pesquisa, porque daí o salário da Universidade vai me dar, eu tenho condições de viver uma vida razoável. Então, eu não penso, não to aqui na faculdade dizendo: é isso aqui e eu não quero mais progredir aqui dentro. Não, o que eu penso realmente é em progredir. Mas ... é complicado, complicado. (docente 07)

A pouca participação e o aspecto salarial "reclamado" pelos docentes são os pontos cruciais a serem enfrentados pelos professores, causando descontentamento com a remuneração recebida, "impedindo-os" do exercício exclusivo do magistério enquanto profissão. Como disse o professor: " quando eu tiver as minhas necessidades básicas satisfeitas, os filhos criados já, aí talvez eu fique só na Universidade." Observa-se neste relato que o "gosto" pelo magistério versus a realidade econômica a ser enfrentada, torna-se um entrave ao desenvolvimento da profissão de professor. Mesmo assim, diante destes obstáculos, que não são poucos, o que se observa é uma grande quantidade de docentes dedicando-se parcialmente ao exercício do magistério, quando o mais simples seria "fugir" desta profissão.

Dando continuidade às entrevistas, perguntamos aos docentes qual era a sua **participação** nas entidades da classe odontológica. Dois docentes responderam que não participam ativamente de nenhuma entidade de classe. Cinco docentes afirmam terem participação ativa na Associação Brasileira de Odontologia, seção Paraná, onde um deles é Diretor da Escola de Aperfeiçoamento Profissional (EAP), outro já foi Presidente da mesma entidade e hoje atua no magistério (EAP), dois atuam como docentes em cursos de especialização e aperfeiçoamento promovida pela EAP e um docente já ministrou palestras.

Quanto às participações em Congressos realizados na cidade de Curitiba nos últimos 4 anos, todos os docentes participaram do III e IV CIOPAR

(Congresso Internacional de Odontologia do Paraná). Três docentes participaram como membros efetivos, assistindo cursos e três tiveram participação direta na sua elaboração (coordenador de curso, ministrador de curso, coordenador de temas livres e presidente do congresso).

Quanto às Campanhas Educativas promovidas pela Entidade de Classe, Universidades e Prefeitura Municipal, dois docentes participaram ativamente na sua elaboração e cinco docentes não participaram. Das citações realizadas pelos docentes a esse respeito, convém citarmos três:

> Sim, eu estou na ABO desde 89. Então, basicamente - se você ver o histórico da ABO - a partir de 88/89 é que começou a reestruturação das entidades e aí veio toda a parte de programação social, e principalmente a parte de reciclagem de professores e de alunos dentro da Instituição, como novas clínicas, então toda essa evolução eu acompanhei. (docente 07)

> Não, eu não participei, mas tive conhecimento de tudo isso daí. Acho extremamente válido, extremamente válido, você trazer à sociedade para que ela tome conhecimento de toda essa odontologia de ponta que está acontecendo hoje, haja visto que a odontologia em Curitiba, eu acho ela de extrema projeção no Brasil. Por que? Nós hoje, nós temos 03 Faculdades em Curitiba, nós temos quase 100 Postos de Saúde da Prefeitura e quase todas as escolas municipais com atendimento odontológico, e o índice de cárie está praticamente a nível de indicações da Organização Mundial da Saúde. (docente 06)

> Não participei em nenhuma. Não fui sequer convocado, nem foi feito pedido que seja informal pra que a gente participasse. Não tivemos esse prazer. (docente 03)

Observamos nestas citações que apesar da "não participação" docente em Campanhas Educativas de Prevenção às doenças bucais, os mesmos não renegam a sua importância, resgatando dessa maneira o sentido da palavra participação. (ver p.39)

Quanto ao aspecto do docente enquanto profissional liberal, foi perguntado se os mesmos possuíam consultório particular. Todos os docentes responderam afirmativamente a esta questão. O docente (07) acrescentou: " é onde eu vivo, né." Nesta pequena afirmação nota-se o descontentamento com a remuneração da profissão de professor. Foi levantada ainda a questão dos convênios, isto é, se os docentes trabalhavam com pacientes conveniados em

seus consultórios particulares. Quatro docentes responderam afirmativamente a esta questão e tres docentes responderam negativamente. No entanto alguma considerações foram feitas:

> Tenho 02 convênios. Esse convênio foi mais indicação de quem administra a parte odontológica, em função da amizade, por ser professor, mas eu atendo muito pouco; é um paciente ou outro. (docente 07)

> As tabelas são mínimas, né. Muito baixas. Realmente eu acho que a tendência é melhorar um pouco... pela situação econômica dos pacientes, os pacientes tem cada vez mais dificuldade de fazer um tratamento particular ... a questão também de você não ficar com horários ociosos. (docente 05)

> ... agora fizeram a AMIL pra mim. Normalmente, 99% não. Por que não? (risos) Porque graças a Deus eu tenho uma clientela particular que me paga bem melhor que convênio (risos) Atendi um, já mandei cancelar. (docente 04)

Observa-se que apesar da observação "tabelas são mínimas", o profissional está se sujeitando a elas. Neste aspecto é importante frisar que apesar de existir uma tabela de preços mínimos para convênios, a maioria não os segue, e os profissionais liberais não lutam por esse direito. Desse modo, o profissional liberal enquanto docente repassa para o meio acadêmico essa forma de pensar e agir. Há a necessidade de uma conscientização da classe odontológica em relação a esta forma de trabalho, pois sem ela continuará existindo a contradição entre a tendência ao assalariamento (sob a forma de convênio) e a formação marcadamente liberal. É função docente preparar o aluno para o exercício da profissão e também para o mercado de trabalho, e enquanto ele próprio não estiver conscientizado disso, não se pode cobrar do aluno esta postura.

3.4 - Analisando dados qualitativos discentes

Quanto à **visão geral** do curso de odontologia, relacionando o básico com o profissionalizante, os acadêmicos assim se expressaram:

No curso básico eu não me lembro de muita coisa; tem coisa que a gente não dá muito valor quando tá lá, mas depois a gente sente um pouco de falta; Anatomia faz muita falta... Filosofia, Teologia... podia ser eliminado do currículo; acho que não adiantou nada, não ajudou nada; pra mim não influiu em nada. (acadêmico 03)

... deveria ser tirado algumas disciplinas, tipo assim, Teologia: que a gente não vai fazer uso, né? Talvez por ser uma Universidade Católica. Daí a gente entrou na parte profissionalizante, daí que eu gostei mais do curso. (acadêmico 04)

A primeira coisa que tenho que falar é acho que os primeiros anos do nosso curso são, bem dizer, são assim matérias que a gente pode dizer úteis, mas tem muitas matérias que acho que não valeriam tanto a pena, de tipo ficarem tanto tempo, por exemplo: Filosofia, Teologia - um ano, prá gente depois acabar esquecendo isso, sabe. Em vez deles aproveitarem esse tempo prá gente aprender matérias básicas que seriam necessárias, tipo forçar. Deveria aproveitar esse tempo, ter essas matérias, só que numa carga menor ou deixar mais tempo para as outras. A professora vê, o 7º período é o pior da faculdade porque acumula tudo num período só e a gente acaba não aproveitando bem. Algum benefício - Teologia, Filosofia - elas trouxeram. Agora, Teologia? Sinceramente, eu sou católico, vou até na igreja; agora aquilo que eles falavam lá, entrava numa orelha e saía pela outra. Filosofia não, tinha umas coisas que a gente tirou. Sociologia, Cultura e Cidadania, alguma coisa que não é só prá nossa profissão mas prá nossa vida também. Construir, sei lá, se dar bem com a sociedade, com o paciente, com todo mundo. Isso é importante, mas eu, o que eu acho é que o que eles acham é que às vezes é uma matação a aula; acabava não adiantando em nada. Ficava lá duas horas, é, uma hora e quarenta para não dar resutado nenhum, acabava na bagunça. (acadêmico 02)

É... acha que vai ter só odonto, só coisa nova. Então você começa a ver coisas que, tipo Sociologia. Tudo bem, agora no final você faz uma reflexão e vê que foi bom, foi importante. Só que, até acho que tem que ter, só que, vamos ver: Anatomia no primeiro ano podia ter muito mais, a odontológica principalmente. Então, tem um período de odontológica e dois de Teologia; então coisas que a gente não aceita, sabe; eu acho que devia ter mais; e Anatomia, Fisiologia, ter mais prática, seria melhor, né? (acadêmico 05)

Curso bom, a gente conseguiu ter uma visão de tudo, com deficiência de tempo, talvez o currículo não esteja bem elaborado com sobrecarga excessiva no sétimo período, onde os alunos ficam desesperados - esse é o temo - principalmente se você for fazer caderno, estudar teórica e prática. Em relação ao 6º e 8º período a gente não faz praticamente nada se comparado ao 7º. O 8º período a matéria DEPP não funciona; outra falha do curso: Anatomia Dental - porque é dado muito antes do que a gente vai praticar. Aí quando chega no 5º período que é Dentística, a gente não sabe mais nada... já esqueceu... porque é muito nominho, muita coisinha assim, e daí na hora da Dentística é aquela deficiência mesmo, que os professores de Dentística tem que fazer prova de Anatomia Dental - porque está muito longe e se você não souber anatomia, você não faz Dentística. (acadêmico 01)

Bom, eu gostei. Tipo, era o que eu queria. No começo, no primeiro período, não dá prá saber nada, né. É tudo, você sai da tua vida lá do cursinho e entra na faculdade; é tudo diferente, mas era aquilo que eu queria, eu achei legal, gostei. (acadêmico 06)

O que se observa nestes relatos é nenhuma ou pouca importância dada às disciplinas que formam o cidadão cirurgião-dentista. Neste aspecto, seria útil a observação de que estas disciplinas deveriam orientar seus trabalhos no sentido de realização de pesquisas de cunho social, fazendo com que o acadêmico viesse a conhecer a realidade externa na qual mais tarde irá trabalhar, relacionando os avanços técnico-científicos com a realidade social.

Outro aspecto a ser considerado é a disciplina de Anatomia Dental, que além de ter uma carga horária pequena, está situada muito longe do Ciclo Profissionalizante, e quando os acadêmicos necessitam de seus conhecimentos, "já esqueceram."

Ainda, em relação à visão geral do curso, os acadêmicos colocam o excesso de carga horária no sétimo período (ver Anexo III), não havendo um aproveitamento satisfatório. O mesmo ocorre em relação ao oitavo período, onde a DEPP "não funciona."

Deste modo, seria de extrema valia um estudo mais aprofundado da atual grade curricular, levando-se em consideração as observações realizadas pelos acadêmicos.

A **relação entre as disciplinas básicas e as profissionalizantes** foram assim verbalizadas pelos acadêmicos:

> ... tem muita gente que chega no primeiro ano e fica desanimado: pô, to fazendo odonto e não tem nada. A bem da verdade a gente começa a pegar paciente no final do segundo ano. No quinto período, bem dizer, a gente vai começar a praticar mesmo a odontologia. Acho que deveria ser enfatizado no começo, para estimular o aluno. Eu conheço gente que desistiu, fez um ano e desistiu. Porque lógico, vêm só aquelas matérias e acabam desanimando do curso. Eu não, eu fiz com a minha cabeça voltada para aproveitar o que pudesse, porque sempre gostei da odontologia. (acadêmico 02)

O estímulo inicial poderia ser desenvolvido junto aos acadêmicos se as disciplinas consideradas básicas desenvolvessem trabalhos junto à comunidade, buscando na sociedade dados relevantes para o futuro exercício profissional.

> Existe uma distância muito grande e tive de rever em livro porque já estava frio na minha cabeça; poderia colocar mais próximo. (acadêmico 04)

> Pela minha idéia ficou longe, entendeu? Porque para associar endo que tinha lá... Por exemplo: teórica, né. Depois a prática, assim. Mas, até que endo deu para associar; mas teve matérias que ... patologia, essas matérias básicas ... mas agora no diagnótico, a patologia foi no segundo, terceiro, quarto? Que voltou a ter, já esqueceu tudo. (acadêmico 06)

> ... primeiro ao terceiro período: a parte importante, Citologia, Embriologia, Histologia, essa parte assim, eu lembro muito pouca coisa, quase nada. Você não consegue encaixar aonde aquilo vai te ajudar. Hoje eu sei, você consegue localizar onde vai usar. Agora você estudar... embriões...quantas semanas... você até descarta a possibilidade de uso daquilo. Pra que e por que eu preciso aprender isso... sabe? Pode até ser um pouco de infantilidade dos alunos no começo da faculdade, mas agora eu sei. (acadêmico 01)

Este relato é de extrema importância porque revela sob o ponto de vista do acadêmico que as disciplinas Citologia, Histologia, etc., são importantes, ao passo que as outras (Filosofia, Teologia, etc.) não o são. Revela também que não há uma explicitação de onde o aluno vai utilizar as informações que está adquirindo.

> Eu acho que talvez fosse melhor eles voltarem mais pro profissionalizante. Que às vezes o básico não volta muito pro profissionalizante, eu acho. Eu acho que eles separam demais as coisas, deviam jogar tudo em relação ao que a gente vai viver depois. Muitas vezes eles não fazem isso. Não, claro que tem coisas que fazem, mas não é todos. Falta, eu acho. (acadêmico 07)

Neste relato o acadêmico coloca em evidência a dissociação entre o básico e o profissionalizante; permanece a indagação de que esta dissociação se deva à formação dos professores do básico, que não possuem formação em odontologia.

> Eu acho que algumas matérias são dadas muito por cima ou podia conciliar mais, assim como eles tão falando que vai mudar o currículo, né. Se for feito da maneira que eles estão pensando em fazer, vai ser muito melhor. Por exemplo: Histologia. O que era a gente tendo Histologia? Eu sei que tem que ter, entendeu? É importante, tal, mas, pra começo assim, prá gente associar fica muito difícil, entendeu? Que nem, se tivesse Histologia com Ortodontia, nossa! Ia ficar muito mais fácil. Eu sei que se a gente tivesse isso agora, seria outra coisa. Mesma coisa, Patologia com Semiologia. A gente na semio não sabe nem o que está fazendo, certo? Vê um monte de doença e não sabe o que é aquilo. Agora, se associasse aquilo com uma patologia, Diagnóstico Bucal - que achei super interessante, super importante - por ser uma matéria, devia ter tido mais, eu acho. Foi pouco um semestre pra isso.

> Então, eu acho que associando isso, não sei de que maneira, seria bem mais proveitoso pro aluno. (acadêmico 06)

A dissociação básico/profissionalizante é apontada de maneira sutil, assim como a associação entre as disciplinas, que no programa atual é deficiente. O acadêmico aponta com satisfação as mudanças que porventura venham a ocorrer com a reestruturação do programa.

> ... eu acho que o aluno é que faz o curso, não é muito o curso; eu acho que os professores proporcionam, dão a matéria, mas acho que a gente é que tem que ir atrás. Não é só, tipo, claro que tem muita coisa, às vezes falta o professor dar prá gente, mas, mais assim a gente tem que correr atrás, que eu acho o mais certo. Acho que tem professores que realmente não são bons, mas como tem bons, em todo lugar. Tirando uma média de tudo, eu acho que é bom, tá bom. Por mim, sabe, eu gostei. (acadêmico 07)

Observa-se neste relato que além da responsabilidade docente no desenvolvimento do atual curso, a responsabilidade discente depende da consciência individual.

Quanto à **metodologia** didático-pedagógica empregada pelos docentes no desenvolvimento de aulas teóricas e práticas, os acadêmicos assim se expressaram:

> Eu fiz magistério; então a gente aprendia que tem que ter uma sequência, uma motivação. Eu acho que falta bastante dos professores uma maneira de eles expor; acho monótono pra gente que fica sentado, olhando. Agora, tem professores que sabem, que tem presença lá na frente. Acho difícil dar uma sugestão, porque quando a gente lida com criança é diferente, tem como chamar a atenção. Com adulto é diferente; agora slydes ou talvez seminários que é uma forma legal de trabalhar em conjunto; claro que tem que ter a parte da gente, da gente falar, se dispor a vir... fazer trabalho. (acadêmico 04)

> ... curso de odonto é muito prático. Então as aulas teóricas querendo ou não se tornam cansativas, porque você está ansioso para chegar na prática. Então tem muita disciplina que conciliou bem a parte teórica com a prática. Tem outras talvez porque não tem tanta ação prática tornaram-se cansativas e de pouco rendimento. (acadêmico 01)

> Eu acho que tem muitas aulas que não são boas. Você não entende nada, chega lá joga uma matéria que você não sabe nem do que tão falando, você não, nem tipo assim, eu acho que falta um monte deles chegarem e explicarem sobre o quê que eles vão falar primeiro. Pô, ó hoje vamos falar disso; é isso e isso. Porque é uma coisa que você nunca viu e de repente chega lá e começa a falar assim, pensa que você já sabe o assunto, e se você não sabe nada, bóia. Aconteceu um monte de

> vezes comigo. Daí depois eu fui entender, assim no fim da aula eu ia entender o que ela tinha falado a aula inteira. Eu acho que falta explicar.
> **Acha que as aulas com projeção de slydes e explicativas são suficientes?**
> Eu acho. Tem as aulas do laboratório também, apesar que a gente não aprende muito no laboratório, que a gente tá... não sabe também o que tá fazendo direito. Vai fazendo... quando chega no fim... é meio estranho. (acadêmico 07)

> ... tem uns professores que não conseguem direito, mas, no mais, assim, teve matérias que eu amei porque o professor chegava lá... bá...bá...bá, perguntando pra todo mundo, então você participava sem aquele medo de errar, sabe aquela coisa idiota ainda de errar de perguntar para o professor, parecia que tinha uma barreira, tem isso, né? (acadêmico 05)

Podemos observar que os acadêmicos apontam: "aulas que não são boas", " falta explicar", "professores que não conseguem direito", "aquela coisa idiota de errar...parecia que tinha uma barreira", como indicadores da falta de "didática" e da postura tradicional dos docentes de Odontologia.

> ... teria que ser melhor, assim mais, mostrar mais na prática, que a gente não tem muita segurança. Viu um slyde e tipo, não tem experiência suficiente. O professor tinha que dar mais apoio no que está fazendo em clínica, porque você não vai sair sabendo tudo. (acadêmico 03)

A relação entre a teoria e o "fazer técnico" está explicitada quando o acadêmico aponta que "viu um slyde...não tem experiência". Esta observação deve-se em grande parte ao modo de exposição das aulas teóricas. Normalmente os professores passam para os alunos os passos da técnica e estes devem reproduzi-los nos casos que aparecem na clínica. A "reclamação" da falta de apoio docente na prática está intimamente relacionada ao número de alunos em aulas práticas, que é grande.

> Aula podia ser mais incentivada à pesquisa. Não só você aceitar o que te falam. Isso não é feito aqui. Eu mesmo nunca fiz nada. Comecei a fazer um trabalho e eu parei. Parei porque não achava tempo, faltou incentivo, eu acredito que também é falha minha, lógico. Tem muitos alunos aqui fazendo trabalho, se dedicando. Mas acredito que tem muitos alunos que tem potencial e que estão parados e que tem como desenvolver. Aula teórica é legal? É legal, mas não tem nada de novo, aquela coisa normal. A PUC pelo valor da mensalidade que a gente paga, a gente merecia mais coisa; mais pesquisa, pesquisa de campo. (acadêmico 01)

> Vou ser sincero, eu não estudava muito não, não estudava mesmo; estudava no dia da prova, fora de hora raramente dava uma olhada em alguma coisa. Eu sempre tive vontade de saber as coisas na prática, sempre tive vontade de fazer, não de ficar estudando muito, só ver teoria, gosto do prático. Acho que os professores deviam

> chegar e cobrar a gente de uma forma que obrigasse a gente a estudar - tipo trabalho, obrigando a gente a entregar, se não perde nota. Devia ser cobrado mais isso porque a gente se sentiria mais estimulado em ir atrás, porque senão fica só no faz prova, no feijão com arroz... (acadêmico 02)

> ... aí é meio complicado. Eu acho que está meio errado esse negócio, do jeito que está sendo feito. Eu acho que tá naquele negócio de decoreba pra prova, certo? Então a gente não pesquisa, não pesquisa, não estuda, entendeu? Não sei de que forma, qual seria a fórmula pra fazer uma coisa diferente, pra estar sempre estudando ou pra ficar pesquisando; não sei se é fazendo trabalho, sei, não sei como deveria ser passado em uma melhor maneira. Seminário? Não tenho uma idéia assim, mas acho que poderia ter sido melhor, entendeu? Não sei como fazer. (acadêmico 06)

Nestes depoimentos observamos que os discentes possuem uma visão de que as aulas teóricas deveriam ter sido ministradas de maneira diferente. A pesquisa, seminários e apresentação de trabalhos são apontados como alternativas à aula expositiva "normal." Nestas citações observamos que as alternativas sugeridas seriam de grande valia para uma melhor aprendizagem do aluno, pois "aquele negócio de decoreba pra prova" ficaria relegado a um último plano.

Quanto ao sistema de **avaliação** os discentes assim verbalizaram:

> Prova em si, prova, prova, eu acho que é o único método que os professores tem de avaliação nossa. Mas nem sempre eles conseguem avaliar a gente. Então a prova é muito criteriosa, dependendo do professor. Se você está afim de avaliar um tipo de matéria ou toda, a tua atuação clínica, porque muitas vezes a teoria é uma coisa e a clínica é outra. Então eu acho que deveria ter um consenso maior entre a teoria e a prática, porque às vezes a pessoa consegue escrever bem e na prática não faz nada; fica com uma nota alta e nem sempre esta nota alta condiz com a realidade. (acadêmico 01)

> Acho assim que conforma a matéria, conforme a disciplina, então tem umas que avaliaram teoricamente - como prova - tá bom. Agora tem outras que eu acho que podia ser uma avaliação prática, mas daí não perguntasse tipo coisas absurdas que não foram dadas na prática, sabe como? Perguntassem no nível que foi dado; o professor perguntou coisas absurdas que não foi dado. Então, sei lá... a gente tem mania de estudar aquilo que o professor fala, aquilo que tá no caderno, aquilo que foi dado em aula. Então, alguns professores dão literatura pra gente, sabe, tipo bibliografia, mais mesmo assim a gente não vai na biblioteca; isso é verdade. Ou se vai, esgotou... alguma coisa assim. (acadêmico 05)

> ...prova só prova; é sempre trabalho, seminário e prova; eu sinceramente - prova não é o que eu ache que avalie melhor o aluno; eu não sei o que eles deveriam avaliar: se a busca do aluno na forma de conhecimento...apesar que não tem como avaliar, né, é difícil... (acadêmico 04)

É interessante observar nestes depoimentos que os acadêmicos aceitam a prova teórica como um sistema de avaliação e dizem: "é a única maneira de fazer a pessoa estudar", "conforme a matéria tá bom", "é o único método..." Ao mesmo tempo, verbalizam: "dar mais trabalho, incentivar mais a pesquisa...", "não é o que eu ache que avalie melhor." Estas observações que poderiam ser perfeitamente colocadas como contradições vêm de um processo anterior, isto é, o aluno está acostumado a fazer provas desde que iniciou sua carreira escolar. Quando tem a oportunidade de "pensar" a esse respeito, não possui uma opinião formada sobre outro tipo de avaliação que substituiria a prova.

Observamos ainda, que a dissociação teoria-prática torna-se presente novamente quando o aluno diz que "a teoria é uma coisa e a prática outra." Ainda, no parágrafo, diz o acadêmico 01; "fica com uma nota alta e nem sempre esta nota alta condiz com a realidade", em uma perspectiva de que o modo com que são realizadas as médias não está correto. Seguindo o pensamento do acadêmico, o aluno que sabe a teoria fica com nota alta mesmo sem saber "fazer", isto é, aquele aluno que não tem habilidade técnica para a realização de determinados procedimentos, não sabe fazer, acaba ficando no entanto,com uma nota mais alta. Esta contradição entre a teoria e o saber fazer é um dos aspectos de maior dificuldade para a avaliação docente. Se por um lado sabemos que a habilidade se desenvolve com o tempo, será que é possível lançar na sociedade um acadêmico estritamente teórico? Como exemplo, podemos citar Saviani quando diz:

> ...para se aprender a dirigir automóvel é preciso repetir constantemente os mesmos atos até se familiarizar com eles. Depois já não será necessária a repetição constante. De quando em quando, praticam-se esses atos com desenvoltura, com facilidade. Entretanto, no processo de aprendizagem, tais atos, aparentemente simples, exigiram razoável concentração e esforço até que fossem fixados e passassem a ser exercidos, por assim dizer, automaticamente. Por exemplo, para se mudar a marcha do carro em movimento é necessário acionar a alavanca com a mão direita sem se descuidar do volante, que será controlado com a mão esquerda, ao mesmo tempo que se pressiona a embreagem com o pé esquerdo e, concomitantemente, se retira o pé direito do acelerador. A concentração da atenção exigida para realizar a sincronia desses movimentos absorve todas as energias. Por isso o aprendiz não é livre ao dirigir. No limite, eu diria mesmo que ele é escravo dos atos que tem que praticar. Ele não os domina, mas, ao contrário, é dominado por

> eles. A liberdade só será atingida quando os atos forem dominados. E isto ocorre no momento em que os mecanismos forem fixados. Portanto, por paradoxal que pareça, é exatamente quando se atinge o nível em que os atos são praticados automaticamente que se ganha condições de exercer, com liberdade, a atividade que compreende os referidos atos. Então, a atenção se liberta, não sendo mais necessário tematizar cada ato. Nesse momento é possível não apenas dirigir livremente, mas também ser criativo no exercício dessa atividade. E só se chega a esse ponto quando o processo de aprendizagem , enquanto tal, se completou.[120]

Se transferirmos o exemplo acima para um procedimento odontológico, observaremos o quanto ele é verdadeiro no seu conteúdo. Assim como não é possível dirigir sem ter em mãos a carteira de motorista que exige conhecimentos teóricos e práticos, não é possível formar um cirurgião-dentista apenas com conhecimentos teóricos. Ainda Saviani: "é preciso entender que o automatismo é condição de liberdade e que não é possível **ser criativo** (sem grifos no original) sem dominar determinados mecanismos." Desse modo, há a necessidade de um estudo mais detalhado quanto ao método de avaliação realizado no curso de Odontologia, pois no atual sistema, há uma contradição entre teoria e prática. Neste aspecto, o caminho a ser tomado deveria levar em consideração que o aluno deveria receber aulas extras de recuperação, tanto teóricas quanto práticas, para poder ser aprovado ou não.

Ainda, quanto ao aspecto da **avaliação**, temos as seguintes observações emitidas pelos acadêmicos:

> Prova, eu acho que pro nosso pessoal aqui que já está viciado, esse tipo de sistema tem que ter. Se não tivesse, ninguém ia estudar mesmo. Entendeu? Agora, se começar lá atrás, com algum sistema diferente, que a pessoa se acostume, porque mudar no meio não ia da certo. (acadêmico 06)

> Só pensam em prova. Deveriam substituir a prova por um trabalho, que a gente aprenderia muito mais. O trabalho é melhor porque você vai atrás, vai procurar em um livro e no outro. Você vai ter que montar alguma coisa de um assunto, tem que produzir. Na prova não, você fica limitado, decora um negócio e responde só aquilo. No trabalho aprende mais; na prova o aluno fica preocupado com a nota, a primeira coisa. No trabalho a preocupação é deixar uma coisa bem formada, bonita; lógico que receber uma nota boa, mas as idéias vão estar mais bem colocadas e vai ter uma noção geral do assunto. (acadêmico 02)

---

[120] Ibid., p.26.

> ... a prova é a única maneira de fazer a pessoa estudar, então tem que ter, não tem como substituir completamente a prova, é difícil, precisa né. Dar mais trabalho, incentivar mais a pesquisa, talvez fosse mais interessante. (acadêmico 03)

> Como eles vão avaliar alguém? Alguma prova, alguma coisa eles tem que fazer. E... na prática eles olham o que foi feito de errado e de certo e te dão uma nota. Acho que tá certo. E na teoria acho que às vezes não é muito válido porque, ah! Todo mundo cola nas provas, todo mundo passa prá todo mundo, daí também não tem validade. Quem estuda, estuda sempre e quem não estuda, não vai estudar nunca. Então, tipo prova eu acho que nem precisava, eu acho que devia ser mais a participação prática. Marcar mais em cima assim da prática. (acadêmico 07)

Nestes relatos os acadêmicos apontam alternativas para substituir a prova teórica por "um sistema diferente", "por trabalho", "incentivar mais a pesquisa", "mais a participação prática". Observamos que a prova tal qual ela é realizada hoje, é um meio que o acadêmico desconsidera como método de avaliação. O "vicio" apontado pelo acadêmico, assim como a "cola", fazem parte da prova, apontando para uma modificação dessa sistemática desde o início do curso, isto é, o aluno deixaria de estudar só para as provas, decorando a matéria, e passaria a desenvolver outros métodos de estudo.

Continuando com as entrevistas, foi solicitado para os acadêmicos que dessem uma nota para o curso de Odontologia, explicando a sua razão.

> ... 7,0. Porque você sai sabendo o básico. Mas prá você saber fazer, falta muita coisa ainda. Tipo, às vezes a gente vê que tem paciente aí que a gente não sabe nada, né. Falta um monte de coisa prá gente aprender e então tipo... (acadêmico 07)

Identificamos nesta verbalização que o acadêmico não se sente preparado tecnicamente para identificar os problemas encontrados na sua prática diária.

> ...8,0 ... deixa eu falar uma coisa: tenho a facilidade de ter meu pai que é dentista e muitas coisas que tinha dúvida esclareci com ele. Se eu não tivesse meu pai, professora, eu garanto que ia ter dúvida em muita coisa, muita, muita coisa mesmo; eu já trabalhei com ele e já tive oportunidade de trabalhar num lugar sozinho, mas só que sempre tinha ele pra me ajudar, chegava e perguntava uma coisa ele me esclarecia, e isso me ajudou muito. Muita coisa eu vi fora da faculdade. Se eu estivesse só aqui ó, eu garanto, estaria desesperado, eu estaria desesperado professora. Acho que os professores são bons, o curso é bom, mas tudo depende do nosso esforço. Se o aluno não se esforçar... dança. (acadêmico 02)

Além de identificar o despreparo técnico, o discente coloca a responsabilidade do seu preparo sobre o seu próprio esforço.

> ... 7,5 ... a Puc tem recursos para oferecer o melhor pra gente; não material, sabe, esse negócio; mas tipo assim, avaliar melhor os professores que dão aula pra gente. (acadêmico 04)

> Se eu conhecesse outras faculdades ... mas eu gostei. Eu daria um 7,5. Porque numa análise geral, desde clínica, equipamento, alguns professores ... nesse aspecto: professor, clínica e método que poderia ter sido diferente (acadêmico 06) 6

Nesse sentido, observamos que a nota 7,5 foi dada aos docentes, já que os acadêmicos identificam a nota com os professores, o método, a clínica e propõem uma avaliação dos mesmos.

> ... 7,0 ... tem pouca iniciação científica. A gente não produz aqui. A gente só estuda aquilo que estudaram. E acho que pra ser uma Universidade, né, a gente merecia essa oportunidade de pesquisa, de você tentar estudar alguma coisa, esse tanto que falam de dentina - ácido - polpa, é uma coisa que você lendo no livro é uma coisa, mas se você talvez estudasse, produzisse uma pesquisa, fosse mais a fundo, você se interessaria mais e a faculdade ia crescer. Isso eu acho uma das maiores falhas da Católica e por isso ela não merece mais nota do que sete, porque na média eu posso sair daqui e trabalhar, eu tenho condições, mas é só. Eu não posso dizer pra você que vou escrever um livro porque eu não tenho iniciação científica. Eu não sei nem por onde começa. (acadêmico 01)

> ... 8,0 ... falta... bom, carga horária tá boa, é talvez assim, o básico, Anatomia podia ser melhorado e equipamento não tem o que reclamar; material não falta nada e acho, até, talvez não foi 8,0 para faculdade, foi pra mim porque faltou oportunidade de apresentar trabalhos, sabe como? Então, vamos dizer, eu tenho colegas que fizeram coisas que eu não fiz, sabe como? Por falta de oportunidade. E eu vou sair assim meio insegura. (acadêmico 05)

Além do despreparo técnico, identificamos ainda a pouca ou nenhuma iniciação científica e a falta de incentivo à pesquisa.

Desse modo, as notas para o curso de Odontologia, apontadas pelos discentes, ficaram, diríamos, na média, com deficiência de preparo técnico, pouco incentivo à pesquisa e professores. Estes indicadores relacionados pelos discentes deveriam ser objeto de reflexão por parte dos docentes, exigindo uma nova postura perante o meio discente.

Dando continuidade às entrevistas, solicitamos aos acadêmicos que tecessem considerações à respeito da **relação professor/aluno**. Neste sentido, não direcionamos a pergunta quanto à relação numérica ou pessoal. No entanto, pudemos observar que os acadêmicos realizaram estas duas classificações. Assim, dividimos seus pontos de vista.

1- docentes em aulas práticas

> ... aumentando o número de professores, porque muitas vezes a gente tá ali, a gente acaba demorando porque tem que mostrar, daí o professor tá atendendo e já tem mais tres na fila e tem que ficar esperando. E às vezes você quer ficar mais tempo com o professor, esclarecer mais dúvidas e aí não dá porque tem mais gente esperando. (acadêmico 02)

> Um para dezoito é muito pouco; poderia ser pela metade; um para dez seria melhor. Quando é uma coisa básica, feijãozinho com arroz, ainda tudo bem; mas você tem medo de arriscar fazer um procedimento mais difícil porque não consegue ter orientação ou tem que esperar o professor falar com cinquenta pessoas na tua frente, daí você acaba não se arriscando, não fazendo coisas assim que é mais difícil. (acadêmico 03)

> Dependendo da matéria faltava. Mais no começo, que a gente se batia bastante. E daí, tudo era o professor, né. E às vezes pesava. Um professor por clínica. Endo é um exemplo, né; sexto período, nossa! Primeira aula lá não sabe nem o que tá fazendo. (acadêmico 06)

> Quando é aula teórica é fácil, agora quando chega aqui na clínica eu acho que às vezes falta professor. Não até por mim, que eu mostro no fim assim, mas eu acho que falta; às vezes você precisa mesmo e não tem, daí você se dana inteiro. (acadêmico 07)

Observamos que é opinião unânime dos acadêmicos que faltam professores em aulas práticas, que a relação numérica é muito grande e dificulta o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, a Universidade deveria rever a relação numérica professor/aluno e seguir aquelas estabelecidas pelo MEC.

2 - relacionamento pessoal

> Deixa eu pensar... Tem alguns professores que você consegue ter maior liberdade e ele te ajuda mais; tem alguns assim, que você tem até medo às vezes de perguntar; depende da disciplina. (acadêmico 03)

> ... meu primo fez Federal e tinha uma relação mais fria do que aqui; não sei se pela convivência ou pela própria estrutura, sai de lá, vem prá cá, a gente tá sempre encontrando pelo caminho, a relação é de amizade. Claro que tem professores que buscam essa amizade; agora tem professores que, sabe? Aluno é aluno. (acadêmico 04)

Nestes depoimentos espontâneos, observamos que os acadêmicos identificam a postura tradicional do docente, fato que aponta na direção de uma reflexão sobre essas observações, o que levaria os docentes a tomarem uma posição quanto às suas atitudes com relação aos alunos.

Quanto à disposição das disciplinas na **grade horária**, assim se expressaram os entrevistados:

> Acho que é uma bagunça... Acho que ás vezes você perde muito tempo com janelas, no básico. Aqui, já não. Aqui depende de você querer trabalhar e teu paciente vir, né. No sétimo período é sobrecarregado, mas não é assim uma coisa que mate, eu achei que ia ser bem pior. (acadêmico 07)

> Sétimo período deveria dividir um pouco; no começo com aquelas matérias mais básicas, tipo periodontia onde é enfatizado a parte de prevenção que a gente pensa que é pouca coisa, mais não é, porque não pega o segundo período e faz o pessoal ensinar o paciente? Seria melhor, a gente economizaria tempo com isso. Distribuir melhor a carga horária para não ficar um período pior. Às vezes a gente chegava na faculdade, tinha uma aula das 7:30 às 8:21, daí tinha aula só de tarde, quer dizer, fica ocioso aquele tempo todo, lógico que é bom ter uma folguinha de vez em quando... às vezes a gente queria vir na clínica fora do horário fazer alguma coisa e não era possível porque não tinha cadeira. (acadêmico 02)

> Eu acho que... eu antes de entrar eu pensei que fosse mais corrido. Eu achei bem tranquilo. Bem espaçado. É, acho que podia ter mais aula em alguns períodos. Por exemplo: chega no sétimo, dobra; daí fica corrido. Agora tem período lá que a gente não faz nada; primeiro período sai quinta- feira, né, fica bem tranquilo. Pode ser que seja uma adaptação, né, prá quem tá chegando, não sei. (acadêmico 06)

As observações feitas pelos acadêmicos na sua maioria, referem-se ao sétimo período. Como já dito anteriormente, este período é sobrecarregado, o que interfere no aproveitamento do aluno. Quanto às "janelas" e ao seu não aproveitamento, devem-se ao atual programa, onde o ensino é verticalizado, o básico antecedendo o clínico e, ainda, ao problema do espaço físico. Observamos que o acadêmico 02 tem uma proposta bastante interessante quanto ao aproveitamento dessas "janelas". A parte de prevenção citada pelo acadêmico, motivaria os calouros quanto aos aspectos de educação em saúde

bucal e os levaria a ter um contato maior com a Odontologia já nos primeiros períodos.

Ainda, há a necessidade de se rever a grade horária, levando-se em consideração que uma educação com qualidade requer tempo para pesquisa, e atualmente, quando os acadêmicos estão na fase profissionalizante, este espaço é muito pequeno.

Continuando com a entrevista, solicitamos aos acadêmicos qual era a sua **expectativa de saída** da Universidade, isto é, o que eles pretendem fazer quando se formarem. Verbalizaram assim os discentes:

> Agora vou dar uma viajada. Uma que eu vou ganhar a especialização, né, que eu faço dois anos de monitoria, você ganha. Então, provavelmente, eu vou fazer uma especialização aqui porque é dado né, dado... cavalo dado não se olha os dentes, mas a princípio com a especialização só começa no meio do ano que vem, eu to pensando em viajar, morar fora, prá aprender mais a língua nos Estados Unidos, prá aprender mais a língua. Depois, fazer um mestrado lá. Eu não sei ainda o quê, porque eu gosto de tudo. Quem sabe assim, eu to pensando mais do lado da radio, de radiologia, que eu já sou monitora, conheço bem, gosto, mas também não sei, tipo que área quero ir eu não sei. Mas com certeza eu vou fazer a especialização que eu vou ganhar e morar nos Estados Unidos. (acadêmico 07)

> Eu pretendo ficar, fazer alguma coisa durante esse ano próximo, trabalhar em algum lugar, consultório particular e aí depois quero ir prá fora fazer ortodontia. Emprego até gostaria, tipo esse ano seguinte agora, arrumar emprego em alguma prefeitura, alguma coisa assim. (acadêmico 06)

> Eu nunca trabalhei, graças a Deus, eu até agradeço até a minha família ter condições de me por aqui dentro de uma escola particular. Eu nunca enfrentei ainda dificuldades porque aqui na PUC, graças a Deus, a gente tem o que a gente precisa. A minha expectativa é que vai dar tudo certo, que eu vou montar um consultório, que primeiro eu pretendo fazer uma especialização, porque vamos supor: avaliando o mercado de trabalho, eu tenho como fazer isso, eu acredito que se entrasse no mercado de trabalho mais preparado que um simples cirurgião-dentista, teria mais condições de realização profissional, não mais fácil, mas com mais caminho do que se você sair daqui, abrir um consultório, você tendo pouca prática e não sendo especialista em nada. Gostaria de sair daqui e fazer um curso de especialização em alguma área e montar um consultório. Não que eu descarte a possibilidade de trabalhar em algum lugar. Na minha expectativa de vida, eu tenho medo de me vincular a um trabalho, serviço, criar vínculo com um salário que aparentemente pode ser bom e que para minha vida futura não me ajude. Talvez agora, eu não ganhe tanto dinheiro quanto outras pessoas que foram trabalhar em vários empregos, se conveniaram. Conversei com meu pai e acho que essa é a melhor saída. (acadêmico 01 pai é dentista)

Eu vou trabalhar com meu pai em consultório particular.
Pretende arrumar um emprego?
Essa hipótese, até tava conversando com meu pai e minha mãe sobre isso, eu vejo assim: se o movimento estiver bom da clínica como estava quando eu trabalhei lá, eu não vou arrumar outro emprego porque acho que eu vou perder com isso. Ganho muito mais na clientela particular e acho melhor ficar num lugar só do que ficar saindo prá outros lugares. Se houver necessidade, cair o movimento, eu vou atrás. Se eu não tivesse meu pai na família que é dentista, eu não abriria consultório, acho. Iria atrás de um serviço para depois ver se valeria a pena, porque do jeito que está, acho que está difícil. (acadêmico 02)

Consultório particular e se pudesse também um emprego; mas pelo menos o consultório. (acadêmico 03)

Vou alugar um consultório ou trabalhar em percentagem, porque eu não tenho condição de montar um. (acadêmico 05)

Observamos em um primeiro momento que 03 discentes pretendem arrumar um emprego, 04 pretendem trabalhar em consultório particular e 03 pretendem especializar-se ou fazer um mestrado. No entanto, é necessário salientar que a procura por "empregos" na maioria das vezes é infrutífera, levando-se em consideração o mercado de trabalho e a grande quantidade de profissionais formados anualmente. Só na PUC PR formamos 120 novos profissionais/ano. Desse modo, os recém-formados abrem um consultório particular e submetem-se aos mais variados tipos de convênios para terem rotatividade de pacientes. Podemos comprovar esta afirmação quando perguntamos aos discentes se eles tinham pretensão de trabalhar com convênios. Dois acadêmicos responderam que não sabiam. Um deles verbalizou: " a princípio não posso te afirmar que sim ou que não porque vai depender da minha situação. Sei que os convênios tem uma tabela abaixo da tabela do CRO." (acadêmico 01) Cinco acadêmicos responderam que pretendem trabalhar com convênios:

Se for necessário, trabalho.
O que é esse "se for necessário?"
Se não der nada. Acho que o convênio tá que nem a medicina, né. Acho que vai tomar conta. Acho que o pessoal tem cada vez menos acesso, eu acho que com essa crise aí na odontologia, todo mundo tá optando por convênio. Então quem não for conveniado, quem não tem convênio tem uma clientela muito restrita, né. Então eu acho que vai ter que ampliar pra isso. (acadêmico 06)

> Pretender, não pretendo, né. Mas dependendo, se tiver morrendo de fome, trabalho, né. Querer ninguém quer, que não é bom, mas fazer o quê, em último caso, vai. (acadêmico 07)

Queremos deixar claro que a observação "trabalhar com convênios" não é uma atitude pejorativa. Pelo contrário, acreditamos que todos os pacientes, conveniados ou não, devem ser atendidos igualmente. O problema reside no cálculo de custos que estas tabelas impõem, que são baixas demais e desqualificam o serviço odontológico. Nesse aspecto, a classe odontológica como um todo, não reivindica o direito desse cálculos serem refeitos ou apenas que haja um cumprimento da tabela mínima fixada pelo CRO. Assim, torna-se evidente a omissão da grande parte da classe odontológica e consequentemente a omissão de parte do corpo docente. Portanto, torna-se necessária a conscientização não só do corpo docente como um todo, já que alguns estão engajados nas entidades de classe e lutam por esse direito, mas também do meio acadêmico para que tomando consciência dessa situação reivindiquem uma ação que terá como consequência uma melhor qualidade de vida para todos. Esta afirmação justifica-se porque todos os acadêmicos verbalizaram que sabem da existência da tabela de preços mínimos fornecida pelo CRO e que a maioria dos convênios não as seguem. Mesmo assim, colocariam seu trabalho a serviço destas empresas, provavelmente por uma questão de subsistência profissional e pessoal.

Quanto ao aspecto "mercado de trabalho" observamos uma saturação de profissionais no mercado. Só na cidade de Curitiba existem 3.579 profissionais atuando e 5.368 no interior.[121]

Por outro lado, notamos acadêmicos que não têm a preocupação de trabalhar e/ou montar um consultório imediatamente. Pretendem fazer uma especialização, mestrado ou aprender línguas. Nota-se ao longo das entrevistas a preocupação do acadêmico em se especializar objetivando um melhor preparo técnico visando atender uma parcela mais abastada da

---

[121] ZAITTER, Welligton M. Processo de interiorização. **CRO**, Curitiba, ano 4, n.16, p.16, outubro. 1998.

população. Observamos ainda um forte componente familiar que influencia, interfere e auxilia na decisão de "o que fazer depois de formado."

Assim, a Universidade que deveria informar o aluno a respeito do mercado de trabalho, e também da condição social do povo brasileiro, não o faz. Temos como conseqüência acadêmicos desejando se especializar, não para melhorar as condições de saúde da maioria da população que é carente de serviços competentes e qualificados, e sim preocupados com a especialização para poder atender a uma parcela mais rica da população e que pode pagar serviços particulares. Se por um lado, o acadêmico dá a devida importância à especialização, à qualificação profissional, por outro, ele "peca" quando esta futura ação está relacionada apenas ao "mercantilismo." Há a necessidade premente de se reorganizar estes conceitos, e a Universidade tem como dever repassar conceitos éticos e morais para o meio acadêmico.

Retomando a questão sobre a "expectativa de saída", conversamos com os acadêmicos sobre os aspectos legais da profissão. Assim, quando o acadêmico verbalizou que pretendia montar um consultório particular, perguntamos a ele se sabia da documentação exigida para que pudesse exercer a profissão, se pretendia ter uma secretária e se tinha conhecimento sobre a legislação trabalhista e se sabia quais eram os impostos ou taxas que recaíam sobre o exercício profissional.

Quanto à documentação exigida para montar um consultório e para o exercício profissional, 02 acadêmicos foram categóricos e disseram que não sabiam; 01 acadêmico disse que sabia e 04 verbalizaram que "mais ou menos." Destas, vale ressaltar:

> Registro no CRO, CFO; até tava pensando esses dias que tinha que perguntar para meu pai; tive orientação na Odonto Legal mas eu não to lembrado, mas já faz tempo, puxa! (acadêmico 02)

> To sabendo porque eu tenho uns amigos que se formaram e eu to fazendo estágio, então mais ou menos eu to em contato. Mas, tudo não sei. Tudo que precisa, não sei. (acadêmico 06)

> A gente tem isso. Eu não sei de cor, mas a gente tem em caderno, foi passado. (acadêmico 07)

O que podemos observar nessas citações é que os acadêmicos receberam a informação na Universidade, só que essa informação foi "dada" nos primeiros anos do curso, na disciplina de Odontologia Legal, e eles "já esqueceram." Nesse aspecto, por que essas informações não são pesquisadas no final do curso?

Quanto ao aspecto da documentação trabalhista para poder empregar uma secretária e se gostariam de ter uma, todos os acadêmicos responderam que gostariam de trabalhar com uma secretária. Dois discentes verbalizaram que não tinham conhecimento algum sobre a documentação e 05 discentes observaram:

> Sei o que não aprendi na Faculdade; mas especificamente, não sei; eu tava falando pra minha mãe; eu me formei e a gente é tão inocente em relação ao resto de tudo que a gente não sabe nada. Pra você ter uma idéia, eu não sei quanto custa uma caixa de luvas, a gente fica meio alienado. (acadêmico 01)

> Não. Sei que elas tem direitos e deveres, né, que a gente como empregador tem que saber, mas não sei quais são. (acadêmico 06)

> Não sei, sei que tem uma tabela que diz assim: horário de serviço dela, nome dela, tudo o que eu sei professora, não tem nada a ver com documentação; sei de incomodação com secretária. O meu pai tinha duas secretárias que já incomodaram bastante. Elas vão naquele sindicato lá, sabe... eu não sei nada. (acadêmico 02)

> Não tenho nem idéia de quanto tem que pagar pra ela. (acadêmico 03)

> Eu lembro que deram pra gente, mas talvez falte alguma coisa, mas foi dado, toda essa parte foi dado. (acadêmico 07)

Observamos novamente que se as informações foram "passadas" (acadêmico 07), todos os outros "já esqueceram" e procuram a informação fora da Universidade. É interessante notar a "rima" que o acadêmico fez com

legislação e "incomodação". Neste aspecto, vale lembrar, que mesmo os profissionais formados há alguns anos ainda não têm conhecimento sobre os aspectos legais que envolvem o trabalhador. Assim, a Universidade deveria garantir a informação e a formação do cidadão cirurgião-dentista, pois ele é um sujeito não só de direitos, mas de deveres também.

Quanto ao tópico - **impostos e taxas** - que recaem sobre o exercício profissional, dois discentes responderam que não tinham conhecimento algum; um discente respondeu que tinha conhecimento e quatro que conheciam parcialmente. Das colocações citadas, vale ressaltar:

> Tem que pagar alvará, imposto de renda, ABO, essas coisas. O quê mais tem que pagar? (risos) As contas... (acadêmico 02)

> Sei alguma coisa, mas não sei tudo exatamente. (acadêmico 03)

> Fora imposto de renda, sei que a gente tem que pagar imposto de renda sobre o arrecadado, né. Que eu saiba é isso. Fora, nosso, profissional? Só isso que eu sei. Por quê, tem mais? Muitos? Tem que pagar o quê? ABO, esses negócios? (acadêmico 06)

> Ela também passou pra gente. (acadêmico 07)

Observamos assim, que mesmo quando há conhecimento sobre o assunto, ele fica muito aquém do desejado. Apesar do acadêmico 07 ter dito que "ela também passou pra gente", numa alusão à disciplina de Odontologia Legal, todos os outros além de não verbalizarem esse fato, desconhecem ou conhecem parcialmente esse ítem. Da mesma maneira que no tópico anterior (secretária), os discentes não estão preparados para o convívio em sociedade.

Demos continuidade às entrevistas quando os discentes disseram que gostariam de "arrumar um emprego." Assim , perguntamo-lhes qual era o seu conhecimento sobre o **piso salarial da classe relacionando o número de horas** que o cirurgião-dentista deveria trabalhar. Relataram os discentes:

> Fiz estágio na Polícia Militar e sei o piso de lá. Não sei se existe um piso. (acadêmico 01)

> Tenho base pelo meu primo, professora, que ele trabalha acho da 13:30 às 15:30, uma coisa assim, umas duas ou tres horas na Prefeitura, num Posto de Saúde que ele trabalha, ele recebe uma média de R$ 1.000,00. Não tenho a informação correta. (acadêmico 02)

> Sei que existe mas não sei quanto que é nem a carga horária. Tenho uma idéia: Prefeitura é R$ 600,00. (acadêmico 03)

> Sei que o trabalho de 04 horas é 05 salários. (acadêmico 04)

> Eu acho que... não sei quanto. (acadêmico 05)

> Sei. Eu acho que se não me engano, depende do lugar, o piso é 600, 500, eu não lembro. Mas eu sei que não é muita coisa não. Não é nada. (acadêmico 06)

> Tem uma amiga minha que tá trabalhando de manhã até as duas da tarde, ganha R$800,00. Daí, tipo, claro que tem gente que ganha bem mais, mas depende do lugar que você consiga o emprego, né. Mas tipo meio período, eu sei que tem desde super baixo, 500, sei lá, até mil e poucos dependendo do lugar. (acadêmico 07)

O piso salarial do cirurgião-dentista é de R$ 390,00 (trezentos e noventa reais) em um período de quatro horas diárias.[122] Assim, observamos nos relatos o desencontro das informações entre o piso salarial e o número de horas que o cirurgião-dentista deve trabalhar. As informações colhidas pelos acadêmicos variam de acordo com a realidade que presenciam de seus colegas formados e com alguns anos de experiência, por isso têm um salário melhor. Assim, a Universidade que deveria também preparar o acadêmico para este aspecto da sua vida profissional, não o faz. Nesse sentido a Universidade poderia estabelecer uma parceria com o CRO, as entidades de classe e a comunidade para que os acadêmicos tenham uma noção real da situação.

---

122 JACOMEL, Márcio. Preocupação infundada. **CRO**, Curitiba, ano 4, n.16, p.04, out.. 1998.

Ainda, quanto ao exercício profissional, perguntamos aos acadêmicos qual era o seu conhecimento e/ou se já tinham lido o **Código de Ética Odontológico** e o **Código de Defesa do Consumidor.**

Quanto ao Código de Ética Odontológico os discentes assim se expressaram:

> Não. Não tenho a menor idéia. O que a gente lembra do Código de Ética é o que aprendeu na aula de Orientação Profissional. (acadêmico 03)
>
> Não li. Não tenho conhecimento bom. (acadêmico 05)
>
> Outra coisa: essa matéria foi dada muito lá atrás. Então eu acho que a gente devia ter agora no final, que eu não me lembro; você não dá o devido valor à matéria porque era matado, né. (acadêmico 06)
>
> Não. Mas mais ou menos tenho uma idéia, baseado não só na aula, mas baseado no meu pai. Não li. (acadêmico 02)
>
> Até conheço, porque agora tava lendo porque vou ser oradora da minha turma e daí dentro do meu discurso eu quero falar um pouco de ética. (acadêmico 01)
>
> Tenho conhecimento. (acadêmico 04)
>
> A gente ganha, a gente tem.
> **Já leu?**
> Já. No quinto período, faz tempo. (acadêmico 07)

Podemos observar que 04 acadêmicos desconhecem total ou parcialmente o Código de Ética Odontológico e 03 verbalizaram terem conhecimento. Desse modo, como é possível cobrar do aluno uma postura ética dentro da sociedade se eles praticamente desconhecem o próprio Código de Ética?

Quanto ao Código de Defesa do Consumidor, todos os discentes verbalizaram não ter conhecimento algum. Apenas o acadêmico 01 relatou: "só o que interessa pra minha vida, relacionado a odonto, não". Desse modo podemos concluir que a maioria dos discentes além de não terem noção sobre seus direitos na vida em sociedade, ainda desconhecem seus deveres como

prestadores de serviços. Assim, como é possível querer que os acadêmicos tenham uma postura correta, conhecer os direitos do próximo, quando desconhecem os seus próprios? A consequência deste fato, isto é, o desconhecimento do Código de Defesa do Consumidor, tem levado muitos profissionais a responderem por seus atos perante a justiça comum. Assim, torna-se necessário também, um estudo mais aprofundado dos deveres do cidadão cirurgião-dentista perante os direitos dos consumidores, isto é, dos seus pacientes.

Quanto às **participações** discentes em Congressos, campanhas educativas promovidas pelo CRO, ABO e Universidades, e Centro Acadêmico de Odontologia Luís Pilotto, obtivemos os seguintes dados:

Estiveram presentes no III e IV CIOPAR (Congresso Internacional de Odontologia do Paraná), seis acadêmicos entrevistados; destes, 05 assistiram a cursos e um também trabalhou. Apenas um acadêmico não participou dos Congressos. Desse modo, quando se trata de atualização científica, os acadêmicos participam na sua maioria.

Nas campanhas educativas promovidas pelo CRO, ABO e Universidades (Sorriso Saudável, Domingo no Parque e outras), 04 acadêmicos trabalharam voluntariamente e 03 não. A participação nesse sentido se dá quando o acadêmico está realmente conscientizado do valor da Odontologia Preventiva, e da importância dela perante a sociedade. Nesse sentido, observa-se que o acadêmico que não participou de nenhuma campanha, não tem a consciência profissional solicitada para a formação do cirurgião-dentista clínico geral. Vale ressaltar a posição do acadêmico 02 quando diz: "Fui na escolinha porque era obrigatório; esses outros em praça pública nunca me interessei. Até acho legal ensinar escovação, é divertido. Na pediatria aqui na faculdade é engraçado." As palavras "obrigatório", "legal" e "engraçado", mostram a falta de conscientização desse futuro profissional, que vê a educação em saúde bucal como um aspecto que possa ser relegado a um segundo plano. Na verdade, esse posicionamento acadêmico é produto

de um curso de odontologia que dá ênfase à parte curativa, deixando de lado o aspecto preventivo, isto é, o espaço reservado para prevenção no curso de Odontologia da PUC - Pr., não é significativo, ficando restrito à disciplinas isoladas.

Quanto à participação no Centro Acadêmico de Odontologia Luís Pilotto, cinco acadêmicos não participaram e dois sim. Dos acadêmicos não participantes, vale ressaltar as posições dos discentes:

> Não. Não gosto. Não gosto destas coisas, acho que é muita confusão assim. Só vem pepino pro teu lado. Só pra incomodar e eu não sou de me incomodar. (acadêmico 07)

> Não participei, nunca funcionou direito; Centro Acadêmico de Odonto não teve função, não tem corpo político; não tem coisa nenhuma. (acadêmico 01)

Dos acadêmicos que participaram, as verbalizações foram as seguintes:

> Participei da Semana Acadêmica. (acadêmico 04)

> Participei; promovemos a Semana Acadêmica e ajudamos a montar a Clínica de Bebês. (acadêmico 03)

Observamos assim que a participação no Centro Acadêmico que deveria ser significativa, na verdade não o é. Isto mostra que os acadêmicos ainda desconhecem a força que poderiam ter se tivessem se organizando, lutando por melhores condições de ensino, por exemplo. Um bom exemplo desta organização, quando bem direcionada é a Clínica de Bebês apontada pelo acadêmico 04. Esta Clínica funciona gratuitamente e em caráter voluntário discente e docente, atendendo à população, orientando as mães quanto ao aspecto de prevenção e tratamento bucal de seus bebês.

Dando continuidade às entrevistas, perguntamos aos acadêmicos se eles estavam **preparados tecnicamente** para sair da Universidade e enfrentar

o mercado de trabalho. Nesse sentido, é interessante transcrever algumas entrevistas por inteiro, no que diz respeito a este tópico.

Sente-se preparado para sair? Trabalhar?
Em consultório particular, sozinho, meu, não.
O quê que falta?
Acho que a experiência de consultório, entendeu? Porque aqui fica muito fácil, né: chama o professor. Então...
O quê a escola poderia fazer nesse sentido?
Mais prática. Mais tempo aqui. (acadêmico 06)

Sente-se segura para sair daqui e trabalhar?
Inteiramente não. Claro que se chegar um paciente eu vou fazer o máximo para demonstrar segurança. (acadêmico 04)

Você se sente preparada prá sair daqui e enfrentar o mercado de trabalho?
Montar consultório eu acho difícil, porque não tem paciente, agora um emprego eu consigo. Claro que tem muita coisa que eu não vou saber, mas indo atrás, já não vou nem tremer. (acadêmico 07)

Sente-se segura para sair daqui e trabalhar?
Em todas as disciplinas, não. (acadêmico 03)

Sente-se seguro para sair daqui e trabalhar?
Se eu fosse sozinho, não. Mas tenho o meu pai. (acadêmico 02)

Você se sente preparada para sair daqui e enfrentar o mercado de trabalho?
Sim. (acadêmico 05)

Relacionando o que você vê no estágio e no Cajuru, com o que você teve no curso, você acha que dá conta quando sair?
Eu acho que dá. Assim o atendimento básico que a gente precisa dispor, a gente tem. Tem informação suficiente. Claro, se a gente se dedicar um pouquinho a mais, não só você ficar com o que tem em aula, às vezes não, mas se você procurar um livro, alguma coisa fora que os próprios professores te indicam e te incentivam, eu acho que dá. (acadêmico 01)

No que diz respeito ao preparo técnico é interessante observar atentamente as respostas dadas pelos acadêmicos. Dois deles sentem-se seguros e, cinco, não. Assim, além de percebermos que os próprios acadêmicos sentem insegurança tecnicamente, dizem que "em todas as

disciplinas", não. Isso quer dizer que não conseguem "ver" o paciente como um todo, e necessitariam ter mais aulas práticas para que tal ocorresse.

Dando seguimento às entrevistas, perguntamos aos discentes se eles teriam **consciência da realidade social**, quando iniciassem seus trabalhos como profissionais. Todos os acadêmicos responderam afirmativamente a essa questão, e dois assim se expressaram:

> **Tem consciência da realidade social?**
> Da realidade social nossa? Sim. Por isso que eu não vou montar consultório agora, sozinho. Que, que adianta, entendeu? Na minha opinião... não tenho cara de dentista... (risos) (acadêmico 06)

> Tá horrível, o povo não tem dinheiro prá nada. Principalmente porque minha mãe tem loja de roupa. Então a gente vê bem. Nossa, não tem dinheiro, nada, nada, nada, nada. Cheque de vinte reais, volta. Tá duro, né. Mas, tá duro prá todo mundo. Mas eu acho que se você é bom, você estabelece uma clientela, claro que você não vai abrir um consultório na Avenida Batel, mais em bairro, né? Daí você não vai trabalhar quase muito, com tipo assim, preço num paciente, né, você não vai cobrar uma fortuna de um, você vai ter que cobrar uma micharia de vários. (risos) É o único jeito, né?
> **Você tem consciência disso?**
> Infelizmente. Por isso é que eu quero ir prá fora, prá tipo, eu fazer um mestrado ou alguma coisa, voltar, porque daí você tem mais chance eu acho. Claro que não muda muito também, de repente o cara não faz nada, é um rabudo, vai lá monta um consultório e... mas ajuda mais, né? Quanto mais a gente estuda... nem que seja pra dar aula, porque eu gosto de dar aula.
> **Por que " nem que seja prá dar aula"?**
> Não, não, nem que seja ter um mestrado só prá dar aula.
> **Pensei que fosse assim: nem que seja só prá ser um professor...**
> Não, não; mas eu gosto... (acadêmico 07)

Observamos que a realidade social observada por estes acadêmicos demonstra retirarem os dados da realidade vivida por eles, não que a Universidade subsidiou. Desse modo, pretendem não abrir consultório e querem especializar-se buscando novos conhecimentos com intuito de atingir uma parcela mais rica da população e até mesmo ser professor. Apesar de apenas dois acadêmicos terem feito colocações expontâneas, podemos cruzar essa informação da realidade social com a informação a respeito da expectativa de saída, onde os acadêmicos colocam o que desejam fazer após

formados. Cruzando estas informações percebemos o quanto dão ênfase ao aspecto financeiro da futura profissão, desejando retorno quase que imediato.

Para finalizar as entrevistas, deixamos em aberto aos acadêmicos que quisessem fazer algumas considerações sobre o curso e a Universidade. Destas, apenas um acadêmicos teceu considerações:

> Aqui na faculdade, então, cheguei a conclusão final que a gente sai preparado tecnicamente, mas prá vida profissional...
> **Perguntei muita coisa que você não sabia...**
> E coisas fundamentais... (acadêmico 05)

Desse modo, chegamos à conclusão de que o diálogo acima, é de real importância para uma reflexão crítica da postura do curso de Odontologia da PUC. No aspecto da formação do cirurgião-dentista clínico geral e da formação do cidadão cirurgião-dentista, há a necessidade de um envolvimento maior da Universidade, leia-se docentes, com seus alunos, da Universidade com as entidades de classe, enfim, da Universidade com a sociedade.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente o profissional de odontologia convive com o contraste das evoluções científicas na sua área de trabalho e as condições sócio-econômicas da população brasileira. Desse modo, que papel deverá desempenhar a Universidade para a formação de futuros profissionais, tanto daqueles que irão se dedicar à odontologia enquanto profissão, quanto dos que optarão pelo exercício da docência e da pesquisa?

O exercício da profissão pressupõe certas aptidões e um código ético de comportamento social. Daí a necessidade de um serviço de orientação para os estudantes universitários, não só com relação à instrução, ao preparo técnico, mas, também, para a formação sociopolítica e ética do futuro profissional-docente-pesquisador.

A profissão requer um conjunto de habilidades, atitudes e conhecimentos adquiridos mediante aprendizagem, isto porque ela tem em vista exercer uma atividade específica, exigida pela sociedade, para sua manutenção, equilíbrio e desenvolvimento.

Para que se obtenha uma educação com qualidade formal e política, há de se procurar entender todo o processo de ensino-aprendizagem, isto é, toda uma relação que corresponda ao todo da realidade. Observamos no decorrer deste trabalho que as variáveis para que esta educação seja alcançada são bastante significativas. No entanto, é necessário afirmar, ainda, que em primeira instância, professores e alunos estão inseridos dentro de uma sala de aula e que, por sua vez, participam de uma Instituição de Ensino Superior, que " por seu turno é parte do sistema sóciopolítico-cultural, econômico e religioso brasileiro que, a seu modo, está vinculado à realidade

histórica do Ocidente."[123] Desse modo, se pensarmos que cada um destes segmentos tem seus valores, suas direções, suas opções, suas preferências, suas prioridades, que se espalham, se disseminam e se impõe por meio de normas, leis, propaganda, ministérios, secretarias e até mesmo por meio da educação informal, observaremos o quanto a situação educativa está influenciada por esta realidade maior. Assim, quando nos propusemos a estudar as variáveis: ideologia, odontologia convencional, positivismo e cidadania, como referência à qualidade política da educação, apenas restringimos nosso campo de estudo, não esquecendo todavia, desta "realidade maior".

Nessas variáveis identificamos tópicos que se inserem no Curso de Odontologia da PUC-Pr como um todo. Assim, observamos que a atual prática docente está influenciada diretamente pela ideologia da classe dominante que exclui a maioria da sociedade brasileira, visto que a odontologia praticada e "ensinada" é aquela com ênfase na cura, na tecnificação do ato odontológico e na especialização. Desse modo, o conhecimento está fortemente influenciado pelo positivismo, ignorando a consciência histórico-crítica sob a máscara da neutralidade científica.

O mesmo podemos dizer em relação à qualidade formal. Quando "visitamos" o curso de Odontologia da PUC.-Pr., e identificamos seus problemas, observamos que além daqueles que influenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem, (metodologia empregada, relação professor/aluno, grade horária) outros elementos atuam indiretamente e com o mesmo peso neste processo (currículo oculto, fragmentação de especialidades).

Diante disso, concluímos que é fundamental que ocorram mudanças; mudanças que envolvam não só a prática docente mas também alterações no

---

[123] MASETTO, Marcos Tarcísio; Abreu, Maria Celia. **O professor universitário em aula**. 10. ed. São Paulo: MG Ed. Associados, 1990, p. 125.

atual programa para que esta prática realmente possa acontecer. O que se procura é uma mudança da educação como um todo, em uma educação com qualidade; qualidade na busca de transformar-se, de tornar-se ético, de respeitar e exercer cidadania para modificar o meio.

O professor tem uma influência direta sobre a situação em sala de aula, no seu relacionamento pessoal com o aluno, no planejamento e na adaptação das condições de aprendizagem. Desse modo, o docente de Odontologia além da formação técnico-científica (domínio sobre o conteúdo específico da disciplina que leciona), deverá possuir formação prática (conhecimento da prática profissional para a qual seus alunos estão sendo formados), formação política(compromisso com as questões sociais que envolvem e condicionam seu trabalho) e, ainda, formação pedagógica.

> A preparação pedagógica do professor universitário, todavia, não constitui tarefa fácil. Primeiro porque não há uma tradição de cursos destinados à preparação desses professores. Depois porque, em virtude de acomodação, temor de perda de status ou de não-reconhecimento da importância da formação pedagógica, muitos professores negam-se a participar de qualquer programa de formação ou aperfeiçoamento nessa área.[124]

Neste aspecto, se faz mister observar que quando se trabalha com a formação pedagógica do professor é que se dá a ele o tempo

> ...para "pensar" a Educação: seus objetivos, seus meios, seus fins, seu raio de influência, seu envolvimento com a sociedade, seu compromisso com todos os alunos que pela escola passam...é a competência pedagógica que se constituirá no diferencial de qualidade do professor.[125]

Assim, a Universidade deveria abrir espaços para que o docente conhecesse e/ou reconhecesse a importância da formação pedagógica. Ela não deveria restringir-se somente aos aspectos técnicos de "como dar aulas", mas sim fazer com que o docente de Odontologia seja um profissional da Educação, e não simplesmente alguém que, exercendo uma função, não se compromete com ela, com seus aspectos mais formais e específicos. Isso

---

[124] GIL, op. cit., p.16.

significa que este professor, se não quiser ser mero reprodutor de conhecimentos, mas formar para a cidadania, terá de ser, antes de mais nada, um pesquisador, um produtor de conhecimentos.

Desse modo, reunindo as características enunciadas anteriormente, o profissional da Educação em Odontologia deverá construir seu próprio conhecimento: "Quem ensina carece pesquisar; quem pesquisa carece ensinar. Professor que apenas ensina jamais o foi. Pesquisador que só pesquisa é elitista explorador, privilegiado e acomodado." [126] Assim, o conhecimento do professor seria construído no seu próprio cotidiano, aliando à sua vida escolar a prática e os saberes que são resultados da apropriação que ele faz da prática e dos saberes histórico-sociais.

Neste contexto, caberia à Universidade criar condições para que o profissional de odontologia, enquanto profissional da Educação, desenvolvesse habilidades de pesquisa e se comprometesse com a formação do cidadão. Um dos caminhos, seria trabalhar na própria Instituição, assistindo a pacientes para exercitar a própria prática (bem remunerados, sem dúvida) dividindo o tempo com o exercício da docência e pesquisa (experimental, relação teoria/prática, social, aprimoramento da qualidade formal e política, etc.). Assim, deixaríamos de ser "horistas", ultrapassando a etapa do meramente instruir, sem vínculo com o aluno e com os pacientes, transmitindo apenas conhecimentos técnicos sem contextualizá-los na vida prática da sociedade.

> O processo educativo é, na verdade, uma atividade de conscientização e a Universidade não pode se omitir frente à tarefa de "acordar" a consciência daquelas que nela exercem a docência. O comprometimento com o aluno em formação será, sem dúvida alguma, o diferencial de Qualidade que toda instituição de ensino deve buscar e melhorar continuamente.[127]

---

[125] VASCONCELOS, op. cit., p.31.
[126] DEMO, **Pesquisa - princípio ...** , p. 14.
[127] VASCONCELOS, op. cit., p. 49.

Essa "atividade de conscientização" deveria ser objeto de reflexão individual e coletivo de todo corpo docente, pois a reflexão individual sobre nossas ações dirigidas a outros seres terá como conseqüência uma revisão da relação entre educação e o exercício da cidadania. Nesse contexto, o educador preocupar-se-á, além do desenvolvimento requerido pela profissão, com a participação política, com o desenvolvimento da formação do cidadão em termos humanos e éticos.

A Universidade que cria condições para a conscientização e fornece alternativas para o desenvolvimento educacional, possibilita a reflexão crítica, a busca do novo, a criação e recriação de conhecimentos buscando uma maior interação entre indivíduo e sociedade.

Assim, no início desse trabalho, nos perguntávamos se a atual prática pedagógica empregada no curso de Odontologia da PUC-Pr., seria adequada à formação do futuro cidadão profissional de odontologia. Indagávamos também, se a alteração dessa prática para a do "aprender a aprender" poderia ser um dos caminhos a ser percorrido para que se pudesse alcançar uma educação com qualidade. Chegamos à conclusão de que o aprender precisa necessariamente vir acompanhado do ensino com pesquisa.

Na tentativa de identificar os problemas que impediriam a formação do cidadão profissional de maneira adequada, entrevistamos os docentes que atuam no nono período do curso, e os discentes que dele fazem parte.

De um modo geral, os docentes identificaram problemas quanto ao preparo tecnicista e elitista do curso, contrariando aos objetivos propostos pelo curso de Odontologia. (ver p.56) A ausência de atitudes multidisciplinares, a seleção via vestibular e a disposição incorreta das disciplinas na atual grade curricular também foram citados como fatores que interferem na formação do cirurgião-dentista.

Os acadêmicos fizeram observações quanto à disciplinas que deveriam ter sua carga horária diminuída ou até mesmo não existir (Filosofia, Teologia); relacionaram que a disciplina de Anatomia possui pouca carga horária situando-se muito no início do curso; citaram ainda que existe um excesso de carga horária no sétimo período e a disciplina DEPP não tem um aproveitamento adequado.

Foi voz comum entre docentes e discentes que existe pouca ou nenhuma relação entre as disciplinas denominadas básicas e as profissionalizantes, isto é, as disciplinas básicas quando ministradas, não fazem a ligação com as profissionalizantes. Ainda nesse tópico, mencionaram que as disciplinas básicas situam-se muito no início do curso, e quando necessitam de seus conhecimentos no ciclo profissionalizante, "já esqueceram." Fizemos a observação de que esse fato possa ocorrer devido a docentes que atuam no ciclo básico e que não tem formação em odontologia. Ainda, foram realizadas observações quanto à ausência de associação entre as disciplinas do ciclo profissionalizante. Observamos que essa dissociação se deva em parte pela disposição das disciplinas na atual grade.

Quanto à metodologia didático-pedagógica adotada pelo curso, observamos que os docentes identificaram que o tempo de aulas práticas e teóricas é pequeno em relação ao número de alunos; observaram ainda que a postura didática adotada (tradicional) se deve ao tempo disponível (pequeno) para "transmitir" o conteúdo da disciplina. Relacionaram ainda, a dissociação entre teoria e prática no interior da própria disciplina.

Os acadêmicos perceberam que a falta de didática e a postura tradicional do docente interferem no processo de ensino-aprendizagem. Observaram, também, que a metodologia adotada deveria ser alterada para uma outra, que contemplasse trabalhos de pesquisas.

Quanto ao método de avaliação observamos que os docentes relacionaram a prova como seu principal instrumento, dizendo que a relação

professor/aluno é discrepante e que esse fato impediria outro método. É interessante observar que os discentes aceitam a prova como instrumento de avaliação, mas desejariam que outros instrumentos fossem adotados (trabalhos práticos, pesquisa).

Nos tópicos: metodologia didático-pedagógica e avaliação, podemos observar que os docentes seguem o que propõem nas Ementas, principalmente no ciclo profissionalizante, isto é, a aula expositiva e a prova são realmente os instrumentos utilizados pelo corpo docente.

Quanto à relação professor/aluno, foi consenso entre discentes e docentes que a relação numérica professor/aluno é discrepante (1/18 em clínica) e que haveria a necessidade de mais professores para um melhor aproveitamento do processo ensino-aprendizagem. Neste quesito observamos ainda que os docentes gostariam que existisse um vínculo maior entre acadêmico, professor e paciente. Nesse ponto, a Universidade deveria no mínimo seguir as orientações recomendadas pelo MEC.

Quanto ao preparo técnico discente, que envolve o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos para um desempenho adequado da profissão, tanto docentes quanto discentes na sua maioria, observaram que esse preparo ainda é deficiente e que os discentes deveriam permanecer na Universidade por mais tempo para que este preparo se consolidasse.

Quanto à percepção da realidade social, os professores afirmaram que os acadêmicos não estão preparados para a realidade que irão enfrentar quando se formarem. No entanto, os discentes acham que estão preparados para essa realidade. Pudemos observar que a realidade apreendida pelos discentes é real, no entanto, não querem trabalhar com ela, isto é, pretendem especializar-se em determinadas áreas para atingir uma classe com mais posses e que possa pagar por trabalhos particulares.

Quanto à participação em entidades de classe, centro acadêmico e campanhas educativas, observamos que discentes e docentes participam parcialmente, isto é, não há uma participação realmente efetiva, salvo exceções. A realidade é que a pouca participação docente influencia diretamente o meio acadêmico. Observamos que quando se trata da participação em congressos odontológicos, onde os docentes estão diretamente envolvidos com a organização do evento, a participação acadêmica é grande, isto é, os docentes envolvem o meio acadêmico para que participem do evento.

Quanto à formação do profissional-cidadão, poderíamos afirmar que a Universidade não os está formando convenientemente. Esta afirmação deve-se ao desconhecimento dos discentes, do Código de Ética Odontológico, do Código de Defesa do Consumidor, da documentação exigida para montar consultório, do desconhecimento das taxas e tributos que recaem sobre o exercício profissional e de seus direitos e deveres como empregador, empregado e profissional liberal.

A identificação dos problemas levantados pelos docentes, discentes e pela autora desse trabalho, poderiam ser resumidas nos seguintes tópicos: a) - ausência da relação entre teoria e prática no interior de uma mesma disciplina; b) - ausência de relação entre as disciplinas denominadas básicas e as de cunho profissionalizante; c) - ausência de relação entre disciplinas de um mesmo ciclo; d) - ausência de multidisciplinaridade; e) - fragmentação das especialidades; f) - falta de integração entre o meio universitário e a sociedade; g) - ensino tradicional, com ênfase na transmissão do conhecimento e na sua reprodução ou cópia; h) - ênfase na odontologia curativa; i) - falta do desenvolvimento de atitudes, habilidades e conhecimentos; j) - relação professor/aluno: discrepante; l) - postura de tipo tradicional do docente perante o meio acadêmico; m) - carga horária excessiva no sétimo período e "janelas" no início do curso; n) - ausência de conscientização docente e discente no que diz respeito às suas condições de

trabalho; o) - contradição nos instrumentos de avaliação; p) - desinformação quanto ao exercício pleno da cidadania.

Assim, é preciso entender que, para que as práticas pedagógicas do aprender a aprender e do ensino com pesquisa, que aliam qualidade formal e política e desenvolvem a cidadania seguindo preceitos éticos, possam ser efetivadas em sala de aula, é necessário que se realizem mudanças. É fundamental rever, em primeira instância, a quantidade, pois "... há as salas entupidas, o que dificulta manejo didático mínimo. Nem treinamento tolerável se faz."[128] Assim, como alterar a metodologia didático-pedagógica, na prática? Como buscar uma maior integração entre aluno, paciente, professor e sociedade? Demo, afirma: "... a qualidade começa pela adequação da quantidade." [129] "...reorganizar o ritmo de trabalho, talvez não mais em aulas de 50 minutos, substituindo-as por um tempo maior que permita desenvolver tarefas mais participativas e profundas."[130]

Desse modo, a Instituição deve estar compromissada com a educação com qualidade. Sem o compromisso de adequação de equipamentos, recursos humanos e materiais, bibliotecas, remuneração adequada de pessoal, etc., não há a possibilidade de desenvolvimento da educação voltada para a qualidade formal e política.

A instituição deve estar engajada, disposta a atender as solicitações pretendidas, para que se possa exercer a qualidade exigida. Para começar, diminuindo o número de alunos em sala de aula ou aumentando o número de docentes em aulas práticas. Não é possível assistir a 18 alunos ao mesmo tempo em aula prática, assim como é impossível pretender alguma outra metodologia que substitua a aula expositiva, reprodutiva, com 70 alunos ocupando uma sala de aula.

---

[128] DEMO, **Educação e ...** , p. 79.
[129] Ibid., p. 79.
[130] DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1996, p. 18.

Assim, o que buscamos é uma alteração não só de metodologia didático-pedagógica, mas uma ação conscientizadora do corpo docente, pois na medida em que os professores tomam consciência da profundidade do ato pedagógico, poderão superar o ensino atual, que promove a disjunção do conhecimento em relação à vida humana e à condição social. Somente este aspecto se justifica na atitude de alienação e irresponsabilidade do homem em relação a si próprio e a realidade social que constrói.[131]

A educação com qualidade tem a responsabilidade social de promover a formação para o exercício da cidadania. Para isso, necessita promover sua própria reorganização no sentido de se constituir em um movimento a ser construído e assumido por todos os envolvidos no processo.

No limiar de um novo século, a Pontifícia Universidade Católica do Paraná convoca o meio universitário para repensar a prática educativa. No interior de seu programa, denominado de Planejamento Estratégico para 2010, encontramos a solicitação para a elaboração de um projeto pedagógico para cada curso. Esse estudo que ora apresentamos, poderá talvez constituir-se em uma contribuição para a elaboração do novo projeto pedagógico do curso de Odontologia.

Assim, a elaboração de um novo estudo se faz necessária, e deve antes de tudo, atender as necessidades inerentes de cada curso; deve estar apoiado em uma pesquisa da realidade de cada ambiente, aliando qualidade formal e política com competência e equidade na transformação da sociedade. A educação com qualidade é um desafio permanente porque aciona possibilidades rumo a um mundo de competência formal e política, igualdade, cidadania e construção permanente mediante uma perspectiva plena, global.

---

[131] LUCK, Heloisa. **Pedagogia interdisciplinar**.2.ed. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 30.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 BEHRENS, MARILDA APARECIDA. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica.** Curitiba: Champagnat, 1996.

2 BOBBIO, NORBERTO: MATTEUCCI, NICOLA; PASQUINO GIANFRANCO. **Dicionário de política.** 6. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

3 BRANDÃO, EURO. **Identidade e filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná**. Curitiba: Champagnat, 1993.

4 BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 13. ed., atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 1996.

5 BRASÍLIA. TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 1ª REGIÃO. GABINETE DA REVISTA. **A Constituição na visão dos tribunais: interpretação e julgados artigo por artigo.** São Paulo: Saraiva, v. 1, 1997.

6 BUENO, MARCIA. **CFO Informa.** Ano IV. Brasília, fev/mar. 1996

7 BUFFA, ESTER; ARROYO, MIGUEL; NOSELLA, PAOLO. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?** 5.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

8 CANDAU, VERA MARIA; SACAVINO, SUZANA BEATRIZ; MARANDINO, MARTA ET AL. **Tecendo a cidadania: oficinas pedagógicas de direitos humanos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

9 CARVALHO, ANTÔNIO CESAR PERRI. **Educação e saúde em odontologia**. 1. ed. São Paulo: Santos, 1995.

10 _____. **Currículo odontológico.** Núcleo de pesquisas sobre ensino superior.Universidade de São Paulo. 8/95.

11 CHAUÍ, MARILENA. **O que é ideologia.** 37.ed. São Paulo: Editora brasiliense,1994.

12 CORDI, CASSIANO; SANTOS, ANTÔNIO RAIMUNDO; BÓRIO, ELIZABETH ET AL. **Para filosofar.** ed.São Paulo: Scipione, 1997.

13 CUNHA, MARIA ISABEL. **O bom professor e sua prática.** 2. ed. Campinas: Papirus, 1992.

14 CUNHA, MARIA ISABEL; LEITE, DENISE. **Decisões pedagógicas e estruturas de poder na universidade.** Campinas: Papirus editora, 1996.

15 DEMO, PEDRO. **Participação é conquista**. São Paulo: Cortez: Autores Associados,1988.

16 _____. **Educação e qualidade.** Campinas: Papirus editora, 1994.

17 _____. **Cidadania tutelada e cidadania assistida**. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

18 _____. **Desafios modernos da educação.** 3.ed. Petróplis: Vozes,1995.

19 _____. **Avaliação qualitativa.** 5. Ed. Campinas, SP: Editora Autores Associados,1995.

20 _____. **Avaliação sob o olhar propedêutico**. São Paulo: Papirus, 1996.

21 _____. **Educar pela pesquisa.** Campinas: Editora autores Associados,1996.

22 _____. **Pesquisa - princípio científico e educativo**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 1996.

23 DOCKHORN, DENIS MARCELO CARVALHO. Um estudo sobre a produção da odontologia brasileira como ideologia da lógica neoliberal e a questão da formação de recursos humanos para uma proposta contra-hegemônica. **Ver.OdontoCiência**, Fac.Odonto/PUCRS, n.20, p.99-131, 1995/2.

24 DOWBOR, LADISLAU. Os novos espaços do conhecimento. **Internet**. E-mail: lalaupsicnet.com.br.

25 ENGUITA, MARIANO F. **A face oculta da escola.** Artes Médicas,1980.

26 FERREIRA, AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA. **Novo dicionário Aurélio.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

27 FERREIRA, PINTO. **Comentários à Constituição Brasileira**. São Paulo: Saraiva, v.1,1989.

28 FIGUEIREDO, LUCIA MARIA HORTA. **" Depois que forma, muda." Estudo da relação médico-paciente no âmbito da prática docente-assistencial.** Belo Horizonte,1992. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação,Universidade Federal de Minas Gerais.

29 FINGER, ALMERI PAULO; PINTO, ÉDER PASCHOAL; LÜCK, HELOISA ET AL. **Educação: caminhos e perspectivas.** Curitiba: Champagnat,1996.

30 FOLHA DE SÃO PAULO. **A qualidade total; o que todos procuram**. 08 Fascículos dominicais, de 13/03 a 01/05/94.

31 GADOTTI, MOACIR. **Concepção dialética da educação**. 7.ed.São Paulo: Cortez, 1990.

32 GARRAFA, VOLNEI; MOYSÉS, SAMUEL JORGE. Odontologia Brasileira: Tecnicamente elogiável, cientificamente discutível, socialmente caótica. **Divulgação**, XII ENASTEPO, n.13, p.06-16, jul.96.

33 GENTILI, PABLO A A O discurso da qualidade como nova retórica conservadora no campo educacional. In: Gentili, Pablo A A e Da Silva, Tadeu T. **Neoliberalismo. Qualidade Total e Educação**. Petrópolis: Vozes,1995.

34 GIL, ANTONIO CARLOS. **Metodologia do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 1990.

35 GOLDMANN, LUCIEN. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

36 GOLEMAN, DANIEL. **Inteligência Emocional.** 28.ed. Rio de Janeiro:Objetiva, 1995.

37 HOBSBAWH, ERICK. Renascendo das cinzas. In Blacburn, R. **Depois da queda. O fracasso do comunismo e o futuro do socialismo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

38 JACOMEL, MÁRCIO. Preocupação infundada. **CRO**, Curitiba, ano 4, n.16, p.04, out. 1998.

39 LEWONTIN, R.C.; ROSE, STEVEN; KAMIN, LEON J. **Genética e política.** Portugal: Publicações Europa-América, 1984.

40 LIMA, MARIA CONCEIÇÃO LEITE. **Cartas.** Barra dos Coqueiros, Sergipe. 14/08/96 e 06/10/96.

41 LUCAS, SIMONE DUTRA. Saúde bucal: reflexo das desigualdade sociais. **REVICROMIG.** Belo Horizonte, v.1, n.1,fev,1995.

42 LÜCK, HELOÍSA. **Pedagogia interdisciplinar**.2.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

43 MARCOS, BADEIA. **Reflexões sobre ensino e saúde**. Belo Horizonte: Editora Litera Maciel, 1988.

44 MARITAIN, JACQUES. **Os direitos do homem e a lei natural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio editora, novembro,1967.

45 MARINHO, SIMÃO PEDRO. **Escola de Qualidade Total - haverá espaço para uma proposta curricular emancipadora?** Http://www.gcsnet.com.br/oamis/educare/ed330200.html,5230by17Dec96.

46 MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1987.

47 MASETTO,MARCOS TARCISO; ABREU, MARIA CECÍLIA. **O professor universitário em aula.** 10.ed. São Paulo: MG editores associados, 1990.

48 MAYNARD, HERMAN BRYANT; MEHRTENS,SUSAN. **A quarta onda.** São Paulo: Editora Cultrix,1993.

49 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. COMISSÕES DE ESPECIALISTAS DE ENSINO. COMISSÃO DE ESPECIALISTA DE ENSINO DE ODONTOLOGIA. **Padrão médio de um curso de odontologia.** Brasília:MEC/SESu,1994, 63p.

50 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. MEC. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO SUPERIOR.COMISSÃO DE ESPECIALISTAS DE ENSINO DE ODONTOLOGIA. **Instrumento de verificação das condições de oferta dos cursos de graduação em odontologia.** Brasília, 1988.

51 MENDES, EUGÊNIO VILAÇA. **Modelo Transicional de Ensino da Odontologia**. Belo Horizonte, Fundação Mariana Resende Costa, 1982.

52 _____. O projeto pedagógico do Departamento de Odontologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais: análise de uma experiência. **Educação Brasileira.** v.5, n.11, p.103-118, jul./dez. 1985.

53 MENDES, EUGÊNIO VILAÇA; MARCOS, BADEIA. Referências conceituadas da prática pedagógica do departamento de odontologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. **Educação Brasileira**, v.10, n.20, p177-179, jan/jun,1988.

54 MESQUIDA, PERI. Cidadania, confessionalidade e educação. **Revista doCogeime**, Piracicaba, São Paulo, ano 6, v.8, p.105-129,junho,1997.

55 _____.(mimeo) **Texto Educação Brasileira**, Curitiba,1998.

56 MINAYO, MARIA CECÍLIA DE SOUZA. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. 4. Ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec - Abrasco,1996.

57 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Convênio que celebram entre si, a Universidade Católica do Paraná, Ministério da Previdência e Assistência Social, Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social, Ministério da Saúde, com objetivo de esclarecer mecanismos à implantação e execução da assistência odontológica nas ações integradas da saúde no Estado do Paraná.** Curitiba,1986.

58 NARVAI, PAULO CAPEL. **Odontologia e saúde bucal coletiva**. São Paulo: Hucitec, 1194.

59 OMS. **Elementos esenciales da la formación de personal de salud bucodental: cambio o deterioro? Genebra, 1990**

60 PAIXÃO, H.H.; CAMPOS, H.; LIMA, W. ANDRADE. O paciente como objeto de ensino. **Arq.Cent.Est.Cur.Odont**., Belo Horizonte, v.18, n.1/2, p37-44, 1981.

61 PINTO, VÍTOR GOMES. **Levantamento Epidemiológico em Saúde Bucal: Brasil, Zona Urbana,1986**. Centro de Documentação do Ministério da Saúde,Brasília,1988.

62 _____. **Saúde Bucal: odontologia social e preventiva**. 3.ed. São Paulo: Santos, 1994.

63 PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. **Parecer nº 05/88-CONSUN de 04 de maio de 1988.** Homologação do termo aditivo ao convênio firmado entre INAMPS/MEC/MS/Cursos de Odontologia do Estado do Paraná. Pedro Bernardi. Plenário do Conselho Universitário.

64 PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. PRÓ-REITORIA ACADÊMICA. **Manual de Estágio do Curso de Odontologia.** Curitiba.

65 _____. **Manual do curso de odontologia.** Curitiba,1996.

66 PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. CCBS. DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA. Ofício nº 0492/97. Curitiba, 1997.

67 _____. **Ementas das disciplinas do curso de Odontologia.** Curitiba, 1998.

68 PORTILLO, JORGE CORDON. Avaliando os cursos de odontologia. **CFO Informa.** Brasília, abril/97.

69 RAMOS, COSETE. **Pedagogia da qualidade total**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1994.

70 RAMOS, DALTON LUIZ DE PAULA. **Ética odontológica**. São Paulo: Santos,1994.

71 SÁ, ANTONIO LOPES. **Ética profissional**. São Paulo: Atlas, 1996.

72 SANTOS, QUINTINO RENATO. **Ideologia, conhecimento e saúde**. Belo Horizonte, 1985.Tese Professor Titular da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

73 SAVIANI, DEMERVAL. **Pedagogia histórico-crítica**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1991.

74 SCHMIDT, PAULO AFONSO. **Novas fronteiras da qualidade**. http://www.netway.com.br/ibqp/paulo.html,8702bytes,06Mar97.

75 SILVA, NAVEIRA LENILSON. **A quarta onda.** 4.ed. Rio de Janeiro: Record,1995.

76 33º REUNIÃO DA ABENO. **Subsídios para o projeto pedagógico de curso deodontologia**. Fortaleza, julho. 1998

77 TOFLER, ALVIN. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

78 VASCONCELOS, MARIA LUCIA M. CARVALHO. **A formação do professor de terceirograu**. São Paulo: Editora Pioneira, 1996

79 VEIGA, ILMA P.A. (org).**Técnicas de ensino: por que não?** Campinas, São Paulo:Papirus,1991.

80 WACHOWICZ,LILIAN(org.). **A interdisciplinaridade na Universidade**. Curitiba:Champagnat,1998.

81 WERNECK, HAMILTON. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. Petrópolis,Rio de Janeiro: Vozes,1992.

82 WESTPHALEN, VANIA PORTELA DITZEL. **A importância da formação técnico-humanista do cirurgião-dentista para o exercício da sua função social**. Curitiba, 1997.Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, PUC-Pr.

83 ZAITTER, WELLIGTON M. Processo de interiorização. **CRO**, Curitiba, ano 4, n.16,p.16, outubro. 1998.

84 ZANETTI, CARLOS HENRIQUE GORETTI; LIMA, MARIA A. UMBELINA; RAMOS, LÍVIA; COSTA, MARIA A. B. TENÓRIO. Em busca de um paradigma de programação local em saúde bucal mais resolutivo no SUS. **Divulgação**, XII ENASTEPO, jul.96.

ANEXOS

ANEXO 01

ORGANIZAÇÃO ACADÊMICA DO CURSO
GRADE DE DISCIPLINAS

1º PERÍODO	AT	AP	CRÉDITOS	HORAS
Anatomia Geral	2	4	4	90
Bioquímica I	2	2	3	60
Citologia	2	2	3	60
Imunologia	1	2	2	45
Metodologia Científica	1	2	2	45
Fundamentos de Ciências Sociais (Antropologia e Sociologia)	2	0	2	30
Cultura e Cidadania I	2	0	2	30
Filosofia I	2	0	2	30
Educação Física I	0	2	1	30
	14	**14**	**21**	**420**

2º PERÍODO	AT	AP	CRÉDITOS	HORAS
Anatomia Especial	2	2	3	60
Bioquímica II	2	2	3	60
Histologia Geral	2	2	3	60
Microbiologia Geral	1	2	2	45
Parasitologia	2	0	2	30
Embriologia Geral e Odontológica	2	2	3	60
Anatomia Dental	0	2	1	30
Filosofia II	2	0	2	30
Educação Física II	0	2	1	30
Cultura e Cidadania II	2	0	2	30
	15	14	22	435

3º PERÍODO	AT	AP	CRÉDITOS	HORAS
Fisiologia Geral	2	2	3	60
Histologia odontológica	2	2	3	60
Microbiologia Odontológica	1	2	2	45
Patologia geral	4	2	5	90
Genética e evolução humana	1	2	2	45
Psicologia	2	0	2	30
Ergonomia	2	0	2	30
Radiologia Odontológica I	2	2	3	60
Teologia I	2	0	2	30
	18	12	24	450

4º PERÍODO	AT	AP	CRÉDITOS	HORAS
Fisiologia odontológica	2	2	3	60
Patologia buco-dentária	2	4	4	90
Estomatologia I	2	4	4	90
Farmacologia	2	2	3	60
Cariologia	2	0	2	30
Radiologia Odontológica II	1	2	2	45
Materiais dentários I	1	2	2	45
Escultura Dental	0	2	1	30
Teologia II	2	0	2	30
	14	18	23	480

5º PERÍODO	AT	AP	CRÉDITOS	HORAS
Cirurgia e Traumatologia B.M.F. I	2	4	4	90
Dentística Operatória	2	4	4	90
Endodontia Operatória	2	4	4	90
Oclusão	1	2	2	45
Odontologia preventiva I	1	2	2	45
Odontologia Legal e Deontologia	2	0	2	30
Materiais dentários II	1	2	2	45
Terapêutica medicamentosa	1	2	2	45
	12	20	22	480

6º PERÍODO	AT	AP	CRÉDITOS	HORAS
Cirurgia e Traumatologia B.M.F. II	1	4	3	75
Dentística I	1	4	3	75
Endodontia I	1	4	3	75
Prótese removível I	2	4	4	90
Periodontia I	1	4	3	75
Odontologia Social I	1	2	2	45
Orientação Profissional	2	0	2	30
	9	22	20	465

7º PERÍODO	AT	AP	CRÉDITOS	HORAS
Cirurgia e traumatologia B.M.F III	0	4	2	60
Odontopediatria I	2	4	4	90
Ortodontia I	1	2	2	45
Prótese fixa I	1	4	3	75
Periodontia II	1	4	3	75
Endodontia II	0	4	2	60
Dentística II	0	4	2	60
Prótese Removível II	1	4	3	75
Odontologia preventiva II	1	2	2	45
	7	32	23	585

8º PERÍODO	AT	AP	CRÉDITOS	HORAS
Cirurgia e traumatologia B.M.F. IV	1	4	3	75
Odontopediatria II	1	4	3	75
Ortodontia II	1	2	2	45
Prótese Fixa II	1	4	3	75
Periodontia III	0	2	1	30
Endodontia III	0	2	1	30
Dentística III	0	2	1	30
Prótese Removível III	0	2	1	30
Diagnóstico Bucal	2	2	3	60
Odontologia Social II	1	2	2	45
Odontologia para pacientes especiais	1	2	2	45
	8	28	22	540

9º PERÍODO	HORAS
CLÍNICA INTEGRADA	400

ANEXO 02

CARTAS

Barra dos Coqueiros, 14 de agosto de 1996.

Exmos. Srs. Diretor e Alunos da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Eu, Maria da Conceição Leite de Lima, residente à rua Tme 43 - Bairro Conjunto Prisco Viana - Cidade Barra dos Coqueiros - Estado de Sergipe, venho por meio desta denunciar a Dra. Maria do Socorro Amorim CRO 543-SE, responsável pelo consultório e pela Dra. Maria Célia, situado à Praça João XXIII, nº 287 2º andar-acima da loja Aju: Esporte, nesta cidade.

A Dra. Maria Célia que se diz formada me fez obturações em dois dentes meu, as mesmas caíram, depois delas caídas os dentes apresentaram dores insuportáveis e buracos que ela fez com a broca do motor que não existiam. Eu voltei lá e ela queria passar o motor de novo. Eu não deixei porque as dores estavam muito fortes, eu não aguentava nem tomar água e nem tomar café.

As dores não haviam. Eu disse a ela que tapasse os buracos sem passar o motor. A Dra. Maria Célia tapou os buracos. Agora de novo as obturações caíram.

Continuo com o Teracao no dente A Dra Maria Célia comeu o dente todo Estas obturações foram feitas em junho. Não havia cárie para tanto Tratago. Com os Teracos que a Dra Maria Célia fez nos meus dentes agora eu vou ter cáries

Eu, Maria da Conceição Leite de Lima, gostaria que os senhores examinassem os meus dentes e vissem a verdade que a Dra Maria Célia me fez

E desumano o que a Dra Maria Célia fez aos meus dentes As dores são horríveis

Sabe senhor Presidente e senhores do Conselho Regional de Odontologia quanto custa um dentista honesto?

Sabem quanto eu já estou sofrendo pelas Dores que venho sentindo desde o dia que a Dra Maria Célia colocou as mãos nos meus dentes?

Só em um dente ela fez dois Teracos

Ela fez verdade no meu corpo

É como se ela estivesse fazendo um Trabalho Teracal

Pagando uma ficareta para alisar o asfalto

Eu, Maria da Conceição Leite de Lima, gostaria que os senhores fizessem uma ~~pericia~~ exame para comprovar se existia cárie

A Dra Maria Célia fez uma

superior da arcada com os meus dentes Dois Dentes pradios Dois dentes da frente com buracos feitos por uma broca que cursou uma faculdade de Odontologia.

Eu, Maria da Conceição Leite de Lima, não sei mais o que digo para pedir ajuda ao Conselho Regional de Odontologia.

Atenciosamente,

Maria da Conceição Leite de Lima
Rua T nº 43 - Conjunto Prisco Viana
49140000 Barra dos Coqueiros
Sergipe

1ª denúncia

Barra dos Coqueiros 6 de outubro de 1996.

Exmos. Srs. Diretor e Alunos da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Eu, Maria da Conceição Leite de Viana residente à rua T nº 13 - Bairro Conjunto Prisco Viana - Cidade Barra dos Coqueiros - Estado de Sergipe venho por meio desta denunciar que eu fui ao Conselho Regional de Odontologia do Estado de Sergipe situado à rua Vila Cristina, nº 589 Aju-Sergipe. Falei com a moça que atende logo na entrada, agente tem que passar por ela pra chegar ao Presidente.

Contei para ela o que houve e ela me respondeu se fosse estudante nada podia fazer. Ela se esqueceu que responsabilidade agente tem desde o Jardim da Infância. E as minhas dores provocadas pela Dra Maria Célia? Não se leva em considerações? E por ser estudante pode errar? A moça do Conselho Regional de Odontologia do Estado de Sergipe me respondeu também que eu fosse atrás do CRO da Dra Maria Célia e fizesse um ofício e mandasse ao Presidente.

Eu disse para ela olha a parte que ela fez nos meus dentes?

Ela arrombou com os meus dentes. Ela continuou dizendo que eu fizesse um ofício e mandasse para o Presidente.

E para onde vão as dores? Eu sai do Conselho Regional de Odontologia do Estado de Sergipe e fui até o consultório da Dra Maria do Socorro Amorim CRO 543-SE responsável pelo mesmo e pela Dra Maria Célia.

Chegando ao consultório perguntei pela Dra Maria Célia, e a moça do consultório me respondeu que ela não estava. Eu pedi o CRO da Dra Maria Célia ela disse que não tinha, só tinha o da Dra Maria do Socorro Amorim que era responsável pelo consultório.

Eu sai fui embora e resolvi fazer a denúncia para todos os Estados do Brasil.

Um dos dentes ela comeu o miolo, ela comeu o meio do dente, ela comeu tanto, quando a obturação caiu eu senti tanta dor, que é a falta do dente no próprio dente. E continuo sentindo. As dores são horríveis Dores provocadas. O outro dente ela perfurou, comeu tanto que fez dois buracos. Eu só fui sentir porque as obturações caíram e ficaram os buracos.

Atrás do dente ela fez uma cova.

Essa a forma que eu ~~passou~~ passei.

Quando ela fez as obturações, ela a Dra. Maria Célia mandou que eu só comesse no outro dia às 8:00 da manhã. E eu obedeci. Só comi mingau de maizena. Os dentes foram obturados de manhã. Eu fiquei o resto da manhã, à tarde toda e à noite toda, sem comer nada. Só fui comer às 8:00 da manhã do outro dia.

Eu não reagi na hora que ela estava fazendo as obturações porque os dentes foram anestesiados. Eu não senti nada. Só estou vendo o que a Dra. Maria Célia fez aos meus dentes porque as obturações caíram.

Só não volto na Dra. Maria Célia porque quando eu voltei a primeira vez para ela tapar os buracos eu disse para ela que eu não tinha comido nada só mingau de maizena e só fui comer no outro dia, e mesmo assim as obturações caíram.

Depois de tanta fome que eu passei mesmo assim as obturações estavam caindo. Ela negou disse que só tinha dito para eu não usar batom para não manchar.

A Dra. Maria Célia não assumiu o que disse.

Os dois buracos estão visíveis.

São dois dentes da frente e na parte superior.

Eu, Maria da Conceição Leite de Lima, tendo o maior susto quando olhei no espelho e vi um dos dentes com dois buracos, bem redondinhos feito com a broca do motor.

Eu, Maria da Conceição Leite de Lima, não sou tão burra para ficar calada.

O certo era a moça do Conselho Regional de Odontologia do Estado de Sergipe me dirigir imediatamente ao Presidente.

As dores de cabeça e as dores nos dentes provocados e a sensação quando eu passo a língua por trás dos dentes, eu sinto uma cola e os buracos.

Atenciosamente,

Maria da Conceição Leite de Lima
Rua I nº 43 - Conjunto Prisco Viana
49/40000 Barra dos Coqueiros
Sergipe

2ª denúncia

ANEXO 03
GRADE HORÁRIA

HORÁRIO ANO : 1998 2º SEMESTRE : PERÍODO 1º B

Aulas teóricas sala 01

MANHA	2 FEIRA	3 FEIRA	4 FEIRA	5 FEIRA	6 FEIRA	SABADO
7h30	Anatomia A-B Tupiná / Bioq. C P Mauro	Anatomia C-D P Tupiná	Imuno. A P Lia / Citologia C P Pablina	F.C.S Antropologia A-B-C-D T Sandra Mattar		
8h20	Anatomia A-B Tupiná / Bioq. C P Mauro	Anatomia C-D P Tupiná	Imuno. A P Lia / Citologia C P Pablina	F.C.S Antropologia A-B-C-D T Sandra Mattar		
9h30	Bioquimica A-B-C-D T Mauro	Anatomia A-B-C-D T Tupiná	Imuno. C P Lia	Bioquimica. B P Mauro M.		
10h20	Bioquimica A-B-C-D T Mauro	Anatomia A-B-C-D T Tupiná	Imuno. C P Lia	Bioquimica. B P Mauro M.		
11h10	Anatomia A-B P Tupiná	Anatomia C-D P Tupiná	Imuno. B P Lia			
12h00	Anatomia A-B P Tupiná	Anatomia C-D P Tupiná	Imuno. B P Lia			
TARDE	**2 FEIRA**	**3 FEIRA**	**4 FEIRA**	**5 FEIRA**	**6 FEIRA**	**SABADO**
	Aulas teóricas sala 01					
13h30	Citologia A-B-C-D T Ana Cristina	Met. Cientifica A-B-C-D T Luiz Pilotto	Ed. Fisica A-B-C-D P			
14h20	Citologia A-B-C-D T Ana Cristina	Met. Cientifica A-B-C-D T Luiz Pilotto	Ed. Fisica A-B-C-D P	Met. Cientifica A-B-C-D T Luiz Pilotto		
15h30	Bioquimica. A P Mauro / Citologia B P Pablina		Imunologia A-B-C-D T Lia	Filosofia A-B-C-D T		
16h20	Bioquimica. A P Mauro / Citologia B P Pablina			Filosofia A-B-C-D T		
17h10	Citologia C P Pablina			Cultura e Cidadania A-B-C-D T Mariceia		
18h00	Citologia C P Pablina			Cultura e Cidadania A-B-C-D T Mariceia		

HORÁRIO ANO : 1998 2º SEMESTRE : PERÍODO 2º A

Aulas teóricas sala 05

MANHA	2 FEIRA	3 FEIRA	4 FEIRA	5 FEIRA	6 FEIRA	SABADO
7h30	Ed. Fisica P	Microbio. B P Ivone	Parasitologia A-B-C-D T A.C. Mira	Anatom. A-B Tupiná / Bioq. C Mauro		
8h20	Ed. Fisica P	Microbio. B P Ivone	Parasitologia A-B-C-D T A.C. Mira	Anatom. A-B Tupiná / Bioq. C Mauro		
9h30		Microbio C P Ivone / Histo. B P Pablina	Histo. A P Pablina	Anatomia A-B-C-D T Tupiná	Embrio. C P Leny	
10h20		Microbio C P Ivone / Histo. B P Pablina	Histo. A P Pablina	Anatomia A-B-C-D T Tupiná	Embrio. C P Leny	
11h10		Microb. A P Ivone	Histo. C P Pablina	Anato. C-D Tupina / Bioq. A P Mauro	Embriologia B P Leny	
12h00		Microb. A P Ivone	Histo. C P Pablina	Anato. C-D Tupina / Bioq. A P Mauro	Embriologia B P Leny	

TARDE	2 FEIRA	3 FEIRA	4 FEIRA	5 FEIRA	6 FEIRA	SABADO
	Aulas teóricas sala 05					
13h30	Histologia A-B-C-D T Pablina			Microbiologia A-B-C T Ivone	Filosofia II A-B-C-D T Antonio S. N.	
14h20	Histologia A-B-C-D T Pablina		Anat. Dental A - B T/P Koch Fº	Anat. Dental A-B-C-D T Koch Fº	Filosofia II A-B-C-D T Antonio S. N.	
15h30	Cultura e Cidadania A-B-C-D T MªRegina		Anat. Dental A -B T/P Koch Fº	Anat. Dental A-B-C-D T Koch Fº	Embriologia A-B-C-D T Leny	
16h20	Cultura e Cidadania A-B-C-D T MªRegina		Anat. Dental C - D T/P Koch Fº	Bioquimica B P Mauro	Embriologia A-B-C-D T Leny	
17h10	Bioquimica A B C D T Mauro		Anat. Dental C - D T/P Koch Fº	Bioquimica B P Mauro	Embriol. A P Leny	
18h00	Bioquimica A B C D T Mauro				Embriol. A P Leny	

HORÁRIO ANO : 1998 2º SEMESTRE : PERÍODO 3º B

Aulas teóricas sala 07

MANHA	2 FEIRA	3 FEIRA	4 FEIRA		5 FEIRA		6 FEIRA	SABADO
7h30	Fisiologia Geral A-B-C-D T Luiz F.			Micro. Odonto. C P Ivone				
8h20	Fisiologia Geral A-B-C-D T Luiz F.	Radio. Odont. A-B-C-D T Monir	Histo. Odonto. A P Ortolani	Micro. Odonto. C P Ivone	Histo. Odonto D P Ortolani	Radio. A-B P Monir Terto Ana		
9h30	Fisiologia Geral A-B P Luiz F.	Radio. Odont. A-B-C-D T Monir	Histo. Odonto. A P Ortolani	Micro. Odonto. B P Ivone	Histo. Odonto D P Ortolani	Radio. A-B P Monir Terto Ana		
10h20	Fisiologia Geral A-B P Luiz F.	Histo. Odonto. A-B-C-D T Ortolani	Histo. Odonto. C P Ortolani	Micro. Odonto. B P Ivone	Histo. Odonto B P Ortolani	Radio. C-D P Monir Terto Ana		
11h10	Fisiologia Geral C-D P Luiz F.	Histo. Odonto. A-B-C-D T Ortolani	Histo. Odonto. C P Ortolani	Micro. Odonto. A P Ivone	Histo. Odonto B P Ortolani	Radio. C-D P Monir Terto Ana		
12h00	Fisiologia Geral C-D P Luiz F.			Micro. Odonto. A P Ivone				
TARDE	**2 FEIRA**	**3 FEIRA**	**4 FEIRA**		**5 FEIRA**		**6 FEIRA**	**SABADO**
	Aulas teóricas sala 7							
13h30	Genetica A-B P Cleuza	Ergonomia A-B-C-D T Sandra	Psicologia A-B-C-D T Telma					
14h20	Genetica A-B P Cleuza	Ergonomia A-B-C-D T Sandra	Psicologia A-B-C-D T Telma		Micro. Odonto. A-B-C-D T Ivone			
15h30	Genetica A-B-C-D T Cleuza	Patologia Geral A-B-C-D T Luiz Pilotto	Teologia A-B-C-D T Delirio		Patologia Geral A-B-C-D T Luiz Pilotto			
16h20	Genetica C-D P Cleuza	Patologia Geral A-B-C-D T Luiz Pilotto	Teologia A-B-C-D T Delirio		Patologia Geral A-B-C-D T Luiz Pilotto			
17h10	Genetica C-D P Cleuza	Patologia Geral A-B P Luiz Pilotto Joyne			Patologia Geral C-D P Luiz Pilotto Joyne			
18h00		Patologia Geral A-B P Luiz Pilotto Joyne			Patologia Geral C-D P Luiz Pilotto Joyne			

HORÁRIO ANO : 1998 2º SEMESTRE : PERÍODO 4º A

		sala 18	sala 02	sala 06	sala 06		
MANHA	**2 FEIRA**	**3 FEIRA**	**4 FEIRA**		**5 FEIRA**	**6 FEIRA**	**SABADO**
7h30	P.B.D. B-C P Pilotto Gambus	Semiologia A-B-C-D T Narcizo	Radio. Odonto. A-B-C-D T Monir		Semiologia A-B-C-D T Narcizo		
8h20	P.B.D. B-C P Pilotto Gambus	Semio A-B P Narciso Julio Gambus	Radio. Odonto. A-B P Monir Terto Fernando		Semiologia C-D P Narcizo Julio Gambus	Escultura A-B P Marise Vitorio	
9h30	P.B.D. B-C P Pilotto Gambus	Semio A-B P Narciso Julio Gambus	Radio. Odonto. A-B P Monir Terto Fernando		Semiologia C-D P Narcizo Julio Gambus	Escultura A-B P Marise Vitorio	
10h20	P.B.D. B-C P Pilotto Gambus	Semio A-B P Narciso Julio Gambus	Radio. C-D P Monir Terto Fernando	Farmaco A P Otton	Semiologia C-D P Narcizo Julio Gambus	Escultura C-D P Marise Vitorio	
11h10	Patologia Buco D. A-B-C-D T Luiz Pilotto	Semio A-B P Narciso Julio Gambus	Radio. C-D P Monir Terto Fernando	Farmaco A P Otton	Semiologia C-D P Narcizo Julio Gambus	Escultura C-D P Marise Vitorio	
12h00	Patologia Buco D. A-B-C-D T Luiz Pilotto						
TARDE	**2 FEIRA**	**3 FEIRA**	**4 FEIRA**		**5 FEIRA**	**6 FEIRA**	**SABADO**
	sala 02	sala 06	sala 02			sala 02	
13h30		Cariologia A-B-C-D T Simone M.	Farmacologia A-B-C-D T Otton			Mat. Dentarios A-B-C-D T Rosena	
14h20	Fisiologia Odonto. A-B-C-D T/P Renato Marini	Cariologia A-B-C-D T Simone M.	Farmacologia A-B-C-D T Otton			Mat. Dentarios A-B P Paulo Rosena	
15h30	Fisiologia Odonto. A-B-C-D T/P Renato Marini	Teologia A-B-C-D T Delirio	Farmac. B P Otton	P.B.D. A-D P Pilotto Gambus		Mat. Dentarios A-B P Paulo Rosena	
16h20	Fisiologia Odonto. A-B-C-D T/P Renato Marini	Teologia A-B-C-D T Delirio	Farmac. B P Otton	P.B.D. A-D P Pilotto Gambus		Mat. Dentarios A-B P Paulo Rosena	
17h10	Fisiologia Odonto. A-B-C-D T/P Renato Marini		Farmac. C P Otton	P.B.D. A-D P Pilotto Gambus		Mat. Dentarios A-B P Paulo Rosena	
18h00			Farmac. C P Otton	P.B.D. A-D P Pilotto Gambus			

HORÁRIO ANO : 1998 2º SEMESTRE : PERIODO 5º B

Aulas teóricas sala 01

MANHA	2 FEIRA	3 FEIRA		4 FEIRA	5 FEIRA		6 FEIRA	SABADO
7h30	Mat.Dentarios A-B-C-D T Paulo						Terap.Medica. A-B-C-D T Dino	Oclusão A-B P Marco Feres Carlos Moresca
8h20	Mat. Dentarios A-B P Toni e Paulo	Cirurgia C-D P Guariza Ana Cavali	Odonto Prev. A Eliane	Endo C-D P Erica e Ana Luiz	Cirurgia A-B P Ana B. Cavali Guariza	Dentistica C-DP Rolf Eduardo	Terap. Medicamen. A-B P Dino	Oclusão A-B P Marco Feres Carlos Moresca
9h30	Mat. Dentarios A-B P Toni e Paulo	Cirurgia C-D P Guariza Ana Cavali	Odonto Prev. A Eliane	Endo C-D P Erica e Ana Luiz	Cirurgia A-B P Ana B. Cavali Guariza	Dentistica C-DP Rolf Eduardo	Terap. Medicamen. A-B P Dino	Oclusão T A-B-C-D T Marco Feres
10h20	Mat. Dentarios C-D P Toni e Paulo	Cirurgia C-D P Guariza Ana Cavali	Odonto Prev. B Eliane	Endo C-D P Erica e Ana Luiz	Cirurgia A-B P Ana B. Cavali Guariza	Dentistica C-DP Rolf Eduardo	Terap. Medicamen. A-B P Dino	Oclusão C-D P Marco Feres Carlos Moresca
11h10	Mat. Dentarios C-D P Toni e Paulo	Cirurgia C-D P Guariza Ana Cavali	Odonto Prev. B Eliane	Endo C-D P Erica e Ana Luiz	Cirurgia A-B P Ana B. Cavali Guariza	Dentistica C-DP Rolf Eduardo	Terap. Medicamen. A-B P Dino	Oclusão C-D P Marco Feres Carlos Maresca
12h00								

TARDE	2 FEIRA	3 FEIRA	4 FEIRA	5 FEIRA	6 FEIRA	SABADO
	sala 01	sala 05	sala 01	sala 06	sala 01	
13h30	Dentistica A-B P Maristela Eduardo	Odonto Legal A-B-C-D T Beatriz	Endo A-B-C-D T Erica	Odonto. Prev. A-B-C-D T Simone M.	Cirurgia A-B-C-D T Cavali	
14h20	Dentistica A-B P Maristela Eduardo	Odonto Legal A-B-C-D T Beatriz	Endo A-B-C-D T Erica	Odonto Prev. C P Eliane	Cirurgia A-B-C-D T Guariza	
15h30	Dentistica A-B P Maristela Eduardo		Endo A-B P Erica e Ana Luiz	Odonto Prev. C P Eliane		
16h20	Dentistica A-B P Maristela Eduardo		Endo A-B P Erica e Ana Luiz	Odonto Prev. D P Eliane		
17h10	Dentistica A-B-C-D T Sergio		Endo A-B P Erica Ana Luiz	Odonto Prev. D P Eliane		
18h00	Dentistica A-B-C-D T Sergio		Endo A-B P Erica Ana Luiz			

HORÁRIO ANO : 1998 2º SEMESTRE : PERIODO 6º A

	sala 03	sala 01	sala 01		sala 03	sala 03	
MANHA	**2 FEIRA**	**3 FEIRA**	**4 FEIRA**		**5 FEIRA**	**6 FEIRA**	**SABADO**
7h30	Endodontia A-B-C-D- T Vania	Orient. Prof. A-B-C-D T Eduardo	Cirurgia II A-B-C-D T Cavali		Prot. Rem. A-B-C-D T Koch	Dentistica A-B-C-D T Sergio	
8h20	Endodontia A-B-C P Ari - Rosilene Vania	Orient. Prof. A-B-C-D T Eduardo	Cirur II A-B Shiroma Claris Cavali	Odont. Social C Ernesto	Prot. Rem. C-D P Koch Casagrande	Dent. A-B P Maristela Sandra Perio C-D P Rosang. Sung	Dent. C-D P Robson Eduardo
9h30	Endodontia A-B-C P Ari - Rosilene Vania		Cirur II A-B Shiroma Claris	Odont. Social C Ernesto	Prot. Rem. C-D P Koch Casagrande	Dent. A-B P Maristela Sandra Perio C-D P Rosang. Sung	Dent. C-D P Robson Eduardo
10h20	Endodontia A-B-C P Ari - Rosilene Vania		Cirur II A-B Shiroma Claris	Odont. Social D Ernesto	Prot. Rem. C-D P Koch Terezinha	Dent. A-B P Maristela Sandra Perio C-D P Rosang. Sung	Dent. C-D P Robson Eduardo
11h10	Endodontia A-B-C P Ari - Rosilene Vania		Cirur II A-B Shiroma Claris	Odont. Social D Ernesto	Prot. Rem. C-D P Koch Terezinha	Dent. A-B P Maristela Sandra Perio C-D P Rosang. Sung	Dent. C-D P Robson Eduardo
12h00							
TARDE	**2 FEIRA**	**3 FEIRA**	**4 FEIRA**		**5 FEIRA**	**6 FEIRA**	**SABADO**
		sala 13	sala 13		sala 13		
13h30	Endodontia D P Ari	Prot. Rem A-B-C-D T Koch	Odonto Social A-B-C-D T Ernesto		Periodontia A-B-C-D T Sung		
14h20	Endodontia D P Ari	Prot. Rem. A-B P Julio Koch Fº	Odonto Social A P Ernesto		Perio A-B P Rosangela Sung		
15h30	Endodontia D P Ari	Prot. Rem. A-B P Julio Koch Fº	Odonto Social A P Ernesto		Perio A-B P Rosangela Sung	Cirurgia II C-D P Cavali - Ana Braga Guariza	
16h20	Endodontia D P Ari	Prot. Rem. A-B P Julio Koch Fº	Odonto Social B P Ernesto		Perio A-B P Rosangela Sung	Cirurgia II C-D P Cavali - Ana Braga Guariza	
17h10		Prot. Rem. A-B P Julio Koch Fº	Odonto Social B P Ernesto		Perio A-B P Rosangela Sung	Cirurgia II C-D P Cavali - Ana Braga Guariza	
18h00						Cirurgia II C-D P Cavali - Ana Braga Guariza	

HORÁRIO ANO : 1998 2º SEMESTRE : PERIODO 7º B

	sala 05		sala 05		sala 07				sala 07			
MANHA	**2 FEIRA**		**3 FEIRA**		**4 FEIRA**		**5 FEIRA**		**6 FEIRA**		**SABADO**	
7h30	Periodontia A-B-C-D T Ricardo		Prot. Fixa A-B-C-D T Marise		Prot. Rem. A-B-C-D T Casagrande				O. Pediatria A-B-C-D T Alaor			
8h20	Perio A-B P Paulo Ricardo	O. Ped. D P Ana	Endo A-B P Rosilene Vania	P. Fixa C-D P Rosena Eleanara	P. Rem A-B P Koch Casagran Terezinh	Endo C-D P Rosilene Vania	Cirurgia A-B P Marina Santo Shiroma	Dent. C-D P Mariste-la Sergio	Cirurgia C-D P Claris Marina Shiroma	O. Ped. A P Alaor	O. Pediatria C P Eduardo	
9h30	Perio A-B P Paulo Ricardo	O. Ped. D P Ana	Endo A-B P Rosilene Vania	P. Fixa C-D P Rosena Eleanara	P. Rem A-B P Koch Casagran Terezinh	Endo C-D P Rosilene Vania	Cirurgia A-B P Marina Santo Shiroma	Dent. C-D P Mariste-la Sergio	Cirurgia C-D P Claris Marina Shiroma	O. Ped. A P Alaor	O. Pediatria C P Eduardo	
10h20	Perio A-B P Paulo Ricardo	O. Ped. D P Ana	Endo A-B P Rosilene Vania	P. Fixa C-D P Rosena Eleanara	P. Rem A-B P Koch Casagran Terezinh	Endo C-D P Rosilene Vania	Cirurgia A-B P Marina Santo Shiroma	Dent. C-D P Mariste-la Sergio	Cirurgia C-D P Claris Marina Shiroma	O. Ped. A P Alaor	O. Pediatria C P Eduardo	
11h10	Perio A-B P Paulo Ricardo	O. Ped. D P Ana	Endo A-B P Rosilene Vania	P. Fixa C-D P Rosena Eleanara	P. Rem A-B P Koch Casagran Terezinh	Endo C-D P Rosilene Vania	Cirurgia A-B P Marina Santo Shiroma	Dent. C-D P Mariste-la Sergio	Cirurgia C-D P Claris Marina Shiroma	O. Ped. A P Alaor	O. Pediatria C P Eduardo	
12h00												
TARDE	**2 FEIRA**		**3 FEIRA**		**4 FEIRA**		**5 FEIRA**		**6 FEIRA**		**SABADO**	
las teóricas	sala 07				sala 18				sala 07			
13h30	P. Rem C-D P Julio Toni	O. Ped. B P Ana	P. Fixa A-B P Rosena Marise		Ortodontia A-B-C-D T L. R. Essenfelder		Dent. A-B P Rolf Sandra	Perio C-D P Paulo Ricardo	O. Preventiva A-B-C-D T Simone M.			
14h20	P. Rem C-D P Julio Toni	O. Ped. B P Ana	P. Fixa A-B P Rosena Marise		Ortodontia A-B P Hiroshi Odilon Orlando		Dent. A-B P Rolf Sandra	Perio C-D P Paulo Ricardo	O. Preventiva A-B P Simone M. Ernesto			
15h30	P. Rem C-D P Julio Toni	O. Ped. B P Ana	P. Fixa A-B P Rosena Marise		Ortodontia A-B P Hiroshi Odilon Orlando		Dent. A-B P Rolf Sandra	Perio C-D P Paulo Ricardo	O. Preventiva A-B P Simone M. Ernesto			
16h20	P. Rem C-D P Julio Toni	O. Ped. B P Ana	P. Fixa A-B P Rosena Marise		Ortodontia C-D P Hiroshi Odilon Orlando		Dent. A-B P Rolf Sandra	Perio C-D P Paulo Ricardo	O. Preventiva C-D P Simone M. Ernesto			
17h10	Odontopediatria A-B-C-D T Ana				Ortodontia C-D P Hiroshi Odilon Orlando				O. Preventiva C-D P Simone M. Ernesto			
18h00												

HORÁRIO ANO : 1998 2º SEMESTRE : PERIODO 8º A

	sala 22	sala 06	sala 22	sala 22	sala 22	
MANHA	**2 FEIRA**	**3 FEIRA**	**4 FEIRA**	**5 FEIRA**	**6 FEIRA**	**SABADO**
7h30	Diag. Bucal A-B-C-D T Julio B.	Cirurgia IV A-B-C-D T Santo	Prot. Fixa A-B-C-D T Rosena	Odonto Social A-B-C-D T Ernesto	O. Pediatria A-B-C-D T Eduardo	
8h20	Cirurgia C-D P Claris Marina Shiroma / Diag. B. A-B P Mauro Julio B.	Cirurgia A-B Marina Santo Shiroma / O. Ped. D P Ana K.	Prot. Fixa C-D P Rosena Elenara	O. Social A-B P Marise Ernesto	O. Ped. C P Eduardo	D.E.P.P A-B-C-D P Sergio - Koch Luiz - Marise Rosangela
9h30	Cirurgia C-D P Claris Marina Shiroma / Diag. B. A-B P Mauro Julio B.	Cirurgia A-B Marina Santo / O. Ped. D P Ana K.	Prot. Fixa C-D P Rosena Elenara	O. Social A-B P Marise Ernesto	O. Ped. C P Eduardo	D.E.P.P A-B-C-D P Sergio - Koch Luiz - Marise Rosangela
10h20	Cirurgia C-D P Claris Marina Shiroma	Cirurgia A-B Marina Santo / O. Ped. D P Ana K.	Prot. Fixa C-D P Rosena Elenara	O. Social C-D P Marise Ernesto	O. Ped. C P Eduardo	D.E.P.P A-B-C-D P Sergio - Koch Luiz - Marise Rosangela
11h10	Cirurgia C-D P Claris Marina Shiroma	Cirurgia A-B Marina Santo / O. Ped. D P Ana K.	Prot. Fixa C-D P Rosena Elenara	O. Social C-D P Marise Ernesto	O. Ped. C P Eduardo	D.E.P.P A-B-C-D P Sergio - Koch Luiz - Marise Rosangela
12h00						
TARDE	**2 FEIRA**	**3 FEIRA**	**4 FEIRA**	**5 FEIRA**	**6 FEIRA**	**SABADO**
	Aulas teóricas 18					
13h30	D.E.P.P A-B-C-D P Robson Erica Casa Rosena Rosangela	O. Pacient. Espec. A-B-C-D T Alaor	P. Fixa A-B P Rosena Marise	Ortodontia A-B-C-D T J.C.Cunha	O. Ped. A-B P Alaor Eduardo	
14h20	D.E.P.P A-B-C-D P Robson Erica Casa Rosena Rosangela	O. Pacient. Espec. C-D P Alaor Andrea	P. Fixa A-B P Rosena Marise	Ortodontia A-B P J.C.Cunha J. Henrique	O. Ped. A-B P Alaor Eduardo	
15h30	D.E.P.P A-B-C-D P Robson Erica Casa Rosena Rosangela	O. Pacient. Espec. C-D P Alaor Andrea	P. Fixa A-B P Rosena Marise / Diag. B. C-D P Mauro Julio B.	Ortodontia A-B P J.C.Cunha J. Henrique	O. Ped. A-B P Alaor Eduardo	
16h20	D.E.P.P A-B-C-D P Robson Erica Casa Rosena Rosangela	O. Pacient. Espec. A-B P Alaor Andrea	P. Fixa A-B P Rosena Marise / Diag. B. C-D P Mauro Julio B.	Ortodontia C-D P J.C.Cunha J. Henrique	O. Ped. A-B P Alaor Eduardo	
17h10		O. Pacient. Espec. A-B P Alaor Andrea	Diag. Bucal A-B-C-D T Mauro	Ortodontia C-D P J.C.Cunha J. Henrique		
18H00						

HORÁRIO ANO : 1998 2º SEMESTRE : PERÍODO 9º B

MANHA	2 FEIRA	3 FEIRA	4 FEIRA	5 FEIRA	6 FEIRA	SÁBADO
7h30	sala 23					
8h20	C. I. A-B Cavali	C.I A-B Casagrande Tertuliano Maria Helena Machado	C.I A-B Dino Rolf Toni Maria Helena	C.I A-B Dino Machado Terezinha Maria Helena	C.I A-B Casagrande Tertuliano Eunice Machado	
9h30	C. I. A-B Cavali	C.I A-B Casagrande Tertuliano Maria Helena Machado	C.I A-B Dino Rolf Toni Maria Helena	C.I A-B Dino Machado Terezinha Maria Helena	C.I A-B Casagrande Tertuliano Eunice Machado	
10h20	C. I. A-B Cavali	C.I A-B Casagrande Tertuliano Maria Helena Machado	C.I A-B Dino Rolf Toni Maria Helena	C.I A-B Dino Machado Terezinha Maria Helena	C.I A-B Casagrande Tertuliano Eunice Machado	
11h10		C.I A-B Casagrande Tertuliano Maria Helena Machado	C.I A-B Dino Rolf Toni Maria Helena	C.I A-B Dino Machado Terezinha Maria Helena	C.I A-B Casagrande Tertuliano Eunice Machado	
12h00						
TARDE	**2 FEIRA**	**3 FEIRA**	**4 FEIRA**	**5 FEIRA**	**6 FEIRA**	**SABADO**
13h30	sala 10					
14h20	C.I C-D Cavali	C.I C-D- Ana Cavali Eunice Elenara Ana Braga.	C.I C-D Eunice Guariza Elenara M.Helena	C.I C-D Ana Cavali Thomaz Elenara Ana Braga.	C.I C-D Rosilene Terezinha Eunice Ana Keil	
15h30	C.I C-D Cavali	C.I C-D- Ana Cavali Eunice Elenara Ana Braga.	C.I C-D Eunice Guariza Elenara M.Helena	C.I C-D Ana Cavali Thomaz Elenara Ana Braga.	C.I C-D Rosilene Terezinha Eunice Ana Keil	
16h20	C.I C-D Cavali	C.I C-D- Ana Cavali Eunice Elenara Ana Braga.	C.I C-D Eunice Guariza Elenara M.Helena	C.I C-D Ana Cavali Thomaz Elenara Ana Braga.	C.I C-D Rosilene Terezinha Eunice Ana Keil	
17h10		C.I C-D- Ana Cavali Eunice Elenara Ana Braga.	C.I C-D Eunice Guariza Elenara M.Helena	C.I C-D Ana Cavali Thomaz Elenara Ana Braga.	C.I C-D Rosilene Terezinha Eunice Ana Keil	
18h00						